Discos voadores e seres extraterrestres no folclore brasileiro

Estudo comparativo e analítico da interação de entidades alienígenas na formação, evolução e tradição folclórica em nosso país

Antonio Faleiro

COLEÇÃO BIBLIOTECA UFO 4

CB-04

COLEÇÃO BIBLIOTECA UFO

Textos científicos especializados na questão dos Objetos Voadores Não Identificados

Editor:
A. J. Gevaerd

Consultores:

Ademar Eugênio de Mello, Luiz Gonzaga Scortecci Paula, Irene Granchi, Chica Granchi, Ubirajara Rodrigues, Jean Alencar, Claudeir Covo, Daniel Rebisso Giese, Dioclécio Luz, Roberto Beck, José Victor Soares, Lucio Manfredi, Rafael Cury, Romio Cury, Jaime Lauda, Tales Cabral, Gal. Alfredo Uchôa, Marco A. Petit, Reginaldo de Athayde, Antonio Faleiro, Monica B. Batello Jação, Ney Matiel Pires, Walter Bühler, Arismaris B. Dias, Ernesto Bono, Maria do Socorro Borges, Orlando Souza Barbosa Jr., Gerson M. Britto, Alberto Romero, Belkiss Pontes, Flávio Leal, Flávio Pereira, Luciano Stancka e Silva.

Produção e administração:

Arte-final: A. J. Gevaerd
Composição: Equipe UFO
Fotolitos: Militons Ltda.
Impressão: Sergraph Ltda.
Assinaturas: Andréa Barros
Secretária: Luciene Cesário
Ass. Produção: Rogério Souto

Circulação:

Fernando Chinaglia Distribuidora S.A. (FCDSA), Rio de Janeiro (RJ).

Responsabilidade:

CBPDV

Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores

Caixa Postal 2182,
R. Bezerra de Menezes, 68
79021 Campo Grande (MS).
Fone (067) 384-3921.
Brasil.

CGC 16024895/0001-34
Insc. Est. 28248804-9

Este documento foi produzido para dar suporte ao trabalho de divulgação da problemática ufológica desenvolvido pelo **Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores (CBPDV)**, através de seu veículo oficial e única publicação ufológica nacional especializada no assunto:

Revista UFO

É expressamente proibida a reprodução do conteúdo desta obra, ou parte dela, sem autorização escrita do editor. Permite-se, excepcionalmente, a extração de um máximo de 300 palavras deste documento para fins bibliográficos ou de divulgação. **Copyright solicitado, 1991.**

1ª Edição: Novembro de 1991 - Número 4 - Tiragem total desta edição: 1.000 exempl.

Discos voadores e seres extraterrestres no folclore brasileiro:

Estudo comparativo e analítico da interação de entidades alienígenas na formação, evolução e tradição folclórica brasileira.

Antonio P. S. Faleiro

INTRODUÇÃO:

A importância de se conhecer o folclore e sua ligação com o Fenômeno UFO

Ficcionistas existem desde as mais remotas épocas da Humanidade. No entanto, não deixamos nossa mente vagar para que dela fluíssem idéias fantásticas para escrevermos esta obra. Buscamos em nosso próprio passado, isso sim, fatos reais que até o presente são considerados como mitos e lendas. Pesquisamos a fundo o folclore brasileiro para mostrarmos nele a presença de objetos voadores não identificados (OVNIs ou UFOs) e, após minucioso estudo, chegamos à conclusão de que estes engenhos extraterrestres estão presentes em nosso território desde datas que antecedem ao seu descobrimento. Assim, pudemos constatar que os ditos "fantasmas", as "assombrações", as tais lendas e os mitos "ígneos" são, na realidade, frutos de avistamentos de naves tripuladas, de sondas teleguiadas e de seres inteligentes oriundos de outros planetas. Essas visitas ao nosso mundo podem ser documentadas em muitos lugares, especialmente nas regiões rurais brasileiras. As "bolas de fogo", os chamados "faróis", as "luzes" e os "seres estranhos" são comumentes vistos à noite nos municípios brasileiros. E, através de vigílias noturnas, pudemos constatar pessoalmente o fenômeno em muitos lugares.

Nosso trabalho é fruto de uma pesquisa sincera de mais de 25 anos na região de Passa Tempo, município de Minas Gerais e local de grande incidência ufológica, assim como nos municípios vizinhos. Em nossos freqüentes contatos com os moradores rurais desta região, pudemos ganhar uma larga experiência no assunto, já que os UFOs verdadeiramente fazem parte da paisagem noturna de muitos desses lugares - e de centenas de outros, em todo o mundo. Estes moradores rurais chegaram a nos indicar locais de pouso, rotas e épocas de maior incidência desses engenhos, permitindo-nos conhecê-los a fundo e, com isso, também conscientizar a população para o fato de que as supostas assombrações, os tão temidos fantasmas, as lendas e os mitos são, em realidade, produto de tecnologia extraterrestre. No entanto, versões e mais versões desses avistamentos noturnos estão espalhadas pelo Brasil afora e 99% da população rural do Brasil, hoje, ainda não têm conhecimento do Fenômeno UFO. Assim, a partir de 1978, lançamo-nos diretamente na "caça" aos UFOs, através de numerosas vigílias noturnas, e pudemos vê-los por dezenas vezes, pudemos fazer várias fotografias e até conhecer alguns dos seus aspectos, que descreveremos amplamente nessa obra.

Não só no Brasil os UFOs foram erroneamente denominados e interpretados como assombrações e lendas - o que se deu por falta de conhecimento de nossos antepassados que, sem poderem explicar o que viam, criaram histórias sobrenaturais. Por todo o planeta existem provas da presença extraterrestre, através de todas as épocas da história. Estas provas nos falam de coisas estranhas como "escudos voadores", "altares no céu", "dragões", "trombetas chamantes", "círculos de fogo", "anjos resplandecentes", "cruzes voadoras", "navios aéreos", "sóis noturnos", "estrelas voadoras" etc. Nossos antepassados deixaram tais provas registradas em livros, documentos antiquíssimos, pinturas rupestres, esculturas etc. Nos livros sagrados de muitas religiões podemos ver a presença extraterrestre nitidamente descrita, como por exemplo: Gilgames teve suas visões de seres espaciais; Manu contactou Brama; Zoroastro viu Ahura Masda sob luzes, raios e trovões; Buda teve seus contatos com seres inteligentes de outros mundos; Joseph Smith, nos seus encontros com anjos que subiam e desciam em poços de luz, fundou a religião Mórmon; Moisés e Abraão tiveram seus contatos com seres que utilizavam naves resplandecentes que pousavam queimando tudo ao seu redor, expelindo fogo e fumaça; Ezequiel teve um encontro com uma carruagem de fogo etc. Todos esses contatos deram origem às nossas religiões. Mais ainda, essas visitas extraterrestres foram interpretadas como de origem divina, já que aqueles que viveram no passado jamais poderiam imaginar máquinas voadoras e a existência de vida em outros planetas.

Assim, tudo foi transmitido de geração em geração, chegando até nossos dias. Atualmente, existem centenas de obras que nos mostram a presença extraterrestre no passado, e já não temos dúvida alguma de que somos visitados por seres de outros mundos. Somente resta-nos buscar as respostas para tais visitas, resta-nos saber o que estes seres querem de nós e porque não fazem contato direto no presente? Essas são interrogações cujas respostas ainda não foram encontradas por nenhum ufólogo mas, no futuro, cremos que haverá um contato direto com civilizações extraterrestres, à medida em que avançarmos na conquista espacial - isso, é claro, se antes não destruirmos nosso planeta com uma guerra nuclear, enquanto, do alto, esses seres que nos pesquisam contemplarão nosso sofrimento sem poder intervir. Enquanto os sonhos de muitos terráqueos permanecem ignorados, devemos juntar dados e mais dados para solucionar esse quebra-cabeças milenar que é o Fenômeno UFO. Nosso interesse é contribuir com uma pequena parcela, mostrando a realidade e a antigüidade destas máquinas em território brasileiro. Esperamos que nossa modesta obra seja útil para aqueles que, como nós, buscam a verdade e a união cósmica, que é o real objetivo do Criador.

O autor.

Dedicatória

Esta obra é dedicada a meu pai, Antonio de Souza Faleiro, que me guiou nos primeiros passos em busca das civilizações extraterrestres que visitam tão insistentemente a Terra.

CAPITULO 1

Os UFOs são vistos como animais noturnos

Antes dos portugueses chegarem ao Brasil, nossos nativos já tinham criado suas próprias denominações para os avistamentos de naves extraterrestres (OVNIs ou UFOs) daquela época. É claro que muitos contatos de todos os graus com extraterrestres tiveram lugar no passado, com nossos indígenas, para que esses interpretassem as naves ou sondas observadas como animais, aves etc. Por outro lado, seus tripulantes, quando desciam das naves, eram vistos ora como demônios, ora como deuses, espíritos do mal ou do bem. No entanto, a denominação mais antiga que se deu a um UFO em território brasileiro foi a expressão **Mbai-tatá** . Sobre este fenômeno que surgia, o conhecido folclorista Luiz da Câmara Cascudo, em sua obra Geografia dos Mitos Brasileiros[1], nos diz o seguinte:

> "Em carta de São Vicente, datada de 31 de maio de 1560, o venerável José de Anchieta citou pela primeira vez o **Mbai-tatá** (**Baetatá**), traduzindo-o por 'cousa de fogo' ou 'o que é todo fogo'. **Mbai** (cousa) e **tatá** (fogo) davam, juntamente, essa versão. Quando aquele fogo vivo se deslocava, deixava um rastro luminoso, 'um facho cintilante correndo para ali', anotava o jesuita."

Eis a carta do próprio José de Anchieta, para que possamos constatar mais completamente sua descrição do fenômeno[2]:

> "Há também outros (fantasmas) máximes nas praias, que vivem a maior parte do tempo junto ao mar e dos rios e são chamados de 'que é todo fogo'. Mas não se vê outra coisa senão um facho cintilante correndo para ali; acomete rapidamente os índios e os mata como curupiras; o que seja isto não se sabe com certeza."

O texto de próprio punho de Anchieta nos mostra um engenho profusamente iluminado, 'um fogo vivo' que perseguia os índios com rapidez e os matava. É claro que se tratava de algo muito temido por eles. No entanto, é possível que a palavra 'matava' significasse apenas um desaparecimento ou rapto. Esses contatos ainda acontecem, na atualidade, com nossos moradores rurais, que muitas vezes se veêm perseguidos por luzes fortíssimas que os deixam apavorados, com olhos irritados, indisposições gerais e outros sintomas de radiação. O fato é que o **Mbai-tatá** nunca passou de um engenho luminoso, dirigido por uma inteligência que podia perseguir os indígenas.

Posteriormente à denominação de **Mbai-tatá**, o fenômeno sofreria novas tentativas de explicação. Na realidade, foram criadas várias outras teorias para se tentar explicá-lo, além de uma variedade muito grande de nomes e expressões semelhantes, todos representando animais de fogo. Pois os indígenas, ao verem aquilo se movimentar e observando que possuia forma própria, acreditavam estar realmente vendo um animal de fogo e, assim, o fenômeno passou a receber explicações que se referem a répteis, especialmente por sua movimentação ondulante e oscilatória, que nos lembra a de uma serpente.

Outro fenômeno que sempre ocorreu em nosso país e que foi confundido imediatamente com animais noturnos e incorporado em seguida à galeria de lendas do foclore brasileiro é o do **Mboi-guaçu** , tão presente em nossa

literatura. Vejamos um trecho colhido na obra Rio Grande do Sul - Antologia do Folclore Brasileiro[3], que traz interessantes citações:

> "**Mboi-guaçu** pegou a comer carniças. ...seu corpo foi ficando transparente, transparente, clareado pelos miles de luzezinhas dos tantos olhos que foram esmagados dentro deles, deixando cada qual a sua pequena restia de luz. E vai, afinal a **boiguaçu** toda já era uma luzerna, um clarão sem chamas, já era um fogaréu azulado e de luz amarela, triste e fria, saída dos olhos que fora guarda deles quando ainda estavam vivos. ...e na escuridão só se avistava o clarão baço da **Boitatá**. E foi então que a luz, que estava presa, se desatou por aí."

Na obra regionalista Contos Gauchescos e Lendas do Sul[4], que também descreve o fenômeno de maneira interessante, extraimos um trecho que representa muito bem uma face do folclore brasileiro:

> "No inverno, de antaguida, não aparece e dorme, talvez entoucada. Mas, de verão depois da quentura dos mormaços, começa então o seu fadário. A **Boitatá**, toda enroscada como uma **bola-tatá** de fogo, empeça a correr o campo, coxila abaixo, lomba acima, até horas da noite. É um fogo amarelo e azulado, que não queima a macega seca e nem aquenta as águas dos mananciais; e rola, gira, corre, corcovela e se despenca e arrebenta, apagando. E, quando um menos espera, aparece outra vez do mesmo jeito."

O **Mboi-guaçu** é uma lenda da série de mitos do ciclo da água. Equivale à famosa lenda da **Cobra Grande**, muito conhecida no interior do Brasil e com vários outros nomes variantes do original, tal como o **Cobra Maria**, como os nativos da Amazônia a conhecem, às márgens do Rio Solimões[5].

É imensa a quantidade de informações literárias que nos apontam observações de UFOs e sondas. Nos textos acima, por exemplo, vimos várias vezes a narrativa real da observação de um UFO, como na frase "um clarão sem chamas, já era um fogaréu azulado, de luz amarela, triste e fria". Esta descrição, em especial, nos lembra um avistamento ufológico que tivemos em 1970, ao entardecer de um determinado dia, juntamente com diversas pessoas de nossa cidade, Passa Tempo. Nessa oportunidade, vimos uma bola de fogo surgir a noroeste de onde estávamos, que, voando, passou para posição oeste do local; junto dela, observamos um leque azulado que variava ora para cima, ora para baixo. Esse avistamento foi amplamente divulgado pelo serviço de telejornalismo da antiga TV Itacolomi, de Belo Horizonte, já que em dezenas de cidades de Minas Gerais o UFO também foi visto.

Outra frase dos textos regionalistas apresentados neste capítulo também desperta atenção, como por exemplo: "...na escuridão, só se avistava o clarão baço do corpo da Boitatá". Tal clarão tem muitos depoimentos similares em nossa região para confirmá-lo. Temos a palavra de um morador rural de Passa Tempo, só para citar um caso, que nos dá conta de avistamentos noturnos em que a luminosidade do UFO chegava a clarear os locais por onde passava, mesmo voando a média altura. Vejamos outra citação regionalista: "Mas, de verão depois da quentura dos mormaços, começa então o seu fadário". O pessoal da zona rural, com quem convivemos e realizamos nossas pesquisas, sempre afirma que os UFOs surgem com mais freqüência ao aproximar-se o verão, nos meses de fim de ano. Mas, detectamos também

muitas ondas ufológicas - períodos curtos de grande concentração de observações - no inverno.

"Empeça a correr o campo, coxila abaixo, lomba acima, até horas da noite" é outra frase que nos apresenta descrição legítima de um fenômeno ufológico. Aliás, descarta totalmente a possibilidade de se tratar de um fato natural, como o fogo-fátuo, já que o fenômeno durava um certo tempo, tal como nos casos de observações de UFOs em que estes voam à baixa altura do solo, sempre acompanhando a depressão do terreno por onde passam, realizando suas misteriosas pesquisas. Nós mesmos já pudemos vê-los em ação por mais de 5 minutos na zona rural, procedendo à movimentações variadas à baixa altitude. "É um fogo amarelo e azulado, que não queima a macega seca e nem aquenta as águas dos mananciais". Nesta citação, em particular, é claro que o que se via no local onde tal descrição foi colhida, realmente, não era uma fonte de fogo, mas sim uma luz proveniente de algum tipo de energia ou outro sistema desconhecido por nós. E, justamente por ser desconhecido por nossos antepassados, estes imediatamemte pensaram tratar-se de uma alguma espécie de fogo que não queimava.

Para completar esta etapa de nosso estudo das lendas do foclore brasileiro, vamos analisar a seguinte frase: "...se despenca e arrebenta, apagando. E, quando um menos espera, aparece outra vez do mesmo jeito." Novamente, temos a descrição do comportamento típico do fenômeno ufológico. Os UFOs, em suas incursões noturnas, muitas vezes 'desligam' seu sistema de iluminação, desaparecendo por completo na escuridão, para acioná-lo apenas minutos depois e já em outro local adiante. Já presenciamos avistamentos desse tipo diversas vezes.

Outra lenda popular de grande conhecimento no Brasil é a do **Biatatá**, que é apenas uma nova explicação ou versão folclórica para o avistamento de um UFO, usada muito mais comumente na Bahia. Neste caso, o fenômeno já não é mais visto como a **Cobra de Fogo**, mas como uma espécie de 'mulher que cresce'. Diz o foclore, e já tivemos a oportunidade de documentar informações prestadas por alguns moradores da zona rural, que o **Biatatá** é também uma espécie de animal que cresce em tamanho e altura, quando é observado em suas incrusões. Algumas testemunhas oculares deste tipo de avistamento nos informaram terem visto sombras escuras que ficavam pairando sobre o local onde estavam. Nesse tipo de ocorrência, acreditamos que o UFO esteja às escuras, como que apagado, daí não ser vista luz alguma. E o fato de aparentar crescer de tamanho talvez esteja ligado à sua lenta descida sobre as testemunhas. Evidentemente, seu tamanho também oscilará, para menor, com sua ascenção ao espaço. Vejamos um exemplo, apresentado por Donald Pierson no texto Pretos e Brancos na Bahia, publicado no Dicionário das Mitologias Americanas[6]:

> "... uma mulher que habita o mar, aparecendo sobre a água apenas de noite e aumentando gradualmente seu tamanho até adquirir proporções enormes e lançar uma sombra imensa e aterrorizante."

Voltando às observações de UFOs que lembram - como assim também são tratados pelos observadores - o fenômeno natural do fogo-fátuo, é interessante conhecermos um pouco de sua história na região espanhola da América. Lá, o fogo-fátuo, que em sua versão como fenômeno puramente natural não é nada mais nada menos do que a combustão espontânea de gases emanados de corpos enterrados (cujas cores e brilho são ligeiramente próximas às apresentadas

por UFOs), é um mito ligado ao ciclo dos castigos corporais. Na obra Supersticiones y Leyendas, de Ambrosetti, também citada no Dicionário das Mitologias Americanas[6], está descrito:

> "Si los compadres, olvidando el sacramento sagrado que los une, no hicieram caso de el faltando y la comadre a sus deberes coyales con su compadre, de noche se transformaran en grandes serpientes o pajaros que tienem em vez de cabeza una llama de fuego. Estes pelearan toda la noche, enchadose chispas y queimadose mutuamente hasta la madrugada, para volver a comenzar a la noche seguinte, y ai per secula seculorum, aun despues de muertos."

E conclui o Dicionário, garantindo que pelo Nordeste brasileiro - e de modo especial em Alagoas -, segundo o historiador Teo Brandão, o mito do **Fogo Corredor** é aparentado com o primitivo **Boitatá** dos hispanos americanos. O texto acima, aliás, já nos mostra o **Boitatá** como uma espécie de 'alma penada' e, neste caso em particular, apresentando duas luzes. Também a um avistamento deste tipo já tivemos a oportunidade de presenciar, inclusive constatando pessoalmente que o objeto possuia uma luz azul-amarelada e outra avermelhada, enquanto movimentava-se no fundo de uma grota. Na verdade, aquilo era uma observação múltipla, do conjunto formado por uma nave tripulada e uma sonda teleguiada. Em outubro de 1978, vimos a nave pousada no topo de uma serra de Passa Tempo; o estranho objeto 'teleguiava' outras duas sondas menores, avermelhadas, para vários locais. Esses avistamentos são muito comuns em zonas rurais brasileiras.

O **Boitatá** ou **Biatatá** é mito nacional e sem fronteiras estaduais, mas no Rio Grande do Sul recebe novas versões, como a que nos descreve o historiador Augusto Meyer, em sua obra Guia do Folclore Gaúcho[7]:

> "O **Boitatá**. A versão gaúcha mais antiga desse mito é a de José Bernardino dos Santos, publicada na Revista do Partheonon Literário, em junho de 1869, e reproduzida por Apolinário Porto Alegre no seu Populário Riograndense. A versão de José Bernardino diverge muito das versões mais conhecidas e reproduz nitidamente a tradição ocidental do pacto com o diabo. A troco de sua fortuna multiplicada, um ilhéu rico e avarento vendeu a alma ao diabo; e tanto chamou pelo diabo que este lhe apareceu, disfarçado num touro osco negro, com guampas e olhos de fogo, resfolegando labaredas pelas ventas, com clinas de potro bagual, cauda de macaco e patas de tigre. Desde então, todas as noites na tapera assombrada, saltava línguas de fogo azulado, a perseguir os andantes; o ilhéu tinha morrido e essas luzes eram os pedaços de sua alma, que os diabos repartiram e que andam errando sempre entre o fogo. E é isto que é o **Boitatá**, um espírito mal que persegue a todos os pescadores."

E continua Augusto Meyer: "Alguma semelhança apresenta aquele touro osco negro com a descrição de Crispim Mira em Terras Catarinenes: 'É grande como um touro, com patas como as dos gigantes e com um enorme olho bem no meio da testa, a brilhar que nem um tição de fogo'". Mas, a versão mais popular no Rio Grande do Sul é da **Cobra de Fogo**, como conta a reista Cezinha Jaques, na obra os Assuntos do Rio Grande do Sul[8]:

> "Conta-se, entre a gauchada das estâncias, que nos passeios e viagens à noite aparece um fogo volante, às vezes em forma de cobra, outras

vezes em forma de pássaro voando na frente do cavaleiro, impedindo-lhe a marcha. É porém a crença entre a gente do campo de que o **Boitatá** se deixa atrair pelo ferro. E, então, o meio para ver-se livre do ataque dele consiste em desatar o laço dos tentos e arrastá-lo pela presilha, previamente presa à argola da chincha. Desde então, o **Boitatá**, atraído pelo ferro da argola do laço, deixa assim de embaraçar a marcha do andante, seguindo-o atrás e na altura do extremo do laço até amanhecer o dia, em que o abandona, deixando-o ir em paz."

Na transcrição acima, os avistamentos de UFOs são interpretados também como bisonhos elementos folclóricos, desta vez ou como um touro com olho de fogo ou como uma alma penada cuja missão é purgar pecados cometidos pela 'entidade' em vida, em forma de fonte luminosa. Assim, vamos acumulando um verdadeiro glossário de versões para explicar o **Boitatá**, desta vez com as extravagâncias do sul do país. Quanto às pessoas perseguidas por luzes estranhas no campo, normalmente montando animais, verificamos que tal fato é também muito comum também aqui em nossa região. E é interessante frisar que os animais usados na 'lida' percebem a presença dos UFOs antes mesmo que seus montadores (ou eles próprios, os animais) os vejam. Ou seja: mesmo antes de entrar no campo visual do conjunto animal-montador, o fenômeno já é nitidamente pressentido por aquele, que se recusa a seguir em frente ou, noutros casos mais graves, fica nervoso e chega até a se apresentar e bater em retirada, em galope frenético. Mas, vejamos o que dizem outros escritores sobre o Boitatá.

Teschauer aproxima a definição e atuação da **Cobra de Fogo** com a dos fenômenos **Teiú-iaguá** missioneiro, **Nhandutatá** e do **Carbúnculo** (apenas expressões variantes criadas no folclore para denominar o mesmo fenômeno), considerados como guardas de tesouros[9]. Já no Dicionário Didático e Popular da Língua Portuguesa, de Aires da Mata Machado Filho, encontramos a seguinte definição para o **Boitatá**[10]:

"**Boitatá.** Nome popular do fogo-fátuo, gênio que protege os campos contra os que os incendeiam; cobra de fogo; touro fabuloso que bota fogo pela venta e queima tudo. Também se diz **Baitatá** e **Batiatá.**"

Quando se fala em "gênio que protege os campos contra os que os incendeiam", vemos literalmente descrita uma situação típica relacionada com a manifestação extraterrestre em nosso meio e, em especial, no interior do país. Tal situação é de que os UFOs comumente surgem próximos às queimadas noturnas, talvez atraídos pelos clarões das mesmas, e tal aproximação é particularmente normal, também, quando se faz a queima de tijolos (o preparo do barro) na zona rural, nas caieiras. Também já tivemos várias oportunidades de presenciar UFOs próximos à queimadas, à noite, comportando-se exatamente como descrito na lenda, como que atraídos por imensa fonte luminosa.

Mas existem, enfim, muitas outras versões para denominar o **Boitatá**, cada uma criada de acordo com variadas circunstâncias, em regiões culturalmente diferentes e em épocas diversas. Cada cultura, cada situação regional atribui para o fenômeno - que é único em sua essência - uma explicação e, naturalmente, uma expressão própria para cada localidade. Por exemplo, em diversos estados brasileiros, além das formas já conhecidas e discutidas nesse capítulo, temos as seguintes expressões para o fato: **Babatal, Batatão, Biatatá, Butatão, Bitatá** etc. Em todos os lugares onde são observa-

dos os objetos das lendas, no entanto, tal fenômeno sempre é visto como uma forma luminosa. No campo das versões baseadas em répteis (ao invés de aves, de touros ou demônios), temos a expressão **Macará**. Vejamos sua definição segundo o Dicionário das Mitologias Americanas, já apresentado ao leitor[6]:

> "**Macará** é **Mboiguaçu**, a cobra grande para os índios Cusses do alto Rio Negro. Foi o **Macará** que, nos tempos que se perderam na memória dos homens, trouxe para o mundo os Cusses, que habitavam o mistério. Estes vieram cavalgando o dorso da cobra e, no ventre do **Macará**, vieram os índios Kineres, destinados ao serviço dos poderosos Cusses."

Nesse trecho do excelente reconhecimento do folclore brasileiro, patrocinado por Hernani Donato, podemos observar a relação distante entre antepassados extraterrestres e os indígenas citados, principalmente se interpretarmos citações como "trouxe para o mundo os Cusses" e "vieram cavalgando o dorso da cobra". A comparação entre o **Macará** e uma nave interplanetária, um veículo de transporte mesmo, na inocente afirmação indígena, nos mostra uma realidade cada vez mais atual no mundo de hoje e presente em muitas tribos que habitavam o país. Lendas semelhantes à do **Macará** existem verdadeiramente em dezenas entre os índios brasileiros, especialmente as que se referem a seres que vieram do céu e viveram entre eles, em épocas muito remotas, geralmente confundidas pelos indígenas como o 'tempo da criação'. Até em outros países, de culturas drasticamente diferentes da nossa, existem lendas ligadas à serpentes que transportam gente em seu interior. Um exemplo é o da tribo Hurões, dos Estados Unidos; lá, a serpente recebe o nome de **Onniont** e é descrita como uma cobra com chifres e possuidora de poderes mágicos.

Há também, no significativo folclore brasileiro, principalmente nos tempos remotos, a lenda do **Quer-que-é**, outro nome atribuido ao mesmo fenômeno luminoso que gerou o **Boitatá**. Essa expressão é comumente usada em algumas áreas de Santa Catarina; aliás, nesse estado o folclore difere muito de sua manifestação geral no resto do Brasil. Vejamos como a luz misteriosa, que já não é mais a **Cobra de Fogo** em Santa Catarina, é vista lá, segundo as declarações do pesquisador Donato[5]:

> "...um ser informe, com grandes patas agigantadas, um olho enorme e faiscante de ciclope, que se apaga com o sinal da cruz, dotado de voz humana e com o condão de irradiar desgraças. Onde ele passa deixa um rastro de infelicidade. No entanto, é invulnerável e chamam-no de **Quer-que-é**."

Percebamos, ainda, que o historiador Crispim Mira, em Terras Catarinenses, nos descreveu o **Boitatá** de outra forma, embora com muitas semelhanças: "Como um touro com patas como as dos gigantes e um enorme olho bem no meio da testa, a brilhar que nem um tição de fogo". Exatamente como já comentamos anteriormente, se virmos um UFO pousado, utilizando seu trem de aterrissagem (normalmente em forma de hastes compridas) e com um farol avermelhado aceso, dificilmente deixaríamos de comparar o insólito vulto a um ser informe, cujas patas serão tão grandes como as de gigantes e cujo farol será tão vivo e assustador como um 'olho de fogo'.

Com absoluta certeza, essa é exatamente a forma como homens de 200 ou 100 anos atrás (ou ainda de apenas 30 anos atrás, dependendo da região do Bra-

sil) descreveriam uma cena de um UFO pousado. Se o leitor ainda não se convenceu, vejamos: como nossos antepassados descreveriam, se tivessem a chance de ver, há 100 anos atrás, por exemplo, um simples Volkswagen com seus faróis acesos? Seria tratado como um 'besouro gigante com olhos de fogo'? Um UFO, no passado, como qualquer outra coisa insólita, só poderia ser comparado com o que o observador conhecia ou imaginava, com o que ele convivia ou o que ele temia. Dai surge a constante tentativa de se explicar o que se via buscando-se em animais ou monstros imaginários os pontos de referência, algo que mais se aproximasse do fato visto.

Vamos, agora, descrever a lenda ou o mito do **Minhocão**, muitíssimo presente no interior do país. Para tanto, e para que possamos avaliar o comportamento deste fenômeno, vamos usar trechos extraídos de reconhecidas obras regionalistas, históricas e folclóricas, totalmente desvinculadas e desinteressadas da questão ufológica, como todas as demais citadas até aqui. Na realidade, estas referências bibliográficas foram buscadas em trabalhos publicados por autores que sequer imaginam que tais fenômenos, por eles mesmos registrados para toda a história do homem brasileiro, tinham quaisquer relações com algo extraterreno. Tais relações serão, no entanto, nítida, completa e compreensivelmente explicadas nesta obra. Vejamos os textos:

> "Disse-me que era preto e parecia um bote de quilha para cima. O rapaz, que estava numa canoa no rio Paraguai, encostou-se à terra, aportou e correu com todas as forças para casa. Fui ver o lugar e encontrei o seu rastro na lama e no aguapé: era uma depressão enorme, um sulco muito largo que só uma embarcação muito grande poderia ter produzido e, por toda a redondeza, só havia canoas, ainda assim pequenas."

Este texto foi publicado nada menos do que em 1908, mais de 80 anos atrás, por Alipio Miranda Ribeiro, na Revista Kosmos[11]. Outro relato quase tão antigo, mas com certeza igualmente interessante, apesar de breve, é o de João Felizardo, publicado em 1920 na Revista do Brasil[12]:

> "Há algum tempo, há muito anos, já o Minhocão veio vindo, veio vindo... às vezes vinha por cima da serra, as vezes vinha pela várzea."

Também nestes textos, cuja principal característica é a idade, podemos ver a descrição de um UFO observado às escuras, sem que qualquer de seus sistemas de iluminação (ou algo semelhante) esteja ligado. Na passagem "parecia um bote de quilha para cima" vemos descrito o formato físico mais comum de um UFO, segundo podemos facilmente reconhecer nos contatos imediatos atuais. Por outro lado, a passagem "vinha voando por cima da serra" confirma, sem sombra de dúvida, que se tratava de um engenho voador - e voava exatamente como fazem os UFOs, acompanhando as irregularidades dos terrenos em seus vôos. Nós mesmos já tivemos um avistamento desse tipo, em que o UFO apresentou-se sem iluminação alguma, de cor escura, e passando velozmente 'a pino' no local onde estávamos.

Mais ainda, deixou, com sua passagem, um rastro esbranquiçado que se desfazia em segundos; seu tamanho seria, visto à baixa altitude e estimado aproximadamente, o de um carro de passeio. A exemplo do 'bote de quilha para cima' da descrição anterior, no folclore fueguino temos o gigante **Taquatu**, "que 'voga' numa canoa no ar ou na terra e leva homens e mulheres

para regiões de onde jamais voltam..." Essa outra lenda também está relacionada ao Fenômeno UFO, justamente porque foi cunhada há muitas décadas e apresenta como epicentro um objeto em forma de canoa e - o que diz tudo - que voa!

Vejamos mais uma referência bibliográfica coletada pelo pesquisador do folclore brasileiro, Hernani Donato, que jamais imaginaria que tivesse qualquer relação com o Fenômeno UFO[5]:

> "O lagarto tigre, animal e deidade que, em companhia e sobre as ordens do seu criador **Poromonangara**, montava guarda na entrada do fabuloso **Paitati**, 'o país do ouro, na região guaranítica'."

Vamos a outra particularidade de nosso tão rico folclore, a lenda do **Carbúnculo**, também já citada anteriormente. Este mito não está represado, mas sim transcende o território brasileiro - como, aliás, muitas outras fortes expressões do folclore. Para trazermos elementos sobre o **Carbúnculo** e para discutirmos o fenômeno neste capítulo, examinemos a obra de Câmara Cascudo, já comentada, no trecho em que o jesuíta Teschauer descreve seu caminho desde os Andes[1]:

> "Nos lugares metaliferos das regiões andinas, aparecia na imaginação dos índios um ser vivente que desprendia da cabeça uma luz vivíssima, que muitos presumiam ser o cobiçado **Carbúnculo**, segundo se refere o Padre Techo. Esta aparição, que chamam também de farol, tem continuado a apresentar-se aos olhos dos que neles reconhecem um certo indício das muitas riquezas que a serra ainda oculta, ora em minas, ora em tesouros escondidos por mão do homem. Sem dúvida, é uma maneira estranha de se esconder um tesouro acender um farol."

Cascudo também nos fala que, no Rio Grande do Sul, a lenda do **Carbúnculo** tem origem no sacrilégio de um sacristão. Refere-se ao mito como uma pedra preciosa, brilhante, encravada no alto da cabeça de um **Teiú-iaguá**. Esse 'lagarto', ainda segundo Cascudo, atravessou o Rio Uruguai e seguiu para o Serro do Jaraú, onde se localizou[13]. O **Carbúnculo**, ou ainda **Carbunco**, como a ele se referem os povos de várias regiões, é a observação de um UFO típico, talvez fusiforme e com um farol à frente. No entanto, segundo as lendas, o mito é um indicador de fortunas ou tesouros enterrados; quem o vê crê que, sobre o local por onde passou, haja metais preciosos escondidos. Exatamente aí está explicada sua presença geralmente em locais metaliferos, fazendo vôos rasantes sobre serras ou mesmo pairando acima delas e pousando. E, como podemos notar nos textos acima, ele também está presente em outros países da América do Sul.

Segundo a cultura popular, uma outra interessante lenda, a do **Gafanhotão**, como o próprio nome indica, é o mito de um monstro enorme que segue as pessoas de madrugada. Esta lenda está radicada principalmente no estado de São Paulo e são grandes as chances de se tratar tão somente da visão de um UFO pousado no solo, com holofotes acesos. A análise das descrições de testemunhas oculares do fenômeno nos leva a crer que, à maneira de tantos outros mitos já descritos e como ocorre com enorme porcentagem das lendas em vigor ou já extintas, se trate na realidade da observação de um disco voador profusamente iluminado e pousado ao solo sobre suas patas ou trens de pouso.

A **Mula-sem-Cabeça** já é uma lenda mais popular e que abrange uma área muito maior do território brasileiro. É também referida, em determinadas regiões, como **Cavalo-sem-Cabeça** e, segundo a versão predominante, trata-se de uma concubina de padre purgando seus pecados. Diz a lenda que a concubina, para purgar seus pecados sexuais, vaga por aí em forma de mula e sem cabeça, soltando fogo pela garganta. Este é, no entanto, um mito bem antigo e já registrado diversas vezes pelo Brasil afora. Os pesquisadores Spix e Martius, em sua obra Viagem Pelo Brasil[14], ouviram pessoalmente dos índios de várias regiões histórias sobre a **Mula-sem-Cabeça**. Por nossa experiência pessoal, observando pessoalmente e pesquisando ocorrências ufológicas de outras pessoas, especialmente em nossa região de Minas, acreditamos que também nesse caso se trate da visão de um UFO pousado, novamente com suas hastes de aterrissagem fincadas no solo e com um farol aceso sobre ou no corpo do mesmo - ou, até mesmo, com seu sistema de propulsão ligado, o que fatalmente daria a impressão de que se trata de algo soltando fogo pela garganta.

Mas esta lenda rasga fronteiras. Na Argentina, por exemplo, se fala no **Pira'Nu**, um peixe negro, com cabeça de cavalo e grandes olhos. No Chile, por sua vez, se fala do **Cavalo-do-Mar**, um ser mitológico que ilumina as estradas com potente facho luminoso que, segundo dizem, tem sua chama alimentada pela queima de óleo humano pois, como pode se observar pelos casos, a luz provem de uma espécie de lanterna. Por muitos outros países podemos encontrar dezenas de observações de UFOs confundidas ou vistas, no passado e no presente, como animais e monstros medonhos. No Panamá, para citar mais um caso, temos o **Tulivieja**, um ser animalesco que aparece com focos de luz.

O impressionante é que os casos de lendas originadas de fenômenos semelhantes (senão idênticos) se espalham por países distanciados as vezes em até 3 mil quilômetros, cada qual desenvolvendo-as mitologicamente de acordo com sua cultura, com a época da manifestação ou da observação do fato - e, ainda, de acordo com a religiosidade presente. No Peru, temos o **Amaro**, um ser informe e descomunal. Tal criatura passa ter o nome de **Capiango** nos países do Prata - um animal aterrorizante. Já o **Ahó-Ahó** é um ser peludo e gigante que persegue as pessoas no Paraguai etc. Se fizermos uma pesquisa folclórica em muitos países do globo, de culturas e raças totalmente diferentes entre si, teremos centenas de mitos e lendas que nos falarão de animais noturnos, luminosos ou não, desconhecidos e fantásticos, que na verdade são UFOs observados por pessoas ignorantes e sob condições inusitadas.

Vamos analisar mais um mito, o **Anhangá**, que segundo os indígenas brasileiros é 'um veado com olhos de fogo', algumas vezes vermelhos, com chifres peludos e uma cruz na testa. O avistamento desse animal em algum lugar era considerado sinal de tragédia, pois sempre trazia febre e loucura aos que o observavam. Na mitologia húngara, à semelhança da lenda brasileira, se fala do **Csodasiuszarvas**, que era também um veado voador que irradiava um brilho intenso. Tudo nos leva crer que, em ambos os casos, se trate da visão de um UFO ou de uma sonda, cuja luz é interpretada como fogo.

O **Arranca-línguas** é outro mito interessante, porém um pouco mais assustador, já que atinge fisicamente animais de rebanhos ou selvagens. O mito está presente principalmente na região do rio Araguaia e distribuido por todo o estado de Goiás. Existem casos isolados verificados noutros esta-

dos, como no Mato Grosso do Sul, onde o fenômeno também se manifesta identicamente. Segundo a cultura popular desses locais, o fenômeno seria um animal que, matando os outros, arranca suas línguas misteriosamente. Assim, vacas, bois, cavalos e diversos tipos de animais selvagens são estranhamente encontrados mortos, sem línguas, como se tivessem sido extraídas cirurgicamente. O interessante é que os cortes são absolutamente precisos e, invariavelmente, na noite anterior (ou em várias noites anteriores) ao dia em que se constata que o animal está morto, sem língua, sempre são observadas luzes misteriosas sobre os pastos ou na região.

Para se criar um mito ou uma lenda, e para que se popularize, é preciso que o fato desencadeador se repita constantemente, ao longo do tempo. Dai a atribuir-se um nome para o fenômeno é caminho curto e quase sempre resulta num termo popular grotesco, ligado ao temor que se tem, na região, pelo fato ou atribuido ao mesmo pela semelhança com coisas monstruosas. É óbvio que o **Arranca-línguas**, por exemplo, tem muita relação com os fatos ufológicos - e já de longa data. No ano de 1977, por exemplo, houve uma onda de UFOs nos Estados Unidos, especialmente no nordeste do Colorado, quando foram encontrados mortos dezenas de animais, mutilados. Em todos esses casos, os órgãos genitais, a língua, as orelhas e olhos foram retirados cirurgicamente, de maneira idêntica à utilizada por veterinários, com toques de bisturís.

Mais ainda, nos locais onde eram encontrados os animais mutilados, não se achou qualquer sinal que pudesse identificar o responsável pelas mutilações, nem pegadas, marcas de pneus, nada! Curiosamente, nas noites precedentes aos achados das carcaças, a polícia do Colorado tinha sido constantemente chamada para averiguar avistamentos de UFOs. Após a morte dos animais, para complicar ainda mais o quadro e desorientar a Medicina Veterinária, nenhum predador chegava perto dos corpos e, em alguns casos, chegou-se a detectar radioatividade nos restos dos animais. No Brasil, na Argentina e noutros países pelo mundo afora, esse fato teve lugar, sempre com a presença de UFOs. No estado de Mato Grosso do Sul, por exemplo, segundo a Equipe de Investigação de Campo do Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores (CBPDV), em matéria publicada na Revista UFO [15], dezenas de vacas e bois foram encontrados mutilados durante um período de poucos dias, todos sem as línguas e, em alguns casos, sem outros órgãos. A chacina ocorreu no município de Camapuã, mas também existem registros semelhantes noutros pontos do estado.

Referências bibliográficas:

01. Geografia dos Mitos Brasileiros, Câmara Cascudo, Livraria José Olímpio Editora, Rio de Janeiro, 1976.

02. Cartas de São Vicente (X), José de Anchieta, Vol. 3 das Cartas Jesuíticas, Editora Civilização Brasileira, São Paulo, 1933.

03. Antologia do Folclore Brasileiro, Gráfica Editora Edigraf (Seleção de Barbosa Lessa), Porto Alegre.

04. Contos Gauchescos e Lendas do Sul, Simões Lopes Neto, Editora Globo, Porto Alegre, 1957.

05. Dicionário das Mitologias Americanas, Hernani Donato, Editora Cultrix, São Paulo, 1973.

06. Texto de Donald Pierson, no Dicionário das Mitologias Americanas (referência 5, acima).

07. Guia do Folclore Gaúcho, Presença Edições, 1975.

08. Revista do Partheonon Literário, reproduzida por Apolinário Porto Alegre no Caderno 13º do RS, no Populário Riograndense, 1869.

09. Lendas do Sul e Poranduba Rio Grandense.

10. Dicionário Didático e Popular da Língua Portuguesa, Aires da Mata Machado Filho.

11. Ao Redor e Através do Brasil, texto de Alipio Miranda Ribeiro, na Revista Kosmos nº 12, 1908.

12. O Minhocão - Lenda Mineira, João Felizardo, na Revista do Brasil nº 58, 1920.

13. A lenda do ouro, V. Revista Inst. do Ceará, Tomo XXV, 1911.

14. Viagem Pelo Brasil, Spix e Martius, Editora Melhoramentos Ltda, São Paulo.

15. Revista UFO, Equipe de Investigação de Campo do Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores (CBPDV), nºs 4 e 5, 1988.

CAPÍTULO 2

UFOs vistos junto à mananciais e como cabeças humanas luminosas

O folclore brasileiro - como deve ser o de qualquer outro país de dimensões continentais como o nosso - é imensamente rico em quantidade e variedade de lendas e mitos, parte criada por seu habitantes nativos, os índios, e parte constituida pelos homens 'civilizados' que por aqui têm feito suas vidas há vários séculos. Com o passar do tempo, no entanto, vemos que as lendas e mitos, assim como muitas outras expressões populares do folclore, têm alguma explicação ou fonte de inspiração conhecida.

Na maioria dos casos onde tais histórias estão ligadas à descrições de "pássaros luminosos", "cobras voadoras", "fogos noturnos", "fantasmas" e "carruagens de luz" (entre tantas outras centenas de curiosas expressões), podemos facilmente detectar a presença do fenômeno ufológico como causador da crendice. É impressionante a similaridade das descrições de manifestações de fatos míticos com os testemunhos atuais (e do passado, também) de observações de discos voadores. Como vimos no capítulo anterior, **Boitatás**, **Boiguaçús**, **Mulas-sem-Cabeça** e tantas outras manifestações folclóricas são descritas por quem as vê - e em especial no interior dos estados mais afastados da Nação - de maneira tão natural que é como se realmente existisse, por exemplo, um animal como uma mula sem cabeça, de corpo luminoso e que, por alguma razão, gostasse de ficar pairando por aí e assustando moradores!

As descrições populares são tão inocentes que, se não convencem o pesquisador para o fato em si - o de haver mesmo mulas sem cabeça, só para citar este caso -, o convencem totalmente que o narrador da experiência realmente viu algo parecido ou assustador como o animal acéfalo! E, para complicar mais ainda o quadro (ou facilitar, dependendo de como se vê), na maioria absoluta das vezes em que há uma pesquisa séria sobre a origem de determinada lenda, o investigador descobre uma 'cadeia' de narrativas, uma longa seqüência hereditária de manifestação do folclore. É como se um pai, que conhece a história de seu avô, a passasse para seu filho, que a contará para o seu sucessor e assim por diante. Assim, é difícil saber quando a lenda teve origem, mas, como provam as pesquisas, elas permanecem inalteradas por várias gerações, somente com algumas diferenças.

A confiabilidade da narrativa é outro ponto alto. Geralmente, quem conhece a lenda ou o mito tem profundo respeito por ele, às vezes até temor e, normalmente, grande orgulho não só por conhecê-lo, mas por ter a chance de contá-lo aos conhecidos, vizinhos, visitantes, além de seus sucessores. Mais ainda, a 'missão' de conhecer e contar uma lenda é dada pela comunidade a alguém de seu profundo respeito e admiração. E, não raro, esta pessoa carregará o compromisso de passar adiante a lenda com imenso carinho, por temer que o contrário poderá ser interpretado pelos diabos ou demônios - ou deuses e espíritos do bem, conforme o caso - como um desrespeito, passível de punição.

É dentro desse quadro que temos, há muitos anos, estudado, pesquisado e acompanhado de perto as manifestações folclóricas. E é com igual dedicação que temos constatado que a maioria das lendas noturnas, ligadas a fe-

nômenos luminosos (as ditas "assombrações"), são na realidade interpretações equivocadas ou ignorantes de fatos puramente extraterrestres. São explicações para manifestação de sondas, de naves médias, de naves-mãe e até dos próprios seres extraterrestres que nos visitam com tamanha incidência. Como não se apresentam a contento, como não mostram identificação de qualquer espécie e como se comportam estranhamente, assustam, amedrontam e 'põem a correr' seus interlocutores. Estes, por sua vez, ao contarem os fatos para terceiros, criarão definições as mais bizarras para o que presenciaram.

E assim, o Fenômeno UFO, que sempre esteve presente em nosso meio, vai sendo registrado através das épocas e nos diferentes locais como a ação de todos os tipos de seres e monstros. A riqueza dessa ação e dos seus registros em forma mítica ou de lendas é que espanta por sua quantidade. Em muitos casos, quando vistos próximos de mananciais, de lagos ou leitos de rios, originam histórias impressionantes. Existem muitas lendas e mitos que nos mostram animais e seres estranhos nesses lagos e rios mas, na realidade, esses avistamentos estão diretamente relacionados com UFOs e seus tripulantes. Vejamos alguns textos históricos:

> "Lá vem a **Cobra Grande**. O pessoal vai ao barranco do rio caudaloso, divaga o olho para baixo e para cima do estirão e vê duas tochas de fogo acesas, como se fossem farol luminoso a indicar o perigo que se aproxima. O monstro d'água, à proporção que se acerca do poço fundo, faz um barulho igual ao de motor de explosão, muito distante. ...vai passar a noite no poção que fica em frente ao seringal."

O texto acima, extraído da obra Folclore Acreano, de Francisco Ferez de Lima[1], nos mostra nitidamente a observação de um engenho com faróis acesos e com barulho automotivo, algo raro para os UFOs, que são quase sempre silenciosos. Na verdade, trata-se de um objeto voador não identificado voando sobre o leito de um rio, em uma de suas tão comuns incursões noturnas sobre regiões aquáticas. Aliás, é notória a preferência das naves extraterrestres por regiões com grandes reservas d'água, tais como oceanos, lagos, represas hidroelétricas e até no próprio Pantanal, onde são tão freqüêntes. Muitos UFOs já foram vistos emergindo ou submergindo dessas reservas, ou apenas fazendo manobras e preguiçosos sobrevôos sobre os mesmos[2]. É notória também a constatação de que, por alguma razão desconhecida, dentre as regiões aquáticas mais visitadas, os UFOs comumente têm grande interesse por barragens e açudes, que são reservas d'água artificiais. Suas manobras sobre tais locais são freqüentemente registradas em todo o Brasil e exterior.

Já quanto ao barulho de motor de explosão ouvido pelos narradores da lenda, podemos compará-lo com os sons de vários outros avistamentos que temos registrado, contados por moradores rurais de quase todos os locais. A **Cobra Grande** é, em verdade, uma nova versão do antigo **Boitatá**. Vamos examinar, agora, a lenda da **Boiuna**, outro mito tão presente no nosso folclore. Vejamos o texto de Raimundo de Moraes, na obra Na Planície Amazônica[3]:

> "A **Boiuna**, entretanto, toma outras formas. Se engana a humanidade mascarada de navio de vela, também engana no vulto de transatlântico. Em noites calmas, quando a abóboda celeste representa soturna e côncava lousa preta, sem estrelas que pisquem para a Terra, e a natureza parece dormir exausta, rompe a solidão o ruído de um vapor que vem.

Percebe-se ao longe a mancha escura precedida pelo barulho cachoante no patilhão. Seguidamente destacam-se as duas luzes brancas dos mastros, a vermelha de bombordo e a verde de boroeste. Sobre a chaminé, grossa torre, vivo penacho de fumo que se enrola na vertigem dos turbilhões moleculares, estendendo-se proa afora na figura de um cometa negro. Momento depois já se escuta o barulho nítido das máquinas..."

E continua a entusiasmada narrativa colhida pelo historiador Moraes: "Por fim, o desconhecido vaso se aproxima recoberto de focos elétricos, polvilhado de poeira luminosa, como se uma núvem de pirilampos caísse sobre um marsupial imenso dos idos pré-históricos. Mal se avizinha do clarão que circunda o paquete e tudo desaparece engolido, afunda na vouragem". O fenômeno observado, e tão detalhadamente descrito, é também assustador ao homem, como lembra o pesquisador Câmara Cascudo, já conhecido pelo leitor. Cascudo chegou a descrever a **Boiuna** interessantemente, como "uma cobra grande, uma 'mãe d'água' que criou tudo aquilo, alucinando naquele horrível pesadelo as pobres criaturas[4]". Esta maneira de se referir ao fenômeno, como **Boiuna** ou **Mãe-d'Água**, é apenas mais uma variação para o antigo **Boitatá**, desta vez visto como um navio fantasma que pode desaparecer num passe de mágica.

E os UFOs realmente podem, de um instante para o outro, desaparecer e reaparecer onde pretendam. Muitas vezes isso se dá a nível material, com a locomoção do veículo em si. Noutras, apenas desligam sua iluminacao e desaparecem na escuridão noturna; ou mesmo ficam ali parados, escuros, também desligando seu sistema de propulsão. Todos esses mitos ou lendas ligados ao campo dos ígneos nos mostram esses engenhos extraterrestres em suas pesquisas noturnas. E a **Boiuna** é mais uma criação popular na tentativa de se explicar esse contato. Existem, também, inúmeras lendas e mitos ligados ao aparecimento de belíssimas mulheres, que normalmente surgem nos rios, lagos ou praias. Entre as lendas surgidas com este tipo específico de manifestação estão as da **Iara**, **Iemanjá** e a já citada **Mãe-d'Água**, todas particularmente interessantes e solidamente enraizadas na cultura popular brasileira. Os estudiosos Spix e Martius relatam pormenorizadamente, em sua obra Viagem pelo Brasil[5], que ouviram pessoalmente dos índios, no século passado, histórias sobre outra lenda, a da **Mãe do Rio**, que em verdade é a mesma coisa que **Mãe-d'Água**.

Segundo eles, "ela (a **Mãe do Rio**) possuia um diadema brilhante situado no alto da cabeça"; ou ainda, "deixava emergir a cabeça, extremamente luminosa, para fora da água, ficando seu corpo ainda submerso". Isso se repete com as lendas de **Iemanjá**, da **Senhora-d'Água**, da **Cotaluna** etc, que sempre nos mostram a mesma coisa, em cada uma das regiões do país onde foram analisadas e estudadas. A descrição de algo luminoso saindo da água, vindo do fundo de mananciais e indo para o espaço é algo que o folclore retrata com imenso detalhísmo, deixando absolutamente claro que se trata de um aparelho voador que submerge de um leito d'água, como um UFO ou simplesmente uma sonda teleguiada (não tripulada). Já tivemos a oportunidade de colher dezenas de relatos na zona rural de Passa Tempo, para citar alguns exemplos que servem como parâmetros de comparação, todos mostrando pequeninas luzes emergindo de riachos, especialmente ao entardecer. São "sondas" que provavelmente ficam implantadas naqueles locais durante o dia e automaticamente acionam-se para realizar suas pesquisas noturnas, quando diminui a luminosidade do local e a noite chega.

Essa conclusão vem do fato de que a manifestação dessas luzes, geralmente esféricas, se dá na maioria dos casos de noite e de madrugada, sendo raros os casos diurnos. Por serem vistas emergindo do rio, e por apresentarem aspecto esférico e grande luminosidade, um eventual observador imagina logo tratar-se de uma "cabeça misteriosa" e luminosa. Podemos, também, aventar outra hipótese válida para explicar o fato: a de que a luz é apenas o holofote (ou algo semelhante) de uma nave, dirigindo um raio de luz para baixo, sobre o leito de um rio, estando a mesma às escuras e invisível para o observador. Este, por sinal, de longe, tem a impressão de ver uma luz com cauda muito comprida, o que leva muita gente a compará-la com o vestido longo de uma noiva. Aliás, esta é uma outra lenda, a da **Noiva** ou **Noiva de Branco**, originada pelo mesmo fenômeno - especialmente se o facho de luz for muito intenso. A manifestação desse tipo de fenômeno luminoso se dá a exemplo do que podemos ver nos shows realizados com canhões de luz, onde a luminosidade emitida começa com um diâmetro estreito, quando é mais intensa, e vai se alargando gradativamente, ficando tênue.

Esse tipo de avistamento também deu origem a muitas outras lendas e credices, algumas até mesmo religiosas, como as **Aparições Marianas**, notadamente pelo facho de luz aparentar-se com o vestido da Senhora. Mas não é só no Brasil, aliás, que se fala em aparecimento de mulheres fantásticas nos rios; em muitos outros países do mundo temos as mesmas histórias. No Panamá, por exemplo, contam-se "causos" sobre a **Dama d'el Rio**, com versões semelhantes às nossas. E existem ainda outros fantasmas ou aparições nos rios brasileiros, como as lendas da **Barba Branca** ou a da **Ruiva**, esta que geralmente surge em lagoas. O **Cabloclo-d'Água** também está associado aos mananciais, assim como o **Upupiara**, a **Paranamaia** e tantos outros mais. Pode-se afirmar com certeza, analisando-se o comportamento de cada uma das manifestações que geraram tais credices, que se trata do mesmo fenômeno em si e sempre tendo relação com avistamentos de UFOs e/ou seus tripulantes.

Assim como são numerosas as observações de UFOs próximas à mananciais e confundidas com monstros pitorescos, embarcações ou vasos fantasmas - ou ainda com mulheres sagradas e misteriosas -, também não são raras as ocasiões em que os UFOs, vistos em terra, são interpretados através da história como "cabeças humanas luminosas". Uma das lendas mais vivas desse tipo é a do **Curacanga**, que pode ser conhecido através dos mais diversos registros históricos ligados ao folclore. Vamos conhecer detalhes da **Curacanga** (ou **Cumacanga**) através da pesquisa de Hernani Donato, autor regionalista já mencionado no capítulo anterior:

> "A **Curacanga** é um mito do tipo encantamento, corrente nos estados do Maranhão e do Pará, apresentando algumas variantes em ambos os territórios. No Maranhão, toda sétima filha de casal que não tenha filho homem nasce 'encantada' desde que os pais não tomem a precaução de fazê-la batizar imediatamente após o nascimento, pela irmã mais nova. A cabeça da **Curacanga** sai-lhe do corpo e, sob a forma de bola de fogo, voa ou roda pelos caminhos, apavorando os 'viandantes'. No Pará a **Cumacanga** ou **Curacanga** é fadário de padre e a transformação acontece apenas nas noites de sexta-feira."[6]

A frase "a cabeça da **Curacanga** sai-lhe do corpo em certas noites sob a forma de bola de fogo, voa ou roda pelos caminhos" é uma descrição que pode ser considerada típica para fenômenos ufológicos. Nela, podemos ver descrito um UFO da forma costumeira com que se apresentam à noite, asse-

melhando-se à uma grande bola de fogo e com uma cor que lembra um ferro incandescente. Os moradores rurais de Passa Tempo e de municípios vizinhos utilizam a expressão **Bola de Fogo** quando se referem aos UFOs que se comportam como descrito na frase, como uma esfera ígnea mesmo, que voa lentamente ('roda') pelo ar. Mas, não é apenas nos estados de Maranhão ou Pará que a **Curacanga** se manifesta. Temos registrado o fenômeno por várias outras regiões do país. Aliás, é o próprio pesquisador Donato que nos informa onde mais a **Curacanga** se apresenta com a graça misteriosa de um mito:

> "O mito tem correspondências nacionais e universais. No Sul, em São Paulo e Minas Gerais, pelas sextas-feiras à noite, à meia-noite, uma bola de fogo indica sítios onde haja tesouros escondidos. É a alma de quem os ocultou depois de havê-los formado por meio de crimes e que procura entusiasmar algum valente a descobrir e possear tal riqueza, livrando a alma penada de sua 'sina'. No Perú e na Bolívia ocorre o mito da cabeça ígnea. E o mesmo ocorre em vários lugares da Europa e até na China."(6)

Esta lenda também tem imensa semelhança com outra, regional do estado de Mato Grosso do Sul, relacionada com tesouros enterrados e originada pelo Fenômeno UFO: o dito **Enterro**, também conhecido por **Enterro de Solano Lopez**. A lenda teve origem nos anos que sucederam o fim da Guerra do Paraguai e é atribuida à ação do ditador Solano Lopez, morto na batalha. Segundo a história, Lopez, ao ser invadido pela Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai), a mando da Inglaterra, foi obrigado a defender-se como podia(7). Por estar em inferioridade militar, embora tenha se saido muito bem no inicio da Guerra, atuou invadindo o Brasil várias vezes, em determinadas ocasiões até tomando território nosso, como o sul e oeste de Mato Grosso do Sul, inclusive próximo à capital.

Diz a história da Guerra do Paraguai que, por onde passava Lopez e suas tropas, dentro do Brasil, vilarejos eram saqueados e seus habitantes, em maior parte, mortos. Mas, por não dispor de condições para carregar os tesouros roubados, Lopez mandava cavar imensos e profundos buracos no solo, onde enterrava, intercalando de maneira sinistra e macabra, os corpos de suas vítimas e o produto dos roubos. Esses são os chamados **Enterros** de Solano Lopez e o objetivo de assim dispor os cadáveres e tesouros era o de amedrontar quem os achasse, afugentando-os para que Lopez pudesse vir buscá-los posteriormernte. A lenda apareceu na hora em que, por várias regiões do estado, habitantes viam "luzes estranhas" sobre as matas e, em sua tosca compreensão, tais luzes eram os espíritos de Lopez e seus soldados averiguando o local onde enterraram tesouros. É desnecessário dizer que, imediatamente, começavam escavações para procurá-los. Algumas escavações, curiosa e coincidentemente, tiveram êxito e muita gente conseguiu entrar, assim, para a história da Guerra do Paraguai. Hoje, estudiosos afirmam que ainda existem dezenas desses enterros no estado.(8)

Também a esse fenômeno de luzes ou tochas informes de fogo, a **Curacanga**, como descrita por Donato, já tivemos a oportunidade de presenciar, e por varias vezes! Eram avistamentos de engenhos em forma de bola ou de tocha, aparentando-se assim especialmente quando voam à baixa altitude sobre as serras. Como o próprio texto nos indica, o suposto mito está presente em quase todo o território brasileiro e também no exterior. Na Bolívia, por

sinal, é chamado de **Catecate.** Aliás, no Perú e na Bolívia - países relativamente parecidos em termos folclóricos - temos uma infinidade de outras denominações para o mesmo tipo de avistamentos descrito, entre elas: **Umita, Uma Waqya, Uma Pa, Runa Uma, Aya Uma, Uman Tak Tak, Kefke, Keke Mok Mok** e **Uma Puerakeke.**

Muitas vezes esses avistamentos são de naves tripuladas mas, na maioria dos casos, são observações de meras sondas teleguiadas. Mesmo tendo presenciado muitas passagens dessas máquinas extraterrestres, em especial em Minas Gerais, ainda não pudemos estabelecer qual é a particularidade neste tipo de fenômeno que causa a visão de uma bola de fogo informe, nebulosa. Supomos que se trate de uma espécie de sistema de iluminação existente em toda a nave por igual, ou então da visão de apenas um de seus holofotes, com potência evidentemente descomunal. Quanto às sondas, estas se apresentam todas iluminadas, daí vermos uma bola de fogo perfeita, exata, tal como uma 'pérola gigante', como nos contam os nativos de Mato Grosso do Sul e de outros estados. No entanto, é uma luminosidade que não se espalha, não se espande e nem ofusca a vista, fazendo com que possamos ver sua perfeita forma de uma esfera.

Referências bibliográficas:

01. Folclore Acreano, de Francisco Ferez de Lima, Tipografia Batista de Souza, São Paulo.

02. Antologia do Folclore Brasileiro, seleção de Anízio de Melo, Editora Edigraf, São Paulo.

03. Na Planície Amazônica, de Raimundo de Moraes.

04. Geografia dos Mitos Brasileiros, Luiz da Câmara Cascudo, Livraria José Olímpio Editora, Rio de Janeiro, 1976.

05. Viagem Pelo Brasil, Spix e Martius, Editora Melhoramentos Ltda, São Paulo.

06. Dicionário das Mitologias Americanas, Hernani Donato, Editora Cultrix, São Paulo, 1973.

07. Genocídio Americano - A Guerra do Paraguai, José Julio Chiavenatto.

08. Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores (CBPDV), contribuição de sua Equipe de Investigação de Campo.

CAPÍTULO 3

UFOs Vistos como Almas Penadas Luminosas

São milhares os contatos de todos os graus com extraterrestres que ocorreram no Brasil, com nossos antepassados, para que esses interpretassem as naves ou sondas observadas como animais, aves, monstros e até como "almas penadas", "assombrações" etc. Os tripulantes destas naves, quando descem das mesmas, geralmente são vistos por pessoas mais humildes ou como demônios ou como deuses; mas, em todos os casos, sempre são considerados agentes suprafísicos de alguma dimensão misteriosa e sobrenatural. Aliás, é até um comportamento natural do homem atribuir ao sobrenatural algo que vê e não consegue explicar. Tem sido assim há séculos - e não só no nosso país. Quando os homens - em especial os nossos antepassados, ignorantes e assustados pioneiros nas desbravações dos sertões brasileiros - não podem compreender ou explicar algo que presenciam, que os perseguem e os amedrontam, encontram no campo do sobrenatural um abrigo para suas ignorâncias. Atribuem, imediatamente, as manifestações e avistamentos de UFOs a prcdutos de bruxaria, de espíritos brincalhões, demônios ou anjos etc, conforme a época e a maneira como o fato se manifesta.

Os UFOs vistos como almas penadas luminosas são um capítulo particularmente interessante do folclore brasileiro, além de típico para o conhecimento do comportamento do Fenômeno UFO em si. Assim, vamos estudar a questão em detalhes, buscando subsídios na literatura regionalista e folclórica brasileira. Vejamos o que nos diz a respeito o já nosso conhecido pesquisador Câmara Cascudo:

> "O **Fogo Corredor** é a alma dos compadres e comadres que, em vida, 'não guardam o respeito da igreja'. São obrigados, por isso, a penar até que seja cumprida a sentença marcada pelo Criador. O mesmo ocorre no Nordeste, inclusive a denominação. No Rio Grande do Norte, explicaram-me que o **Batatão** é o fogo parado e o do compadre e da comadre é o corredor."[1]

Como vemos, o **Fogo Corredor** é considerado como um castigo atribuido ao compadre e a comadre pelo pecado do adultério. E, pelo comportamento e peculiaridades da observação, somos levados a concluir que, também nesse caso, o objeto do mito seja um tipo específico de avistamento de UFO: o de uma nave e uma sonda não tripulada juntas, o que é relativamente raro. Podemos concluir tal assertiva principalmente pelo fato de que a visão das testemunhas é de duas luzes, uma maior e outra menor, em ação. Mas, embora seja um fato raro, já tivemos a oportunidade de ver uma nave e uma sonda em ação conjunta em nossa região, no fundo de uma grota (espécie de caverna rasa) a 300 metros de onde estávamos e comportando-se exatamente como descrito pelo folclorista Cascudo. Aliás, já pesquisamos muitos casos semelhantes em nosso município, contados por gente simples e modesta. No caso de nossa observação, a primeira luz vista era amarela-azulada e a segunda avermelhada e de tamanho bem menor. Nessa ocasião, pudemos presenciar um verdadeiro 'balé' das duas luzes mas, no entanto, quando resolvemos piscar os faróis do carro em que estávamos, afim de tentar estabelecer algum contato, ambos os focos luminosos apagaram-se totalmente; por mais que ficássemos alí, esperando, não conseguimos ver mais coisa alguma.

Esse avistamento se deu em local conhecidíssimo por nós e não havia dúvida alguma de que tratava de UFOs.

Entre os mitos da galeria das almas penadas temos também o curioso mas não indecifrável **João Galafuz**, lenda relatada em muitos locais do Brasil e também ligada aos UFOs. Vejamos o que mesmo Câmara Cascudo nos fala a seu respeito: "... sobre o **João Galafuz**, o Sr. João Emílio Silva, sergipano, informou-me vagamente que o **Jan Delafosse** era uma coisa de fogo que corria atrás da gente". Esse relato de Cascudo, em seu livro Geografia dos Mitos Brasileiros[1], nos deixa um pouco desorientados: **João Galafuz**? **Jan Delafosse**? O que seriam estes termos? Em outro trecho de seu livro, um pouco adiante, no entanto, Cascudo explica: "Certo é que **Galafuz**, **Delafosse** ou ainda **Delafoice** são sinônimos de um só mito." Mas Cascudo completa sua narrativa do fenômeno, fazendo-nos ver ainda que há um emaranhado de lendas originadas pelo mesmo fenômeno:

> "Adapta-se ao mito ígneo do ciclo das 'almas pagãs'. O fogo sempre sendo um anúncio do ouro ou sinal de castigo; **Haloa**, a figura misteriosa de um caboclo (indígena) que morreu sem as águas do batismo. **Galafuz** é um fogosantelmo, arauto do sinistro de mortes e tormentas, emergindo do seio do mar, vago azulado, alto, brilha pelos rochedos, subindo aos picos, correndo nas ondas, clareando a prata das espumas, para apagar-se como próprio mistério que representa dentro da noite tropical."[1]

Percebemos, então, que mais que um emaranhado de lendas originadas pelo mesmo fenômeno, quanto mais cavarmos a literatura, mais fatos semelhantes e sinônimos encontraremos para tais mitos, que por sinal também são descritos por outros autores de igual gabarito. Vejamos o que o Dicionário das Mitologias Americanas, de Hernani Donato[2], nos diz a respeito:

> "Duende que assombra os descaminhos de Pernambuco, Alagoas e Sergipe. Aparece à noite emergindo das ondas ou rompendo de cabeças de pedras. Apresenta-se como um facho luminoso de várias cores. Vê-lo é adquirir a certeza de que logo mais haverá na vizinhança desgraças, naufrágios ou, no mínimo, uma violenta tempestade. Em Itamaracá é identificado pelos pescadores locais como a alma de um caboclo morto sem batismo. Nas costas de Sergipe, a variante é chamada de **Jean Delafosse**, língua de fogo muito cumprida que fustigava qual chicote os passantes, fazendo-os desfalecer ou enlouquecer de pavor. Em Alagoas o aspecto típico é de **João Defaloice**, negro velho talvez feiticeiro curvado ao peso de enorme saco, onde decerto carrega as crianças roubadas ao longo do caminho."

Já Pereira da Costa, em seu Vocabulário Pernambucano[3], datado de 1937, nos dá outros detalhes sobre o mito **João Galafuz**, **João**, **Jean** ou **Jan Delafosse** ou **Delafoice**. Aliás, esta é uma oportunidade ideal para o leitor observar a multiplicidade de termos que, em diferentes regiões, são usados para designar basicamente a mesma coisa. Vamos ao texto de Pereira da Costa:

> "**João Galafuz** é o nome que a superstição popular designa à uma espécie de duende que dizem aparecer certas noites emergindo das ondas ou surgindo das cabeças das pedras submersas como um facho luminoso e multicolor, prenúncio de tempestades ou naufrágios."

Os trechos transcritos acima nos mostram um mito ígneo semelhante a muitos dos já citados nos primeiros capítulos deste livro. No entanto, trata-se de uma luz inteligente que literalmente persegue, corre atrás das pessoas, vagando pelas montanhas e pelos picos das mesmas, também emergindo do mar. Neste mito podemos claramente ver um UFO em suas "andanças" noturnas, onde se destaca, apenas, sua estrutura luminosa contra o céu noturno, sem detalhes físicos da nave. A constante citação desse tipo de mito ígneo em nosso folclore, sempre com comportamento semelhante, não nos deixa dúvida sobre a realidade e a antigüidade dos UFOs em atuação no país. Mas, continuando a citar Donato e sua explêndida obra, vamos transcrever abaixo trechos de seu relato onde aborda, agora, a importante lenda da **Alamoa**:

> "Mito da ilha de Fernando Noronha que, sempre na véspera de tempestade violenta, aparece na praia, pelo anoitecer. Lembra uma **Iara**, pois ostenta cabelos longos, se bem que loiros, o que justifica seu nome no domínio popular. Não traz roupa sobre o corpo e põe-se a dançar à luz dos relâmpagos. Homens que a vêem não fogem à sua visão, morrem de pavor, deixando o esqueleto na praia. Dizem tratar-se de alma penada a cumprir sina da qual estará liberta quando impressionar o homem valente o suficiente para desenterrar o tesouro que jaz no Pico, ponto culminante da Ilha."[2]

Câmara Cascudo também fala da tal **Alamoa**, dando outros detalhes ainda mais precisos sobre esta fantástica lenda: "Mas a **Alamoa** possui versões e ora aparece seduzindo para matar, matar de medo, transformando-se em esqueleto; ou é uma alma penada em penitência lúbrica de tentação, lutando para encontrar um homem forte que a siga e desenterre um tesouro escondido na altura do Pico, baliza de basalto com 332 metros de altura e visível a 30 milhas de longe"[1]. Pelo que se sabe, a **Alamoa** já está na galeria dos mitos brasileiros há muitas décadas, embora seja particular da ilha de Fernando de Noronha. Lá, aliás, é corrente se falar dela em casos de perigo, de tragédias e de aventuras de caça a tesouros. Se há algo enterrado no Pico da ilha não se sabe, mas essa particularidade da lenda já é conhecida desde 1916, quando Mário Melo publicou sua obra Arquipélago de Fernando Noronha[4]. Vejamos o que diz sobre o assunto:

> "Uma das lendas (de Fernando de Noronha) diz respeito ao Pico. No alto da baliza aparece uma luz peregrina - alma errante de linha francesa, algumas vezes encarnada em ser humano."

Que mistérios estão ligados à manifestação da **Alamoa** sobre o Pico de Fernando de Noronha? "E a luz há de viver no Pico, como fogo-fátuo, até que um dia o ouro que o espírito guarda seja dado a alguém", declarou sobre a lenda o escritor Olavo Dantas, em Sob o Céu dos Trópicos[5], concluindo depois: "Às sextas-feiras a pedra do Pico se fende e, na chamada porta do Pico, aparece uma luz. A Alamoa vaga pelas redondezas." Tais passagens sobre tal lenda nos mostram que há uma luz que insiste em vagar e sobrevoar o local chamado Pico. Tal luz foi transformada, pela cultura popular do local, em lenda de uma mulher - ou da alma penada de uma mulher - que tem a missão de mostrar tesouros enterrados. E, como já vimos, para se criar um mito é preciso tão somente que o fenômeno originador seja freqüente, que é exatamente o que aconteceu (ou ainda acontece) em Fernando de Noronha. Daí, podemos afirmar que a **Alamoa** é de fato um UFO em incursões noturnas na ilha, especialmente em seu local mais alto. Que outro fenômeno seria tão insistente assim?

Em muitas regiões do Brasil temos pontos 'especiais' para aparições de UFOs, sempre considerados como locais fantasmas e de assombrações. Em Passa Tempo, por exemplo, desde criança ouvimos falar na região da Porteira da Figueira, sempre considerada como um lugar assombrado. Atualmente, após pesquisarmos detidamente o local, passamos a considerá-lo apenas como um ponto pródigo em observações não de fantasmas ou caveiras, mas de UFOs e seus tripulantes, já que pudemos analisar todos os contatos ocorridos alí no passado. Em várias cidades de Minas Gerais - assim como noutros Estados - costuma-se associar tais temidas assombrações com coisas religiosas. Normalmente, dizem que a luz que aparece à noite, sem explicação, é uma "filha de Maria que morreu e foi enterrada com a fita de sua congregação".

Outra aparição semelhante à **Alamoa** é a da **Mulher de Branco**, também conhecida pelos nomes 'sui generis de' **Mulher-de-7-Metros**, **Noiva** ou **Loura** etc. Essa incrível lenda vem sendo registrada em Minas desde os mais remotos tempos e fizemos todo o possível para saber exatamente do que se tratava. Fizemos intensas pesquisas, entrevistas etc, inclusive conversamos com muitas pessoas idosas para saber se tal aparição era vista no século passado. Tivemos muito sucesso em nossas investidas: segundo contam os moradores mais antigos de nossa região, tal fenômeno seria "uma mulher vestida de branco dos pés a cabeça, que pode crescer em altura ou desaparecer misteriosamente". O temor e respeito pela lenda é patente entre os entrevistados. Mas, analisando o fato, chegamos à obvia conclusão de que se tratava, na realidade, da visão de um facho de luz emanado de um holofote e dirigido ao solo, provavelmente por uma nave às escuras, apagada. Justamente por não ver de onde sai a luz, e por esta se manifestar como uma espécie de coluna, o observador julga estar vendo o véu de uma mulher, comprido, cobrindo-a da cabeça aos pés. Ainda mais, o fato daquilo crescer estaria ligado à leve subida da nave, silenciosamente, e o desaparecimento ou o simples desligar do sistema de iluminação (o holofote). Este facho de luz que os UFOs emanam costuma ser, além de extremamente brilhante e branco, muito preciso. Ou seja: a luz é propagada de maneira nítida, sem perturbações. É como um jato d'água dirigido para uma parede, porém de luz. Alguns escritores já chegaram a se referir à essa luz com o termo "luz sólida".

Em Passa Tempo, a aparição deste tipo de facho luminoso sempre foi comumente chamada de **Mulher de Branco** ou de **Noiva**. Já em Montes Claros, cidade próxima, ela teria a denominação de **Mulher-de-7-Metros**. E assim, de cidade em cidade, novas versões e nomes foram criados ao longo das décadas para explicar o mesmo tipo de avistamento: uma sonda dirigindo uma fortíssima luminosidade para baixo. Como exemplo recente, posso citar um caso ocorrido em 1985, quando fomos chamados ao povoado de Aguadinha para averiguar o que os populares estariam vendo. Segundo eles, tratava-se de uma "mulher fantasma", logo apelidada de **Loura**. Entrevistando os que foram contatados pela misteriosa mulher, no entanto, chegamos à conclusão de que o que estes viram foi apenas mais uma manifestação típica do holofote de um UFO. Mulher mesmo, só na imaginação do pessoal simples do sertão.

Mas, são tantas as ocorrências que tivemos a oportunidade de investigar 'in loco' e de estudar pormenorizadamente que, ao longo de nossos anos como ufólogo, desenvolvemos um capacidade definida de, ao nos depararmos com uma descrição popular de algo supranormal, separarmos imediatamente o joio do trigo e, com algumas perguntas básicas aos protagonistas, torna-se

muito fácil definir fatos ufológicos. Desenvolvemos este 'feeling' para a questão ufológica, o que nos favorece imensamente em nossas atividades. Como nosso interesse inicial sempre foi a pesquisa das naves extraterrestres e seus tripulantes, e constatando que tal fenômeno estava diariamente presente em quase todos os lugares onde passávamos na forma de lendas e mitos, além do fato de residir em lugar onde o tradicionalismo é muito forte, não foi difícil passarmos a dirigir nossas pesquisas no sentido de averiguar, no conto popular, o que poderia ser explicado como ocorrência ufológica. Tivemos muito sucesso, principalmente porque os UFOs não são nada discretos.

Mas, vamos aproveitar esta altura de nossa dissertação para apresentar alguns interessantes casos que investigamos na região de Passa Tempo e que, com a componente UFO detectada por nosso feeling, pudemos conhecer a fundo e identificar como manifestação de extraterrestres. O Sr. Joaquim de Castro Faleiro, alfaiate, contou-nos que, há anos atrás, viu uma **Mulher de Branco** no centro de Passa Tempo. E por estranha coincidência, no mesmo local onde hoje situa-se minha casa, à rua Francisco Teodoro, número 36. Às vésperas da Semana Santa, estava trabalhando até tarde para entregar uma encomenda quando, de madrugada, ao voltar para casa pela citada rua, viu uma luz avermelhada, à altura de um muro. Teve a impressão de tratar-se de alguns de seus amigos fumando cachimbo e esperando-o para 'pregar-lhe alguma peça'. Assim, o Sr. Joaquim preparou-se para dar-lhes 'o trôco': agachou-se e passou a mão num cascalho para arremessar-lhes mas, nesse instante, aquele vulto branco foi subindo no ar até ultrapassar uma moita de bananeiras alí existente. Quando viu aquilo, ficou assustado e correu para sua casa, por outra rua.

Várias outras pessoas de Passa Tempo nos contaram suas experiências com fenômenos semelhantes. O Sr. José Eugênio Oliveira, por exemplo, também teve uma observação da tal **Mulher Branco**, no local chamado Morro Grande, próximo à Porteira da Figueira, numa madrugada e que viajava para Belo Horizonte. O jovem Antonio Carlos de Oliveira também nos relatou que viu uma aparição do gênero, porém durante o dia, no local Primavera, na zona rural. Segundo nos relatou, assemelhava-se à uma "mulher vestida de branco, voando até um mato próximo". O Sr. João Batista de Castro também contou-nos que ele e outros viram a mesma **Mulher de Branco**, enquanto estavam dentro de uma padaria, de madrugada. "Então aquilo foi crescendo e ficou mais alto que um poste", lembra. O Sr. José Antonio dos Santos, morador no bairro Calafate, contou-nos que, há 20 anos atrás, estava próximo a um campo de futebol, quando, juntamente com outros garotos, viu um vulto semelhante ao de uma garotinha. "Aquela figura estava toda de branco e, em pouco tempo, começou a crescer em altura, logo desaparecendo", declarou. O Sr. Geraldo Antonio e seus colegas também viram uma aparição da **Mulher de Branco**, que cresceu em altura, emitiu uma luz azulada para os lados (que clareou até próximo dos observadores) e desapareceu na escuridão.

Enfim, são inúmeras as declarações de quem já presenciou a **Mulher de Branco**, tantas que não caberiam num único livreto como esse. Entretanto, não é nosso propósito aqui, citar todos os casos que conhecemos e pesquisamos, mas sim alguns deles, estudando-os. Aliás, atualmente já não se fala tanto dessas aparições, principalmente nos centros das cidades; apenas ou outro observador ainda comenta ter contatos desse tipo na zona rural. Mesmo assim, a lenda da **Mulher de Branco** está presente em centenas

de cidades do estado de Minas Gerais e até no exterior; acreditamos, também, que esse tipo de avistamento deu origens a muitas Aparições Marianas, tidas como divinas.

Nas zonas rurais de diversos estados, uma outra assombração muito falada é a do **Fantasma**, também conhecida curiosamente como **Pantasma**. Contam os moradores dessas regiões que o **Fantasma** é um vulto branco que tem a forma de um lençol estendido no solo e que, de repente, cresce ou 'levanta vôo' atrás do observador. Há cerca de 25 anos atrás, o Sr. José Francisco de Souza passou por uma experiência do gênero; ele voltava de sua fazenda quando, no local conhecido como Morro Grande, viu um grande lençol estendido à sua frente, sobre a estrada. Num instante, aquele vulto começou a subir em vertical, silenciosa e lentamente, soltando uma fumaça branca. Nesse momento, a mula em que montava assustou-se e correu de volta à fazenda, nela batendo. Saltou fora da estrada e seguiu numa carreira desenfreada, pasto abaixo. Em dado momento, tropeçou e caiu derrubando o cavaleiro, que ainda pôde segurá-la pela rédea.

O Sr. José P. Santana contou-nos que também viu o **Pantasma** em Passa Tempo, precisamente no local chamado Sesmaria. Há 22 anos atrás, ele seguia da cidade para sua casa quando viu um vulto branco semelhante a um lençol estendido no solo. Em dado momento, aquilo subiu em vôo vertical, sem nenhum ruído, como que estivesse crescendo em altura. O sr. José não teve dúvidas: sacou seu revólver e atirou em direção "daquela coisa". Imediatamente após os tiros, viu centenas de fagulhas multicolores que se espalharam para todos os lados, clareando profusamente o local. E a aparição desapareceu misteriosamente. O Sr. Hilarindo de Souza relatou-nos outra interessante observação. Há muitos anos atrás, voltando para a casa à noite, viu um lençol branco estendido no solo. Imediatamente, aquilo levantou-se em vôo vertical e emitiu uma luminosidade esverdeada para baixo e, à certa altura do solo, passou a voar horizontalmente até desaparecer.

Já outra testemunha, o Sr. Geraldo Costa, disse-nos que, há 40 anos atrás, ele e alguns colegas estavam caçando num mato quando viram, ao longe, um vulto branco num arrozal. Um dos presentes pensou tratar-se de vaca comendo arroz e todos decidiram retirá-la para que não estragasse a plantaçao. Atiçaram, então, os 8 cachorros de caça na direção da suposta vaca; todos partiram céleres na direção dela mas, de repente, voltaram com os 'rabos no meio das pernas'. Ganiam intimidados e tinham os pêlos eriçados, demonstrando medo. De repente, os caçadores viram o vulto branco crescer em altura e afinar-se pelo meio, depois tornando a abaixar-se e desaparecer na escuridão. Os caçadores, com medo, deixaram rapidamente o local. Estas são todas histórias antigas, mas de imenso valor casuístico, visto envolverem pessoas de reconhecida reputação em nossa sociedade e terem sido contadas em meio a um clima emocional intenso. Vejamos o 'causo' do Sr. Odilon de Castro Faleiro, ocorrido há quinze anos passados.

O Sr. Odilon ia para sua casa na zona rural, à noite, montando um pequeno burro, quando, à certa altura, notou que o animal estava inquieto e não queria seguir em frente. Após andar cerca de 500 metros no local conhecido como Morro Vermelho, viu um vulto branco defronte de uma porteira. O burro começou a ficar nervoso e, então, passou a tremer e a bufar seguidamente. O observador, pensando ser alguém, gritou "Olá, companheiro!". Não obtendo resposta, repetiu o cumprimento por mais vezes, até que, de repente, notou que aquilo crescia em tamanho e levantava vôo. O burro

saltou com o cavaleiro sobre um barranco e disparou por uma plantação de mandioca afora. Não conseguindo dominá-lo, o cavaleiro agarrou-se à cabeça do arreio e, aos 'trancos e barrancos', o burro chegou ao curral da fazenda Ponte de Pedra, onde o observador pernoitou. Noutro caso fantástico, porém absolutamente comum nas zonas rurais do Brasil, um casal residente em Passa Tempo contou-nos que certa vez foram perseguidos por uma 'colcha branca' estrada afora, por cerca de 4 quilômetros. Aquilo procedia a vôos rasantes sobre eles, como se fosse uma folha seca caindo, até chegarem à uma fazenda próxima, onde se abrigaram. Outra pessoa, moradora no município de Desterro de Entre Rios, também nos relatou ter sido perseguida por uma 'colcha de retalhos luminosa'.

Essas histórias existem às centenas por todo o Brasil afora e em muitas versões. Na verdade, o **Pantasma** ou **Fantasma** não é nada mais, nada menos do que uma nave extraterrestre (sonda não tripulada) de cor clara que o observador vê pousada sobre o solo à uma certa distância do mesmo. Quando a nave levanta vôo e toma o rumo do observador, que à essa altura já está correndo, o mesmo atribui aquilo poderes sobrenaturais que, por ser a nave branca, serão logo julgados como fantasmagóricos. Na Argentina fala-se de algo semelhante, o **Descabezado**, um fantasma recheado com fogo que, na cabeça, tem uma grade onde escapa 'fumo' (fumaça) e fogo. Esses encontros com UFOs pousados são muito freqüentes na zona rural, onde os extraterrestres parecem estar bem mais à vontade. Mas, quando percebem que o observador nota sua presença, levantam vôo imediatamente, desaparecendo ou então sobrevoando-o.

Muitos outros tipos de fantasmas ou assombrações são presenciados e contados pelos moradores rurais e pelos antigos habitantes das cidades mineiras e de outros estados. Já ouvimos histórias sobre "caixões voadores com velas acesas", "mãos decepadas segurando velas", "balaios voadores", "garrafas voadoras soltando fogo pelo gargalo" etc.. Todas essas bizarras descrições dependem do observador, de sua maneira de ver o engenho ou fenômeno, de sua crença, da época em que o fato ocorreu etc. O observador sempre procura comparar o que viu com algo que mais se assemelhe ao que acredita ter visto. Desse processo surge essa variedade de denominações para os avistamentos noturnos, sempre considerados como assombrações. O fenômeno, no entanto, nem sempre é aleatório: às vezes parece agir inteligentemente. Vejamos o caso do Sr. Alípio Rosa Pires, que contou-nos ter presenciado, há muitos anos atrás, um **Pantasma**. Ele ia para o trabalho quando, numa das ruas da cidade, viu encostado ao muro um vulto escuro. De repente, aquilo movimentou-se e passou a andar à sua frente, à uma certa distância. "Aquela aparição tinha o formato de uma pessoa pequena, mas não tinha pernas", disse; lógicamente, estaria voando à baixa altura do solo. Num instante, aquilo dobrou uma esquina normalmente, sendo que o observador, amedrontado, seguiu em frente sem poder ver maiores detalhes. O engenho desaparecera misteriosamente, pouco à frente do Sr. Alípio.

E não é só no Brasil que temos essas assombrações luminosas (às vezes também opacas). No Chile, no Peru e no Paraguai (e em algumas regiões brasileiras, também), temos o **Zaoris**, uma espécie de lenda ligada à almas penadas. Nas Antilhas temos o **Fogo do Diabo** e o **Mabuya**; em Portugal temos as **Alminhas**; no Japão temos o **Shinen-Gaki**; na Alemanha temos o **Inlicht** e por toda a Europa existem relatos de fantasmas e assombrações. São considerados até mesmo como diabos ou demônios, quando são precedidos de trovões, clarões e de cheiro de enxofre. Atualmente, ainda há muitos lugares onde

os avistamentos de UFOs são considerados demoníacos, pois nessas regiões atrasadas a população ainda nada sabe sobre extraterrestres ou engenhos oriundos de outros mundos. Existem, ainda dentro da classificação de almas penadas luminosas, muitas outras assombrações que surgem em forma mulheres, tais como a **Menina Loura** e a **Flor do Mato**, segundo as histórias folclóricas da Paraíba. Talvez o fato de se ver tripulantes de UFOs de constituição física diferente da nossa dê origem a essas lendas e mitos.

Referências bibliográficas:

01. Geografia dos Mitos Brasileiros, Câmara Cascudo, Livraria José Olímpio Editora, Rio de Janeiro, 1976.

02. Dicionário das Mitologias Americanas, Hernani Donato, Editora Cultrix, São Paulo, 1973.

03. Vocabulário Pernambucano, de Pereira da Costa, Revista do Instituto Arqueológico Pernambucano, Vol. XXXIV, Recife, 1937.

04. Arquipélago de Fernando Noronha, de Mário Melo, Recife, 1916.

05. Sob o Céu dos Trópicos, de Olavo Dantas, 1938.

CAPÍTULO 4

Luzes que mostram tesouros e fortunas enterrados

Muitos dos avistamentos de UFOs que se dão à noite, principalmente no interior do Brasil, são interpretados como "aparições luminosas que têm a missão" de mostrar tesouros e fortunas enterrados aos que as observam. Existem dezenas de lendas e mitos desse tipo, sempre ligados à observação de sondas e outros tipos de artefatos extraterrestres luminosos em determinados locais. Mas, é justamente a insistência, nestes mesmos locais, da presença desses engenhos que origina e alimenta o folclore. Onde quer que haja lugarejo onde se conte com insisténcia histórias de "luzes fantasmas noturnas", ou de "pássaros brilhantes e voadores", ou ainda de "almas penadas luminosas" etc, há a presença de seres extraplanetários. Tem sido assim em praticamente todos os lugares onde existem estas (e outras) lendas, segundo averiguamos. Em 1979, por exemplo, o jornal Cinco de Março, de Goiania (GO), publicou uma reportagem sob o título "Estranho objeto desce do espaço". Segundo o artigo, tratava-se de uma sonda em forma de esfera, que foi encontrada por uma senhora após esta ter visto uma luminosidade fantástica em determinado local por onde passava regularmente.

Segundo soubemos posteriormente, o engenho foi imediatamente recolhido por um órgão do governo para ser examinado; naturalmente, não tivemos mais qualquer notícia sobre o fato ou sobre o exame do material. No entanto, o que nos chama a atenção é que, nessa mesma reportagem, fala-se da Chapada dos Negros, um local muito temido pelos moradores da região onde o artefato foi achado - e isso já há mais de 200 anos. Nesse lugar, considerado assombrado, no passado trabalharam escravos num garimpo, recolhendo e guardando o ouro que 'bateavam' por ali mesmo, escondendo-o para evitar saques, a mando de seu 'senhor', enterrado nas redondezas. Dizem os moradores atuais do local que, quando os veios auríferos se esgostaram, os escravos foram todos mortos pelo senhor para que não revelassem onde se encontrava o ouro garimpado. Daí, com as constantes visitas de luzes misteriosas rondando o lugar, não foi nada difícil para que a cultura popular da região criasse a lenda de que tais focos de luz, na verdade, eram as "almas dos negros", voltando para mostrar onde enterraram o ouro. Entretanto, a única coisa que ocorre no Chapadão é uma elevadíssima incidência de observações de UFOs, porém confundidos com coisas sobrenaturais. Histórias semelhantes estão espalhadas por todo o Brasil, sempre relacionando tesouros e fortunas enterradas com escravos mortos.

Há, naturalmente, muitas variações para estas lendas, como a dos **Enterros de Solano Lopez**, vista no capítulo 2. Segundo a história da Guerra do Paraguai, o que era enterrado não era produto de garimpo, mas o produto dos saques que o ditador Solano Lopez fazia pelos vilarejos por onde passava, dentro do Brasil. Para completar, Lopez, por não poder carregar os tesouros roubados, os enterrava junto às suas vítimas, em imensos e profundos buracos cavados no solo. Ali eram depositados, intercalados de maneira macabra, os cadáveres das vítimas e as fortunas roubadas. Até ai tudo bem, pois isso de fato ocorreu. Mas, cem anos depois, quando as pessoas passaram a notar a presença de 'luzes estranhas' sobre determinadas matas e morrotes da região, logo imaginaram que tais luzes seriam os espíritos de Lopez e de seus soldados 'guardando' os tesouros. Ninguém sabe, no en-

tanto, quantos são e onde estão os enterros; mas, mesmo assim, muita gente começou a cavá-los.

Spix e Martius, pesquisadores que fizeram uma verdadeira jornada por nosso país, publicando seus resultados na obra Viagem Pelo Brasil[1], falam sobre as "montanhas roncadoras", localizadas nas vizinhanças de Monte Santo e Bendego. Já a escritora Lady Maria Grahan publicou no Journal of a Voyage to Brazil[2] ótimo material referente a um outeiro cônico, o local conhecido como Morro da Conceição, localizado na proximidade de onde foi achado cobre puro, em Cachoeira. Lá, por sinal, ouve-se freqüente e misteriosamente estrondos inexplicados, como os sons de uma explosão - o que nos faz lembrar o barulho emitido pelo sistema de propulsão dos UFOs. É verdade que, na maioria das vezes, os UFOs são extremamente silenciosos em suas incursões, mas, quando algum som é ouvido em sua presença, comumente assemelha-se ao barulho de uma explosão, conforme dezenas de relatos que já pudemos coletar na região onde pesquisamos. Com relação à imensa galeria de lendas associando os discos voadores à fortunas e tesouros seculares, temos no Rio Grande do Sul o mito **Nhandutatá**, que seria uma espécie de ave de fogo, ou avestruz de fogo, que teria a missão de mostrar tesouros e fortunas nos topos de serras. Escolheram logo uma ave para 'receber' a identidade dessa lenda justamente porque o misterioso engenho se apresentava sempre voando e tendo a incompreensível (para os habitantes do local) capacidade de pousar nos picos e serras mais elevados.

Esse é mais um dos numerosos 'causos' que conhecemos por esse Brasil afora e que, invariavelmente, relacionam os UFOs a mistérios - não sempre tesouros - enterrados. Aliás, nem há necessidade de os habitantes do local onde a lenda é contada saberem, através da história, que tenha havido ali algum enterro de outra coisa. Basta aparecer a alma penada luminosa, ou o **Nhandutatá**, como no caso do Rio Grande do Sul, para que se acredite que haja algo enterrado ali. No entanto, o que nos levou a descobrir e pesquisar todos esses mitos e lendas do ciclo ígneo foi a lenda particular e muito interessante da **Mãe do Ouro**. Em Minas, os UFOs foram conhecidos por muitos e muitos anos assim, até que, em 1978, pudemos pesquisá-la a fundo e relacioná-la com a manifestação não de algo sobrenatural, mas sim de engenhos extraplanetários. A partir daí, conscientizamos a população rural para o fato de que o que viam, na realidade, eram naves extraterretres e começamos um trabalho maior de escrutinação de relatos mais pormenorizados para alimentar nossas investigações.

A coisa toda começou quando, inicialmente, perguntávamos aos moradores da zona rural das cidades se já tinham observado naves extraterrestres, discos voadores, OVNIs ou UFOs etc, sempre referindo-nos ao fenômeno com seus nomes técnicos. Os humildes moradores, por sua vez, sempre diziam que nunca tinham vista 'nada daquilo', e que o que comumente viam era a **Mãe do Ouro**, uma bola de fogo que rondava a região rural. Chegavam até a determinar e traçar seu trajeto no céu, mostrando-nos seus locais de pouso. Os moradores tinham muitas informações detalhadas a seu respeito, inclusive a época em que a **Mãe do Ouro** surgia com mais freqüência, como se comportava etc. Era uma riqueza de detalhes surpreendente, o que nos estimulou a pesquisar o assunto mais profundamente. Assim, saimos a campo para conhecer que fenômeno era esse que se comportava igual aos UFOs mas era uma apenas lenda. Buscamos nos livros folclóricos todas as informações possíveis sobre tal lenda e pudemos encontrar, ainda, dezenas de outras histórias que assemelhavam-se imensamente à ela, com o mesmo tipo de fenômeno e

tudo, porém com nomes diferentes. Analisando o formato, a maneira de voar e de pousar, as particularidades, detalhes da luminosidade e outros pontos pormenorizados do fenômeno, chegamos a conclusão que todo o assunto da **Mãe do Ouro** era, na verdade, obra de UFOs que a cultura popular havia transformado em versões e mais versões miticas diferentes, espalhadas por todo o território brasileiro.

Desde a época que antecede ao descobrimento do país pelos portugueses temos descrições desse fenômeno, como a que apresentamos a seguir, no trecho da obra Antologia do Folclore Brasileiro, numa seleção de Anizio de Melo[3]:

> "Numa das tantas viu uma bola de fogo que, depois de girar como doida, foi acalmar num lançante de montanha, produzindo fagulhas danadas e luminosas. Uma lindeza!"

Isso não é nada mais, nada menos do que a descrição genuína de um UFO iluminado visto à noite com seu sistema de propulsão acionado e fazendo um pouso numa serra. Os moradores das zonas rurais sempre usam a expressão "uma lindeza" para demonstrar o quão maravilhoso lhes parece algo desse tipo. E exemplos assim estão por quase todas as obras que retratam as particularidades do folclore de nosso imenso país. Vejamos o que diz a seleção de Mary Apocalypse, na mesma obra citada acima, sob o capítulo Lendas e Encantamentos do Sertão[4]:

> "Os moradores do povoado viram muitas vezes; ao soar da meia-noite, viam uma bola de fogo a subir e a descer pelo rio, sem parar um só instante."

Tal como no caso anterior (e em dezenas de outras citações na mesma obra antológica), temos a descrição de um UFO nítida e incontestavelmente. O trecho acima, em particular, nos mostra uma bola de fogo vagando na beira de um rio, local preferido dos UFOs em suas andanças noturnas. Comumente ouvimos moradores da zona rural relatarem observações lindíssimas de bolas de fogo que ficam movimentando-se por horas, durante à noite, em certos locais. Muitas vezes voam na horizontal e descem ao solo da mesma maneira. Já tivemos a oportunidade de constatar pessoalmente a atuação da **Mãe do Ouro**, observando-a comportar-se dessa maneira por diversas vezes, em forma de uma bola avermelhada semelhante a um ferro em brasa e movimentando-se sobre serras. Mas, ainda na mesma obra, dessa vez na seleção de Alceu Maynar e José Vasconcelos Taborda[5], temos a descrição da **Mãe do Ouro** no litoral de São Paulo:

> "Em Ubatuba, Candinho Manduca, pescador de Perequeaçu, conta que viu a **Mãe do Ouro**, uma grande bola de fogo, atravessar o céu de um canto a outro; saiu lá das bandas do rio Acaraú e foi cair no Morro do Curuçumirin."

Muitas vezes emprega-se a expressão 'cair' para designar o pouso do UFO, pois ao descer ao solo o aparelho desliga sua luminosidade, o que faz com que o observador muitas vezes julgue que aquilo desceu serra adentro, ou caiu ao solo, tal qual uma estrela cadente. É justamente esse tipo de comportamento que originou a tradicional história de que "alí, onde caiu a **Mãe do Ouro**, é onde há ouro enterrado..." Ou seja: a **Mãe do Ouro**, que também é toda de ouro, vai se esconder de eventuais perseguições ao seu rico valor, mudando-se de um lugar para outro. Nosso conhecido pesquisador

Luiz da Câmara Cascudo, em seu livro Geografia dos Mitos Brasileiros[6], nos fala do mesmo fenômeno:

> "Lemos que a **Mãe do Ouro** reside inexplicavelmente numa gruta, num rio rodeado de peixes, embora atravesse os ares num cortejo de luzes vivas."

Já Simões Lopes, em Lendas do Sul[7], obra pulicada nada menos do que em 1913, nos fala de maneira curiosa sobre o mesmíssimo fenômeno, porém cujas informações foram colhidas há quase oito décadas:

> "As vezes rebenta um cerro destes com grande estrondo; se é de noite, no fogo que vê sair, vai a cuidadeira de mudança para outro; se é de dia e sempre no pino do meio-dia, e na luz do sol que encandeia os olhos, apenas sente o rumo que ela toma, só o rumo mas não lugar novo que ela vai fazer sua morada nova."

Observemos as seguintes expressões citadas no texto acima: "cortejo de luzes", "grande estrondo", "no fogo que vê sair", "vai a cuidadeira de mudança para outro" e "sente o rumo que ela toma, só o rumo, mas não o lugar". Estas são expressões que inequivocamente nos mostram o vôo de UFO, quando o engenho é observado decolando de um determinado lugar (onde, acreditam, estava enterrado), seguindo rumo ao espaço. Quanto ao som do estrondo, esse representa o acionamento do sistema de propulsão da máquina, como também o fogo que se vê sair dela, segundo averiguamos em dezenas de testemunhos pessoais que coletamos. Na maioria das vezes, os UFOs são vistos sem emitir ruído, como já dissemos, apesar de possuirem alguns sons semelhantes a chiados, barulho de motor de carro em marcha lenta ou de uma panela de pressão fervendo, entre outras bizarras descrições dadas por populares. Mas, quando se ejeta no céu à grande velocidade, sempre se ouve um estrondo ou estouro.

Cornélio Pires, em sua obra tradicionalista de 1927, Conversas ao pé do fogo[8], escrita num português medonho, nos dá uma descrição perfeita da **Mãe do Ouro** - mais uma para nossa já imensa galeria (vamos transcrevê-la tal como consta no original):

> "Num ai munto tempo passa no ceo, alli por riba do chapadão, uma **Mãe do Ouro**. Um bólido. Era isso... U 'a bola de fogo que foi rebentar p'rosquintos..."

Algumas vezes, a **Mãe do Ouro** é também descrita como moradora nos fundos de rios, habitante misteriosa do reino dos peixes e ligada às lendas aquáticas brasileiras. Isso se dá especialmente pelo fato de que o fenômeno costuma mergulhar e emergir de mananciais, muitas vezes usando-os para proteger-se do dia que chegará com o nascer do Sol, saindo de seu refúgio somente na noite seguinte, para suas novas incursões. Nesse ir e vir pelos leitos de rios, a **Mãe do Ouro** às vezes é tratada como **Mãe-d'Água**, já tratada em de nossos capítulos anteriores. Mas, vejamos como a retrata Veiga Miranda, em seu livro Mau olhado[9]:

> "Lá embaixo, muito longe, onde as águas varavam por um subterrâneo, morava a **Mãe do Ouro**; às vezes saia pelas bandas com um longo cortejo de luzes, de todas as cores, atravessando pelo ar serenamente como se fosse um desses papagaios de papel que as crianças soltam ao vento de

agosto. De sua cabeleira de estrelas iam caindo todas, uma a uma, apagando-se e virando pedras."

No dia 18 de novembro de 1986, dezenas de pessoas de Passa Tempo e de municípios vizinhos, além de cidades distantes como Brasília e outras do Espirito Santo, presenciaram um UFO. Era aproximadamente 21:35 h e o objeto voava à média altura do solo, quando pudemos vê-lo por quase um minuto e meio. Tinha a forma de uma esfera de fogo avermelhada, do tamanho de uma bola de futebol, e uma grande cauda flamejante de onde saiam fagulhas que caiam ao solo, desaparecendo ou apagando. Em 1957, na primeira vez que observamos um UFO, o engenho passou voando à baixa altitude, bem atrás da igreja matriz de nossa cidade; meu pai foi o primeiro a ver o objeto e gritou, chamando-me para também presenciá-lo: era uma bola de fogo com uma cauda do tamanho de uma lua cheia que voou silenciosamente na direção do Morro Grande, próximo à Passa Tempo. Em vôo, realmente os UFOs apresentam-se como um papagaio de papel, 'jogando' ao sabor do vento, ou como um urubu voando à grande altura, simulando o vôo livre dos paraquedistas.

"'Ubi est ignis est Aurum', diziam os antigos romanos. Onde há fogo, há ouro. A égide das minas, madrinha dos veeiros, padroeira dos filões, defendendo pepitas e escondendo jazidas, só podia ter a forma de uma chama, lume que denunciava o metal rutilante e a um tempo o custodiava. Seria inicialmente apenas um clarão seguido pelos trovões; o relâmpago dizia a direção da **Mãe do Ouro** e, os trovões, sua cólera."[6]

O trecho acima, extraído da obra de Cascudo, nos apresenta alguns ricos detalhes do comportamento do fenômeno, sempre relacionando-o à guarda de metais preciosos. Essa é a versão predominante no folclore brasileiro para justificar a presença e a atuação da **Mãe do Ouro** em determinados locais. Já o padre e sertanista Carlos Teschauer, em seu texto A lenda do ouro, publicado na Revista Trimestral do Ceará, nos descreve a manifestação da lenda noutras paragens[10]:

"A **Mãe do Ouro**, que informa os metais subterrâneos, às vezes abandona um cerro para mudar-se para outro. Muitas vezes, vizinhos do cerro do Jaraù observaram como saiu deste e dirigiu-se até os três serros de La Cruz, em Corrientes, a **Mãe do Ouro**. Há uns cinqüenta anos, escreveu Granado, que arrebentou com grande estrépido um pequeno cerro dos muitos que contém o ondulado terreno do Uruguai. Qual teria sido a causa deste fenômeno? A **Mãe do Ouro** que se foi para o Brasil, em cuja direção iam os lampejos, que despedia e dava o estampido. Quando o tempo se decompõe ou a meio-dia, nos dia de muito calor é a ocasião em que se realizam os mencionados fenômenos."

Pelo texto do padre podemos notar que a **Mãe do Ouro** também se faz presente em outros países da América do Sul, sendo conhecida no Paraguai, no Uruguai e na Argentina, onde recebe o nome de **Farol** ou **Coquena**: "uma luz que conduz rebanhos de ouro e prata, podendo desaparecer misteriosamente". Já em outros estados brasileiros, o mesmo fenômeno é conhecido ora como uma mulher loura, ora como uma mulher que reside em um palácio encantado onde promove festas de orgia para outras mulheres. Esses mitos espalham-se por muitas regiões, mas são tradição permanente principalmente em Goiás, Mato Grosso, São Paulo e Rio Grande do Sul. Cornélio Pirez diz que "os caboclos se reuniam e ficavam sempre vigilantes num grotão da cascata na Serra de Botucatu, para vigiarem a **Mãe de Ouro**". Já Hernani Donato, em sua co-

mentada obra Dicionário das Mitologias Americanas[11], nos dá uma referência técnica da lenda:

> "Mito ígneo corrente no Prata e no Sul do Brasil, até Minas Gerais, originário do ciclo do ouro e, ao que parece, de nascimento missioneiro. A apresentação não varía: uma bola de fogo, com trovão ou sem ele, levanta-se de uma grota, marca violentamente a sua passagem no céu noturno e mergulha em cerro ou laguna, sítio seguro, onde dorme um tesouro. Faz de certo modo o papel do **Zaoris**. No Paraná ganha fixação antropomórfica: mulher sem cabeça, ocupada apenas em custodiar o ouro oculto sob as serras. No Rio Grande do Sul, pelo testemunho de Simões Lopes, é a alma, o espírito que restou de certa gente num tempo muito antigo e foi por castigo do céu, endureceu de repente e, caída, ficou onde estava..."

Continua Donato: "O que é hoje serra de pedra já foi gente. Os ossos são pedra, a carne já virou terra, os cabelos são os matos, sangue são as pequenas vertentes; as veias resultaram em ferro, mas os nervos, por serem a parte mais delicada do corpo, tornaram-se ouro e são os veeiros que se entranham por aí abaixo... A **Mãe do Ouro**, que escapou ao castigo coletivo, defende contra homens cobiçosos os nervos dos castigados, a fim de que, no dia do juízo, cada ressuscitado encontre íntegros os seus nervos. Em Minas Gerais e ao longo do Rio São Francisco, também é chamada **Zelação** e pode ter seu encanto quebrado e seu segredo revelado pelo mortal afortunado que a encontre e, rápida quanto corajosamente, dê um talho feito no próprio dedo, deixe cair algumas gotas de sangue sobre ela. Serão seus todos os tesouros custodiados pela **Mãe do Ouro**. Na mítica da chamada 'Zona Velha de São Paulo' ela tem muito de **Iara**, de feminino, de perverso."

Como próprio texto nos diz, a **Mãe do Ouro** pode ser vista com trovão (barulho) ou sem ele. E, como já mencionamos, muitas vezes os UFOs levantam vôo fazendo um ruído como estrondo; noutras vezes, não se ouve nenhum ruído. É claro, no entanto, que estamos sendo visitados por muitas espécies de seres extraterrestres, daí termos uma grande variedade de naves também, o que pode justificar algumas variações da lenda. Uma senhora residente em nossa cidade, por exemplo, contou-nos do alto de seus 80 anos de idade que, quando era jovem, também vira a **Mãe do Ouro**, "uma grande bola de fogo, voando sem ruído algum e à uma velocidade moderada". Minha pròpria bisavó tambèm descreveu ter visto, há mais de 70 anos, a tal luz surgir. Segundo ela, a bola apareceu sobre a serra dos Pereiras, ao anoitecer, clareando todo o local por onde voava. "Foi um corre-corre, pois muitas moças que estavam junto dela correram para se esconder debaixo das camas, com medo da aparição", declarou. Há até uma interessante tradição baseada no temor das reações da 'bola', segundo contam os mais velhos: a de que não se deve apontar o dedo em sua direção, e sim fazer um movimento com a mão, dizendo: "Vai. Deus te guie!"

Muitas histórias sobre a **Mãe do Ouro** referem-se à sondas teleguiadas, de tamanhos que variam de centrímetros a mais de metro. Temos colhidos muitos relatos de pessoas que já correram atrás dessas pequenas bolas luminosas e não as conseguiram pegar. Aqui, na região de Passa Tempo, dizem os moradores que para pegar a **Mãe do Ouro** é preciso cuspir nas mãos. Dizem também que, se a luz for pêga, tem que se manter as mãos fechadas, até que se possa batizá-la; caso contrário, ela fugirá. Só no estado de Minas Gerais poderíamos colher milhares de relatos de pessoas diferentes que, em

centenas de municípios, já tiveram avistamentos da susposta lenda. Ao cair da noite os UFOs lançam-se em suas incusões noturnas nas zonas rurais, com extrema luminosidade. Justamente por isso que são notados por muita gente, mesmo pessoas que não têm conhecimento algum do assunto. No entanto, já em nossa cidade, quando há um avistamento, o observador sempre arranja um modo de nos avisar: ou vem até nosso escritòrio ou manda um recado. E, assim, podemos fazer uma pesquisa mais apurada sobre as condições da aparição, já que a maioria dos observadores tem tão somente o conhecimento de que a **Mãe do Ouro** vista é um UFO, sem saber, no entanto, o que é isso ao certo. Em algumas localidades, acredita-se tanto nesse mito que muitos moradores rurais chegam a marcar o local onde o UFO fez pouso, para no outro dia irem lá cavar à procura de ouro.

Referências Bibliográficas:

01. Viagem Pelo Brasil, Spix e Martius, Editora Melhoramentos Ltda, São Paulo.

02. Journal of a Voyage to Brazil, de Lady e Maria Grahan.

03. Antologia do Folclore Brasileiro, Seleção de Anizio de Melo, Editora Edigraf, Porto Alegre.

04. Antologia do Folclore Brasileiro, Lendas e encantamentos do sertão, seleção de Mary Apocalypse, Ed. Pub. Brasil, 1938.

05. Antologia do Folclore Brasileiro, seleção de Alceu Maynar e José Vasconcelos Taborda, Editora Edigraf, Porto Alegre.

06. Geografia dos Mitos Brasileiros, Câmara Cascudo, Livraria José Olímpio Editora, Rio de Janeiro, 1976.

07. Lendas do Sul, de Simões Lopes, Pelotas (RS), 1913.

08. Conversas ao pé do fogo, de Cornélio Pires, 1927.

09. Mau Olhado, de Veiga Miranda, 1925.

10. A lenda do ouro, Pe. Carlos Teschauer, V. Revista Inst. do Ceará, Tomo XXV, 1911.

11. Dicionário das Mitologias Americanas, Hernani Donato, Editora Cultrix, São Paulo, 1973.

CAPÍTULO 5

UFOs vistos como luzes ou carros fantasmas.

Muitas vezes, os UFOs são vistos como luzes misteriosas e brilhantes; por isso até os índigenas criaram denominaçòes para o fenômeno. Uma delas é a **Macacheira**, que seria uma luz enigmática quase sempre vista junto às trilhas que os índios fazem no mato. Para algumas tribos e aldeias, a **Macachera** é uma luz com 'intenções boas', mas, para outras, suas intenções são 'más e perversas'. Em alguns casos, chegam a perseguir os índios, exatamente como ocorre com os moradores rurais, que são perseguidos por seus "fantasmas" nos campos e fazendas - e ainda hoje em dia. No entanto, com o tempo, novas versões de lendas, histórias e descrições surgiram para explicar as tais luzes e suas intenções, mesmo que a luz fantasma continue a assustar os moradores rurais, como ocorre em locais isolados como os municípios de Pimenta, São Roque de Minas e Piumbi, todos em Minas Gerais, que é um dos estados mais ricos do folclore brasileiro. Vejamos um artigo publicado no jornal Alto São Francisco[1], de Piumbi, de 27 de agosto de 1978:

> "A **Luz Fantasma**. Que mistério se esconde por trás da **Luz Fantasma**, que pelo menos há 50 anos vem assustando os viajantes noturnos e moradores da região compreendida entre as cidades de Piumbi, São Roque de Minas e Pimenta? Estaria esta luz, que cruza os céus da região à velocidades espantosas, incluída no rol dos objetos aéreos não identificados, atualmente em moda por todo o mundo?"

Embora sejam correntes e muito populares as centenas de histórias sobre tal luz, em nossa pesquisa localizamos apenas uma única referência escrita sobre ela, justamente no livro Meu Pequeno Mundo, de Honorino Soares de Oliveira[2]. Em sua obra, Oliveira curiosamente a batiza de **Luz do João Rosa**, numa referência ao local onde, segundo os moradores, seriam freqüentes suas aparições. Para o autor, entretanto, a **Luz do João Rosa** está incluida entre os mitos e lendas da região do Chafariz, entre as cidades de Piumbi e São Roque de Minas. Muitos motoristas, viajando pelas estradas secundárias do interior, normalmente sem pavimentação e desertas, ou são seguidos pela tal luz ou, pelo menos, a observam em suas manobras. De dentro dos carros, com a excitação causada pela observação, no momento em que a luz aparece, o motorista tem a impressão de que a "luz viajante" o seguiu por todo o trajeto. Nesse ponto, os depoimentos que colhemos variam entre si, mas a maioria dos casos conhecidos constam de descrições convergentes para um fenômeno único em si: os motoristas falam de algo parecido com um farol de automóvel, ora com cerca de 15 cm de diâmetro, ora quase do tamanho de um holofote, com o diâmetro de até 70 cm.

A cor da **Luz Fantasma** ou **Luz do João Rosa** varia entre um amarelo vivo, um vermelho e um branco brilhante. Existem casos ainda em que a luz é comparada com uma bola de fogo ou a uma espécie de tocha de fogo que cruza os céus, clareando o local que sobrevoa ora como um foco de luz definido e intenso, ora com um círculo de luz também forte; existem depoimentos que falam até de uma luz que mudaria a tonalidade de suas cores, como a que é vista com certa freqüência pairando sobre as campinas e morros da localidade de Cabrestos, situada também na estrada que liga a São Roque de Mi-

nas, região já bem comentada nesta obra. Da mesma forma, a mesma luz (ou algo bem parecido) já foi vista fazendo evoluções sobre os morros que circundam Piumbi e, até com certa insistência, nas proximidades da serra do Andaime, onde se localizam as torres repetidoras de televisão e a estação de microondas da Telemig (Tele Minas Gerais).

A cinco metros de distância, a luz observada tantas vezes é tão intensa que clareia o solo em circunferências de até dez metros de diâmetro. Mas a altitude de seu vôo é muito variável: alguns observadores nos falam que a observaram a apenas 3 metros de altura do chão; outros já tiveram a chance de vê-la à alturas bem maiores. Igualmente, de acordo com os inúmeros depoimentos que colhemos, muitas vezes sua manifestação é seguida de um chiado, um ligeiro ruído que a **Luz Fantasma** emite ao manobrar no céu. Algumas testemunhas declararam que este ruído parecia o "borbulhar de água fervendo". Mas, em contrapartida, fala-se muito de uma outra luz fantasma, desta vez absolutamente silenciosa. Pode ser que se trate do mesmo tipo de objeto, ora manifestando-se com ruídos, ora sem, já que a descrição de seu aspecto físico é idêntica. Mas o mais curioso é que, se marcarmos num mapa os pontos onde a luz pode ser vista com maior freqüência, e unindo-se os pontos num triângulo, verificamos que seus ângulos coincidem perfeitamente com as já tão citadas cidades de Piumbi, São Roque de Minas e Pimenta - todas riquíssimas em fenômenos luminosos noturnos e, como conseqüência, com fortíssima tradição folclórica.

As hipóteses se confundem sobre o que causaria tal coincência, mas para confirmá-la da forma mais inequívoca possível temos o maciço testemunho popular de quase todos os moradores das cidades, que afirmam: "a **Luz Fantasma** existe". No mesmo jornal citado há pouco, na edição de 10 de setembro de 1978, foi publicada outra interessante reportagem com depoimento de José Luiz da Silva e de pessoas que tiveram encontros com a **Luz Fantasma**. José Luiz, popularmente conhecido como Prego, é o motorista do caminhão leiteiro que durante varios anos atendeu à linha Piumbi - São Roque de Minas, portanto uma pessoa conhecida e respeitada na região. Vejamos o que disse:

> "Eu ia pela estrada num caminhão, quando notei uma luz pelo retrovisor, que pensei ser de algum outro carro. Como ela me seguia, resolvi parar para dar caminho. Quando parei, ela se desviou para o cerrado à beira da estrada. Aí saí novamente e lá estava, de novo, a luz atrás de mim. Eu parava, ela parava; eu corria, ela corria. E isto foi visto por muita gente, durante muito tempo, enquanto eu trabalhava na linha de leite de São Roque. Aconteceu durante dois anos seguidos, até que acostumei-me tanto com aquilo que já nem sentia medo; sentia era 'falta daquilo' o dia em que nada acontecia."

E muita gente teve outras experiências com a **Luz Fantasma**, como a que declarou-nos uma vez o motorista de taxi Chiquinho Arantes, 59 anos. Arantes viu a tal luz em 1953, em seu primeiro avistamento, e ficou impressionado. Vamos transcrever a seguir sua declaração:

> "Numa ocasião, era mais ou menos 20:30 h, eu ia a serviço para Doresópolis. Na cidade de Ponte das Araras notei que um carro com um só farol descia do outro lado da ponte e, como a estrada era estreita, parei para dar passagem. Mas, após algum tempo, notei que o carro demorava muito a subir do lado de cá. Imaginei que devia ter furado algum

pneu ou algo assim e resolvi descer para ver. Chegando lá, debaixo na ponte, depois da curva, que vi que não havia nada... 'Aí o cabelo arrepiou mesmo!' Só podia ser a tal luz, já que não havia outra estrada, outro desvio, nada; só mato dos dois lados."

Já o garimpeiro Joaquim Olímpio de Almeida teve uma experiência aterrorizante com a **Luz Fantasma** em fevereiro de 1978. Com fama de valente por toda a região, Olímpio não escapou de ser perseguido pela luz fantasmagórica e declarou-nos o seguinte:

"Certa vez eu ia para Vargem Bonita a trabalho, só que desta vez sózinho. Mais ou menos às 23:30 h, alí perto do Balbino, avistei uma luz à direita da estrada, a uns três mil metros de distância, que vinha na direção do carro. Parei no acostamento, abri o vidro para observar melhor, e 'ela' veio vindo, até que passou à minha direita, a uns 20 metros fora da estrada. Nisso, virou para o lado da serra 'd'uma vez' e fiquei olhando até ela sumir. Era grande, com uns 60 ou 70 cm de diâmetro, e 'andava' a uns 4 metros do chão, numa velocidade mais ou menos 50 km/h. Sua cor era entre o amarelo e o vermelho, mas seu foco parecia tremer. De frente, era a mesma coisa que um farol grande e, por trás, pensei ter visto um vulto aparecer..."

Os trechos que transcrevemos acima referem-se a avistamentos reconhecidamente de UFOs, mas considerados pelas testemunhas como sendo somente luzes fantasmas, cujos desígneos seriam assustar, amendrontar e 'avisar' aos observadores para que não se aproximem dos locais que 'guardam', e que são justamente os morros e riachos da região já citada de Piumbi, Pimenta, São Roque de Minas e alguns outros municípios vizinhos. E as narrativas de entrevistados de outros locais, até bem distantes desta região, é identica - em praticamente todos os detalhes - às dadas acima e muitas outras não publicadas aqui. Isso nos faz pensar que o fenômeno não é restrito a um determinado local, somente, mas que por sua incidência ser tão insistente em dada região, a lenda agrega ao seu enredo a residência do fenômeno na área. Por mais que fatos idênticos possam ser registrados à centenas de quilômetros do local onde a lenda já é patente, ela não pertencerá aquele novo ponto. Isso quer dizer que, se no norte de Mato Grosso **Luz Fantasma** for observada, e se houver um mineiro das cidades citadas ou outra pessoa que saiba da história das cidades citadas, possivelmente em seu 'novo domicílio' a luz será chamada de "Luz Fantasma de Minas", ou ainda "Luz Fantasma de Piumbi", por exemplo.

Mas, a mesma manifestação pode ser reconhecida pelo tradicionalismo e folclore de outra cidade com nomes diferentes, como já vimos antes e como esta obra bem exemplifica. Para se ter uma boa idéia, um exemplo típico é o nosso município de Passa Tempo, onde a mesma luz de Piumbi é conhecida não como **Luz Fantasma**, mas como **Carro Fantasma** - e aí já assustou muita gente também, especialmente nas décadas de 40 e 50. Vejamos alguns casos contados pelos moradores daqui, ocorridos na estrada que liga o município a Morro do Ferro. O Sr. Joaquim Rodrigues Souto, por exemplo, um motorista de caminhão que fazia a linha leiteira no trajeto citado, muitas vezes teve encontros com o **Carro Fantasma** mas, certo dia, de madrugada, teve uma experiência ímpar. Junto de seu ajudante, Palmério, Joaquim viu o que lhe pareceu um carro que os seguia, durante uma de suas viagens noturnas. Como a estrada era estreita, resolveu encostar seu caminhão na lateral da pista para dar passagem ao suposto veículo, quando toda a região ficou às

escuras, tendo o misterioso carro desaparecido misteriosamente. Joaquim e seu ajudante desceram do caminhão e verificaram todo o local, constatando tão somente um silêncio absoluto: a luz que os seguia sumira inexplicavelmente!

Relatos semelhantes são encontrados às dezenas nas cidades de Minas Gerais e de outros estados. No entanto as versões e denominações para o mesmo fenômeno são muitas e as mais variadas possíveis. Em certos locais, em vez de **Carro Fantasma**, o nome dado a esse farol misterioso ou holofote é tomado do nome ou das particularidades do local onde é visto com mais freqüência. Em São Tiago (MG), por exemplo, fala-se na **Luz da Serrinha**, assim como, na já citada Piumbi, fala-se da **Luz do João da Rosa** etc. Como se vê, costuma-se também dar o nome de alguma pessoa que faleceu de maneira trágica (ou não), na região onde a luz aparece, para o fenômeno; daí a ligação mítica e fantasiosa da lenda com "almas penadas" e outras entidades imaginárias. Exemplos interessantes são a **Luz do Pedro**, a **Luz do Joaquim** etc. No Rio de Janeiro, através do boletim informativo do Grupo Fluminense de Pesquisas Ufológicas de Cachoeiras de Macacu, descobrimos mais uma denominação para esse mesmíssimo tipo de avistamento de UFO: a **Luz Campestre**, um farol misterioso que aparece com muita intensidade no vilarejo de Guapiaçu, ao norte da cordilheira dos Órgãos e à altura do 'nariz' da cabeça da montanha do Gigante Deitado, divisa entre os municípios de Cachoeiras, Teresópolis e Nova Friburgo. Segundo o Grupo Macacuense, essa luz ainda possui dimensão variando desde centímetros até alguns metros, dependendo das condições, podendo subdividir-se em até três elementos. Normalmente possui cor azulada, quase sempre transformando-se em amarelo e dai variando para o laranja. Suas descrições coincidem com o fenômeno da **Luz** ou **Carro Fantasma** e consiste de um facho direcionado normalmente ao solo, semelhantemente a um farol, e pode percorrer alturas diferentes à velocidades variadas, não emitindo ruído.

Esse tipo de avistamento noturno de um UFO em forma de farol é muito comum em regiões isoladas e principalmente quando estão sobrevoando à baixa altitude um determinado local. Geralmente, em suas manobras de sobrevôo, os faróis acompanham as variações topográficas do local, 'desenhando no céu', por exemplo, uma trajetória imaginária que seria a silhueta das condições do terreno. Já tivemos oportunidade de ver tal fenômeno por diversas vezes, e exatamente dessa maneira; numa delas, estávamos numa elevação próxima à Passa Tempo quando presenciamos um farol 'acender-se' instantaneamente no espaço negro do céu, durando aproximadamente 10 segundos. Mas tais luzes também apresentam-se dessa forma, acendendo-se e apagando-se em seguida, quando voam próximas ao solo, porém com muito mais raridade. Noutro avistamento que tivemos pessoalmente, pudemos apreciar um UFO em forma de farol no fundo de uma grota, emitindo um feixe de luz que iluminava apenas para baixo. Em certos avistamentos, esse holofote chega a iluminar até mais de 100 metros à frente; noutros casos, apenas dirige um estreito facho de luz que, de tão intensa, parece compacta ou sólida, como os ufólogos a identificam. Apesar de termos descrito, neste capítulo, a manifestação do **Carro** ou **Luz Fantasma** em apenas algumas cidades de Minas Gerais e do Rio de Janeiro, há milhares de outras ocorrências idênticas acontecendo ou já ocorridas em locais espalhados por todos os cantos do Brasil e do exterior. Na verdade, não passam de versões relativamente modernas do antigo mito do **Mbai-tatá**, já descrito: mais uma tentativa de se explicar as constantes e enigmáticas visitas dos UFOs às zonas rurais brasileiras.

Referências bibliográficas:

01. Alto São Francisco, jornal de Piumbi (MG), de 27 de agosto de 1978.

02. Meu Pequeno Mundo, de Honorino Soares de Oliveira.

CAPÍTULO 6

Deuses, anjos, demônios ou seres extraterrestres?

Em 1817, quando quase nada se falava sobre as arrojadas teorias da presença extraterrestre em nosso planeta, os historiadores Spix e Martius, em sua já comentada obra Viagem Pelo Brasil[1], escreveram sobre estranhas inscrições que encontraram em lajes de pedra em vários locais brasileiros, especialmente na Serra do Anástácio e nos rochedos de Araraquara. Alguns dos desenhos que as inscrições continham eram tão técnicos que os autores se viram admirados com a descoberta, afirmando em seu livro que "aquilo jamais poderia ser obra de índios". No entanto, na entrada do rio Japurá, numa das incursões de Spix e Martius pelo interior, seus guias índigenas, vendo figuras num rochedo, passaram a venerá-las gritando: "Tupã, Tupã"! Eram cinco figuras distintas, como cabeças humanas, sendo que 4 tinham uma espécie de aureóla de raios circundando-as e uma tinha chifres como os de animais. Figuras semelhantes à essas já foram encontradas em inscrições pré-históricas localizadas por arqueólogos nos mais diversos locais do mundo, tais como na Austrália, em vários pontos da URSS, na Espanha, nos Estados Unidos, no Perú e em muitos outros países. Por suas características, acreditamos que tais desenhos representem o aspecto físico de astronautas (ufonautas) que visitaram a Terra num passado remoto, apresentando-se aos nossos ancestrais usando capacetes e/ou outros tipos de proteção na cabeça, vistos como auréolas, raios e chifres por esses.

E assim, por todo o mundo estão espalhadas centenas de lendas de deuses que desceram dos céus e conviveram com alguns entre os povos primitivos, ensinando-lhes uma maneira melhor de viver. Como não poderia deixar de ser, tais lendas estão latentes também no folclore brasileiro, e entre os nossos índios também existem dezenas de histórias - algumas fantásticas - de deuses que vieram dos céus e viveram junto às mais diversas tribos, no passado remoto. É costume de muitas nações indígenas brasileiras perpetuarem tais histórias, que são passadas de pai para filho; hoje, tribos do Alto Xingu e outras ainda têm viva memória de um tempo, que seus seguidores afirmam ser muito remoto, em que deuses lhes ensinaram a plantar e a curar doenças, deuses de luz que vieram ora das estrelas, ora do Sol... E não é segredo algum que os índios têm, por alguma razão desconhecida, uma forte ligação com o Fenômeno UFO. Em alguns casos, contatos têm ocorrido em aldeias com bastante regularidade e não existe praticamente nenhuma nação indígena que não tenha uma lenda onde UFOs e extraterrestres aparecem como protagonistas. Em nossa pesquisa sobre o folclore brasileiro, pudemos encontrar pelo menos um documento impressionante que nos relata um contato direto entre um índio e o que pode ser considerado um grupo de alienígenas. O testemunho está registrado numa carta escrita em 13 de junho de 1959 pelo irmão Antonio de Sá. Essa carta foi encontrada na obra do folclorista Luiz da Câmara Cascudo, o já estudado livro Geografia dos Mitos Brasileiros[2], tendo sido extraída da obra Cartas Avulsas, edição XXVIII, de responsabilidade da Academia Brasileira de Letras (RJ). Vejamos o texto original:

> "Vasco Fernandes, nosso principal, tinha um filho por nome Manemuacu, o qual estava muito doente na aldeia da vila. Estando ele assim, uma noite de grande tempestade o tomaram os demônios em corpo e com grande

estrondo o levaram arrastando e maltratando. O padre Braz Lourenço o foi a consolar (ao pai de Manemuacu) dando-lhe a esperança que, se não era morto, ele apareceria, como de fato daí a três dias apareceu. O padre índio contava que, depois de havê-lo posto no porto de João Ramalho, o levaram a Santo Antonio com tanto ímpeto e clamor que a si mesmo não podia ouvir e nem entender; daqui o puseram no porto de Jaravaia e, por concluir, diz que o puseram entre muitos outros onde se fizera muito mal. Aqui viu fogos e mui horríveis. Finalmente, depois de todos estes martírios, o arrojaram entre uns mangues, onde se maltratara muito e ficara fora de si com tantos tormentos como passara, que por isso não conhecia aos seus quando deram sobre ele e fugia deles como se foram demônios. Tudo isso permite o Senhor para que venham a conhecimento da sua Lei, considerando o domínio do demônio."

Este é um documento histórico que, sem dúvidas, nos mostra um vivo contato com ETs, ainda que terrível, como muitos já ocorridos na atualidade com cidadãos civilizados (não indígenas). É claro que o índio, a pobre vítima, jamais poderia supor que os entes tidos como demônios eram, na verdade, seres extraterrestres. E nossas conclusões não são apressadas, como poderá o leitor imaginar: contatos traumáticos como esse, com criaturas de outros planetas, têm ocorrido às centenas em todo o mundo, e são descritos basicamente da mesma forma por suas vítimas. O caso do índio não é diferente, mas sim narrado à forma de suas crenças e dentro de suas possibilidades lingüísticas e de interpretação. Analisemos algumas passagens do texto, que nos levam a crer num contato extraterrestre:

(1) "e com grande estrondo o levaram". O estrondo provavelmente deve ser o acionamento do sistema de propulsão de uma nave, como já pesquisamos em tantas ocasiões e descrevemos em capítulos anteriores.

(2) "o levaram a Santo Antonio com tanto ímpeto e clamor que a si mesmo não podia ouvir e nem entender". Logicamente, esta frase descreve a velocidade, as incríveis manobras e o ruído das máquinas da nave, que evidentemente um índio jamais conseguiria entender.

(3) "o puseram entre muitos outros, onde se fizera muito mal". A experiência nos confirma que um simples exame médico executado num índio é interpretado por este e por seus companheiros como uma maldade, ainda mais se lhe for aplicado algum tipo de medicamento através de injeção. E como a própria vítima descreve, haviam outras pessoas em mesmas circunstâncias que as suas, talvez outros índios raptados para determinadas finalidades.

(4) "aqui viu fogos mui horríveis". Ora, o fogo comum o índio já conhecia bem, mas o que seria 'um fogo horrível' para ele? Com certeza, algo tão espantoso, de brilhante e de potente, como a propulsão de uma nave extraterrestre ou mesmo o seu sistema de iluminação, 'um fogo que não queima'.

Pela lógica e pela comparação com a casuística ufológica, estamos diante de um inequívoco contato com uma nave extraterrestre e o rapto de um silvícola por seus tripulantes. Igualmente, tudo nos leva crer que seres muito mais evoluídos do que os que viviam na Terra nos tempos remotos, indígenas ou não, contactaram os primitivos terrestres, que por aqueles foram observados detidamente e, vez por outra, recolhidos de seu habitat para

experiências e amostragens a bordo de naves resplendorosas. Mas, pela ignorância de nossos ancestrais, tudo foi sempre visto e colocado no plano do sobrenatural, tendo os extraterrestres sido considerados como demônios ou deuses, conforme suas ações.

Em muitas tribos das Américas existem lendas sobre seres físicos que desceram do céu e viveram entre os índios. Não raramente, estes seres ensinaram-lhes muitas coisas interessantes e que desconheciam, e retornaram depois ao espaço. Mas que coisas são estas que os índios aprenderam. É claro que nenhum extraterrestre iria ensinar um índio a construir um computador ou algo de sofisticado e que jamais teria condições de compreender, mas sim o essencial para uma sobrevivência melhor na Terra, utilizando o que tinham em seu meio e que lhes estava à mão. No Brasil, temos muitos desses casos de deuses indígenas, que bem antes da chegada dos portugueses por aqui já eram cultuados pelos primitivos habitantes de nosso país. Os índios bororos, cujas aldeias espalhavam-se principalmente pelo oeste do país, falavam no **Bacororo** e **Baitagogo**; os kádweus, do Mato Grosso do Sul, falavam no **Karana**; e os caiuás, mais ao sul do Brasil, no **Baira**. Já o **Guaricana**, um ser praticamente sagrado que vinha auxiliar as aldeias, curando os enfermos, é falado por muitas das tribos brasileiras, e de todos os pontos do território nacional.

No entanto, um dos mais cultuados entes do gênero é o **Jurupari**, que mesmo antes da chegada do homem branco era considerado um deus pelas tribos brasileiras, mas logo foi comparado a um espírito do mal, quando o branco chegou, em virtude de os jesuítas não conseguirem explicá-lo a contento. Assim como ocorreu com muitas lendas, o homem branco - em especial os de missão religiosa, catequístas como os jesuítas - destruiram as lendas, ensinando aos índios que seus deuses eram espiritos do mal revestidos de alguns poderes, que tinham o objetivo de os enganar com seus segredos para, depois, atormentá-los. É a lógica religiosa: destruir a cultura local para inplantar a sua. Mas **Jurupari** deixou sábios ensinamentos e noções práticas de vida para muitas tribos e, após sua missão, retornou ao Cosmos, apesar do esforço dos jesuítas em desvirtuar suas obras e feitos. É lógico que um extraterretre, portador de alguma tecnologia fabulosa, seria considerado como um deus por homens que mal conheciam o mundo em que viviam.

É interessante, ainda, completar que os índios consideravam **Jurupari** um filho de **Ceuci**, nome que davam ao aglomerado estelar das Plêiades - e muitas outras tribos dedicam especial atenção para essas estrelas, bem visíveis ao olho nú. **Sumé** foi outro deus civilizador das tribos brasileiras, e também muito cultuado. Maria Graham, em sua obra Diário de uma Viagem Pelo Brasil[3], editada em nada menos do que 1821, nos fala sobre ele:

> "A lenda da chamada **Itaóca** é notável por sido, na opinião dos índios, a residência de uma pessoa divina. Está ligada às tradições relativas ao benfeitor **Zomé** (**Sumé**), que lhes ensinou o uso da mandioca e que os primeiros missionários aqui imaginaram ver o apóstolo Tomé."

O Dr. João Américo Peret, histórico e renomado pesquisador do folclore brasileiro, cujos trabalhos de pesquisa são conhecidos em todo o mundo, colheu entre os índios uma lenda impressionante que nos fala sobre um deus físico, denominado **Bebgororoti** ou **Beb-gororoti**. Eis resumida á história do Dr. Peret:

"Em uma época muito remota, **Bebgororoti** veio da Serra Pukato-Ti, vestiu a Bo (traje) e levava à mão a Kob (arma), e mostrou seus poderes aos índios. Viveu entre eles e lhes ensinou muita coisa útil, até que um dia resolveu ir embora, após lutar com os guerreiros que não lhe podiam fazer mal. Ele foi para a Serra de Pukato-Ti e ouviu-se um grande estrondo e **Bebgororoti** desapareceu nos ares, envolto em núvens, chamas, fumaça e trovão."

A lenda por si só nos mostra uma criatura extraterrestre e sua ascenção numa nave espacial. Mas o mais importante é que, em 1952, o Dr. Peret conseguiu, numa de suas viagens àquela tribo, fotografar os índios vestidos para uma ritual em honra de **Bebgororoti**. No ritual, trajavam vestes de palha, arranjadas no corpo numa semelhança espantosa como as de um astronauta dos tempos modernos, dos que são tão observados em todo o globo. Isso não é exagero nem do autor citado, nem nosso e nem dos próprios índios, que simplesmente assimilaram aquilo que viram. Não nos esqueçamos de que Caramuru, com apenas uma espingarda e aguardente, tornou-se para os índios o deus do fogo e do trovão. Já o fato de se utilizar algo mais avançado e até uma nave para alçar vôo seria algo marcante para os indígenas - algo que, para eles, somente um deus poderia fazer. E assim, por todas as Américas temos fatos semelhantes; no Peru, por exemplo, temos o fantástico **Viracocha**, um deus que ensinou aos incas como construir uma extraordinária civilização, que foi barbaramente destruída pela ganância dos homens considerados civilizados. A lembrança do deus branco **Viracocha** era tão marcante entre os incas, mesmo após sua misteriosa partida, que seus conquistadores e destruidores foram até recebidos como novos deuses que voltavam, devido à semelhança fisica e de cor de pele que guardavam com o ente. Mas, ao contrário, estes foram os deuses da destruição do Império Inca.

Tonapa também foi um herói civilizador que marcou sua presença nesse mesmo país. A **Serpente de Plumas**, o lendário **Quetzalcoaltl**, também foi um deus que deu aos astecas, no México, conhecimentos para se projetarem como uma das grandes culturas do passado. No famoso templo de Palenque, naquele país, foi encontrada uma lápide de pedra de quase 8 metros quadrados, onde se estava gravada a figura de um ser enigmático pilotando uma nave espacial. Segundo alguns pesquisadores e arqueólogos, a representação de **Quetzalcoaltl** poderia ser a mesma do ser **Kukulkan** dos maias. Nos Estados Unidos, também se fala muito em deuses civilizadores entre as mais diversas tribos indígenas, destacando-se entes lendários como o **Nipw**, da nação dos Pés Pretos; o **Wisaha**, dos sacs; o **Wisatochak**, dos crees; o **Ictinike**, dos sioux etc. Já na Colômbia e Venezuela temos o **Bochica**; assim como no Canadá, entre os Montes Hurões, temos o **Dganiwada**; e na Patagonia, o **El Lal** e o **Manabozho**. Espalhadas por praticamente todo o planeta, temos inúmeras histórias de deuses que desceram do espaço e viveram físicamente entre nossos antepassados. Não há dúvida alguma disso!

Mas nem todos os deuses de nossos antepassados eram bons e benevolentes. Além dos seres considerados como deuses benéficos, os indígenas também tinham (e ainda têm) lendas de criaturas maléficas, diabólicas e sobrenaturais que os perturbavam e amedrontavam de diversas formas. Estas são aparições muitas vezes isoladas de seres extraterrestres, de naves ou até de sondas. Em muitos casos são descritos como tendo chifres, caudas, 'pés para trás', 'olhos de fogo' etc; muitas vezes são precedidos de relâmpagos, de estrondos ruidosos e até de cheiro de enxofre no ar. É natural,

portanto, que um índio vendo um ser estranho vestindo roupas espaciais, portando luzes, capacete com antena e outros acessórios, o considere um monstro. E mesmo a simples visão de uma nave à distância ou de uma sonda próxima seriam consideradas como seres sobrenaturais. Para completar, com certeza a diferença física que os alienígenas têm em relação aos humanos (embora não seja muito significante na maioria das vezes) dará ao índio margem para fantasiar e enriquecer sua história com contos fabulosos.

Os índios apinagés, entre outros, falavam muito dos **Cupendogalis**, uma espécie de seres que só eram vistos à noite, nas redondezas de suas tribos e muitas vezes próximos à mananciais. Outras tribos contavam histórias sobre os **Caraibebes**, seres que 'mediavam' entre os homens e deuses (que se situavam aqueles e estes, evolutivamente, sendo superiores aos homens mas inferiores aos deuses). Os mesmos apinagés se referiam muito ao mito dos **Cupidiendes**, seres com asas semelhantes às de morcegos. Na época atual, pesquisadores registraram casos em que humanos foram contatados por seres extraterrestres desse tipo, com capacidade de voar - embora não se saiba se esse poder seja natural da entidade ou se é proporcionado por algum equipamento que ocultam sobre suas vestes. No Piauí e Maranhão, por exemplo, contam-se histórias sobre um ser alto, magro e com cabelo na testa que é chamado de **Cabeça-de-Cuia**, provavelmente por estar usando algum tipo de capacete; se não fosse esse detalhe na observação do ser, com certeza o nome que os populares lhe dariam seria outro. Igualmente, no Norte e Nordeste brasileiros contam-se fatos referentes ao **Caapora**, uma figura forte, peluda e de farta cabeleira; e existem também os 'fantasmas' misteriosos como o **Om'Tui** dos índios craôs, também verificados no Brasil.

Já na Bolívia estão presentes no folclore seres fantásticos como o **Hapnunus**, uma espécie de demônio avantajado; no Chile temos o **Azufrado**; e, na América Central, o **Ceguá**. Já no Peru as pessoas simples e do interior falam muito no **Compactado**, um bruxo que desaparece entre núvens de enxofre e ruídos infernais, no momento em que morrem (os que crêem no fato). Oras, o fato de entidades que desaparecem em núvens de enxofre e em meio a ruidos estrondosos já estudamos nesta obra e, com certeza, refere-se ao pouso ou ascenção de uma nave extraplanetária, conforme milhares de exemplos da casuística ufológica. Nas explorações auríferas espanholas contavam-se histórias semelhantes às do **Compactado**, mas desta vez sobre um monstro fantasma e 'endemoniado' chamado **Cumanã**. Da mesma forma, no folclore fueguino temos o **Taquatu**, "um gigante que 'voga' em canoas no ar e na água, levando pessoas para regiões de onde jamais voltam..." A canoa descrita na passagem pode trafegar tanto no ar como na água, o que só pode ser, na realidade, um UFO. Mais ainda, a lenda fueguina nos relata sua atividade sinistra de rapto de pessoas, o que ocorre por todo o mundo. No folclore americano, essas naves misteriosas, assim como monstros, fantasmas e seres fantásticos, estão vivamente presentes.

Há ainda uma classe especial de seres míticos que, de alguma forma ainda não totalmente compreendida, afetam os observadores, entre eles o **Curé-Ru**, muito comum na região antigamente dominada pelos índios guaranís. Segundo contam, "aquele que 'puser os olhos' em cima do **Curé-Ru**, conhecerá desgraças". Igualmente, o **Cuarajhi-Yara** é um demônio alto e de cabelos vermelhos que significa, aos que o vêem, sinal de miséria e desgraça. Já os citados índios bororos falam muito de uma entidade mítica chamada de **Bope**, um ser que adoece as pessoas que o vêem. Na Guatemala temos o ser **Ahlganá**, que pratica maldades contra os caminhantes noturnos, assim como, na

Argentina, o **Calchona** e o **Viuda** são atormentadores de caminhantes solitários. No Peru é o **Cachano** que atormenta os camponeses nas montanhas, e na Guatemala o **Tzegua** assombra os incautos peregrinos que gostam de caminhar à noite... Ainda na atualidade esses fantamas noturnos presentes nos mais diversos países e culturas continuam assombrando muita gente nas zonas rurais, especialmente nos lugares onde ainda não se conhece a origem de tudo isso. Se um fato como esse acontece com uma pessoa isolada, na maioria das vezes ela o conta apenas a seus familiares, o que provoca o soterramento da lenda, já que os familiares não gostam de comentar coisas íntimas da família com terceiros. Alí morre o fato ou, pelo menos, ele não se espalha tanto. Já no Brasil, particularmente em Minas Gerais e em nosso município de Passa Tempo, acontece o contrário: os moradores da zona rural já têm conhecimento da ligação das lendas com o Fenômeno UFO e reportam-nos os fatos, que podem então ser pesquisados. Estas testemunhas já não têm medo ou vergonha de contar o que lhes aconteceu pois, segundo raciocinam, ver um UFO é muito melhor do que ver um demônio...

O **Saci-Pererê** é talvez uma das lendas mais conhecidas em todo o Brasil, tendo similares com outros nomes em nosso próprio território e também no exterior, como a **Matinta Pereira** ou o **Aroni Africano**. No entanto, autores avançados explicam o **Saci** como sendo um engenho que gira como um redemoínho aproximando-se do solo, que aterrissa nele com um único 'pé' ou trem de pouso, de onde vem a idéia de que o mito é perneta. Mais ainda, reforçam sua tese de que o negrinho perneta é uma nave extraterrestre de pequeno porte estudando a origem de seu nome; segundo dizem os mais antigos, e os estudos confirmam, a palavra **Sátsi**, de onde vem o **Saci**, significa pires ou prato, em tupi-guarani. Automaticamente, quando algo como aquilo aparece em determinado local, voando semelhantemente à uma 'folha seca' e, após pousar no solo sobre um único pé, de seu interior saem pequenos homúnculos de 1,20 metro (os chamados "satsis"), a lenda está mais do que justificada. Como sua manifestação se deu no passado, principalmente em área onde se falava o tupi-guarani, e por não ter sofrido tradução, o **Saci-Perere** é também mais uma lenda criada a partir do Fenômeno UFO. Se compararmos o fato com os contatos diretos com ETs ocorridos atualmente, encontramos muita semelhança, pois quase sempre são seres pequenos (e alguns com pele escura) os que desembarcam de naves pousadas.

Mas, como complementação, vale dizer que esta lenda ainda foi distorcida pelos jesuítas, que transformaram o **Saci** somente num negrinho de barrete vermelho. Já os índios mais antigo falam do **Curupi**, um engenho semelhante a um cogumelo do qual, ao pousar, saem pequenos seres que chamam de **Curupiras**. Apenas outra denominação para o mesmo fenômeno... No folclore americano encontramos muitas referências a seres anões, como o **Curupira**; os índios macuxis, por exemplo, falam no **Pocai**; no Amazonas temos o **Motucu**; e os índios tucanos contavam histórias sobre o **Bolaro**. No rio Orenoco, um ser semelhante ao **Curupira** também era temido pelos indígenas, enquanto que na Venezuela o ser temido era o **Mangare**; e assim por diante, no Peru era a entidade o **Chudiachaque** e na Bolívia e o **Cauá**. Todos estes seres míticos têm uma particularidade: são vistos com os calcanhares voltados curiosamente para a parte da frente do corpo. Talvez seja somente a visão de um calçado especial que estejam usando; ou talvez sejam robôs ou coisas do gênero, que pudessem dar ao observador a idéia de um pé virado. Mas o marcante é que tudo isso está presente não só no Brasil, porém em todas as Américas.

O campo folclórico dos seres anões é vastíssimo e inimaginavelmente variado. Uma das figuras míticas mais interessantes que temos nesse gênero é o **Caipora**, que dizem os antigos ser um ente que possui olhos de fogo. Já o **Curupi** era (a lenda parece extinta) um anão com movimentos rigidos, descrição que pode nos conduzir ao campo do robôs ou até mesmo à especulação de que se trata de um ser vestindo uma roupa espacial e com curiosa forma de locomover-se (possivelmente oriunda da diferença de gravidade entre seu planeta de origem e a Terra). Na Argentina também se fala em anões e um deles é o **Anchimallen**, que tem a curiosa propriedade de se transformar em fogo-fátuo, já descrito. Mas é necessário que se tenha bom conhecimento da casuística ufológica para se interpretar adequadamente a lenda: se um tripulante de estatura baixa de um UFO é visto entrando ou saindo do engenho, e de repente este alça vôo e ilumina-se profusamente, os observadores desta cena - incultos - imediatamente criarão um nome para essa 'assombração', transformando-a em lenda posteriormente. Tem sido assim em praticamente todos os casos que conhecemos. Na Bolívia, por exemplo, também se fala em seres anões, como o **Novende**, que usa um chapéu verde ou vermelho e uma capa. Já na Argentina, o **Novende** tem um similar, o **Yastay**, um anão gordo e com um chapelão etc.

Estudando detidamente o folclore e, como já dissemos, comparando os fatos geradores de lendas e mitos com ocorrências - fartas por sinal - registradas na casuística ufológica, podemos aprender muita coisa e entender muitas outras. Mas, entretanto, podemos apenas conjecturar respostas para os fenômenos que nos intrigam mais e causam maior perplexidade, na tentativa de buscar a verdade acima de tudo. Porém, assombrações, fantamas, duendes, silfos, íncubos, súcubos, fadas, seres e uma vasta variedade de entidades enigmáticas que descem do céu, sejam demoníacos ou divinos, têm todos uma estreitíssima relação com o Fenômeno UFO - um fenômeno que está entre nós há milenios e, no entanto, só agora pudemos perceber sua relação com fatos folclóricos, religiosos, arqueológicos e outros. Resta-nos saber qual o papel que representamos neste espetáculo espacial que se desenrola na Terra.

Referências bibliográficas:

01. Viagem Pelo Brasil, Spix e Martius, Editora Melhoramentos Ltda, São Paulo.

02. Geografia dos Mitos Brasileiros, Câmara Cascudo, Livraria José Olímpio Editora, Rio de Janeiro, 1976. Texto citado na obra e extraído do compêndio Cartas avulsas, edição XXVIII, Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, 1931.

03. Diário de uma Viagem Pelo Brasil, Maria Graham, Companhia Editora Nacional, Rio de Janeiro, 1821.

CAPÍTULO 7

Casos de contatos imediatos de zero e de 1º graus com UFOs

Vamos descrever, neste capítulo e nos seguintes, alguns dos mais interessantes casos de contatos imediatos com UFOs e seres extraterrestres, normalmente vistos ou assumidos pelos protagonistas como efeitos de seres míticos, originando lendas e crendíces. Os casos desse capítulo são os chamados de zero e de 1º grau; já no capítulo seguinte abordaremos os casos de 2º grau; e no próximo, os casos considerados de 3º grau ou superiores, vulgarmente conhecidos como "casos de graus elevados". Antes, no entanto, é preciso que se enfatize que praticamente todas as narrativas aqui publicadas foram colhidas pelo próprio autor, durante suas investigações nas áreas urbanas e rurais, principalmente de municípios de Minas Gerais - e em especial a cidade de Passa Tempo. Igualmente, antes de passarmos às narrativas, é importante que o leitor se familiarize com o termo "contato imediato" e conheça sua definição.

Inúmeros pesquisadores em todo o mundo tentaram, por diversas vezes, codificar - para fins de facilidade de trabalho, pesquisa e respectiva divulgação da casuística ufológica -, o comportamento dos discos voadores e dos seres extraterrestres. Várias classificações surgiram, assim, nos mais diversos países, algumas baseadas nos tipos de naves e seres observados, outras baseadas na duração da observação em si, e outras ainda baseadas no número de testemunhas e seu grau de instrução. As tentativas são absolutamente válidas mas, sózinhas, são também incompletas. Assim, novos estudos foram feitos, especialmente por ufólogos norte-americanos, chefiados pelo pesquisador já falecido Dr. J. A. Hynek, culminando com uma sistemática de classificação muito mais abrangente que as anteriores. Essa sistemática classificava as observações dos UFOs pelo grau de interação do fenômeno com os observadores; assim, quanto mais próximo o UFO ou um ET estivesse dos eventuais observadores, maior seria o "grau" da observação.

O Dr. Hynek utilizou, para definir os contatos com o Fenômeno UFO, o termo "close encounters", que em inglês significa contatos próximos ou, ainda, imediatos. Embora estranhas na língua portuguesa, tais denominações foram adotadas por razões técnicas e, também no Brasil, passamos a classificar as manifestações extraterrestres - seja de naves ou de seres - pelo termo contato imediato. Aliás, esta denominação ficou mundialmente conhecida do público devido à sua utilização no filme Contatos Imediatos de Terceiro Grau, do diretor Steven Spielberg, justamente porque a película teve como consultor técnico o próprio Dr. Hynek, cunhador do nome. Mas, mesmo havendo uma vasta aceitação desta sistemática classificatória por parte dos ufólogos de todo o mundo, ela ainda era considerada um tanto incompleta, já que os contatos mais simples eram considerados de 1º grau e os mais complexos de 3º. Ou seja: poucos graus para definir uma manifestação casuística tão vasta como a ufológica. E os casos mais insignificantes, inferiores em qualidade aos casos de 1º grau, o que seriam? E os mais complexos, bem mais íntimos entre os ETs e as testemunhas que os de 3º grau, como seriam chamados?

Assim, ficou patente a necessidade de se expandir a classificação e atualizá-la com casos mais recentes e que fugiam à regra (a sistemática de Hynek foi criada nos anos 70). Novamente os grupos de pesquisas ufológicas e pesquisadores de todo o mundo arregaçaram as mangas e puseram-se a tra-

balhar para solucionar a questão. No Brasil, a classificação mais aceita foi a cunhada em 1985 pelo Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores (CBPDV)[1], então apenas denominado Centro para Pesquisas de Discos Voadores (CPDV). Tal classificação previa os casos de zero grau e os superiores aos de 3º, de forma a abranger o maior número possível de formas de ocorrências - apenas um máximo de 10% dos casos de contatos com ETs verificados não podem ainda ser enquadrados nos termos da sistemática do CBPDV, mas 100% dos casos de observações de naves o são! Assim, a "tabelinha" foi um sucesso e é, hoje, aplicada pela maioria dos ufólogos do Brasil. Vejamos a seguir como ela define cada tipo de caso:

Contato Imediato de Zero Grau (CI-0): este tipo de contato é a simples observação de um UFO à uma distância relativamente grande, tanto durante à noite, quando é brilhante, ou durante o dia, quando geralmente apresenta superfície metálica. Esse tipo de observação, no entanto, é qualitativamente muito pobre, não permitindo à testemunha observar detalhes, contornos, cores e outras informações mais precisas sobre o objeto.

Contato Imediato de Primeiro Grau (CI-1): neste tipo de contato, a observação é realizada à uma distância bem menor que no caso anterior, e também tanto de dia quanto à noite. A diferença para o CI-0 é que nesses casos pode-se definir com maior precisão os detalhes do objeto observado, tais como janelas, pontos de luz, anexos, antenas etc.

Contato Imediato do Segundo Grau (CI-2): este contato se dá quando o UFO pousa no solo ou apenas sobrevoa algum local, naturalmente à baixa altitude, geralmente deixando sinais de sua passagem no meio ambiente ou nas testemunhas. Tais sinais são os mais variados, indo desde vegetação queimada ou amassada, fragmentos de metais ou poças de líquidos etc. Já as perturbações orgânicas e psicológicas nas testemunhas também são variadas, mas muitas vezes mais graves, indo desde náuseas, enjôos ou tonturas até queimaduras, enxaquecas e desordens internas mais profundas. Animais também podem ser atingidos.

Contato Imediato de Terceiro Grau (CI-3): este tipo de contato inaugura, em nossa classificação, a participação de entidades físicas ou não: os extraterrestres - normalmente chamados de ufonautas. Um CI-3 se dá quando há a observação de um ou mais tripulantes do UFO, seja dentro (através de janelas, portas) ou fora dele. No entanto, não se verifica nenhuma comunicação destes com o observador, ou vice-versa. Apenas é constatada sua presença pela(s) testemunha(s).

Contato Imediato de Quarto Grau (CI-4): já neste contato há, além da observação de tripulantes do UFO, a manifestação de algum tipo de comunicação entre os mesmos e seus observadores. Essa comunicação deve ser trocada, ou seja: emitida por um dos lados e recebida pelo outro, mesmo que não entendida. Ainda, a comunicação pode ser falada (articulada) em idioma conhecido ou não, simplesmente gesticulada ou apenas telepática. Há casos de comunicação via desenhos e outras onde um maior número de modalidades foi utilizado.

Contato Imediato de Quinto Grau (CI-5): este é o contato mais profundo e, conseqüentemente, o mais íntimo entre o seres humanos e seres extraterrestres; além da observação de ETs, as testemunhas são levadas a

conhecer o interior da nave, nela ingressando voluntariamente ou não, e tendo havido comunicação prévia ou não. Mas, quando esse ingresso se processar à força, o que não é muito raro, está caracterizado um seqüestro ufológico, conhecido por "abducção".

Ainda existem casos mais complexos, de pessoas que alegam ter viajado ao redor da Terra em discos voadores, por exemplo; ou de pessoas que alegam ter ido até a outros planetas. Igualmente, existem casos absolutamente confirmados em que as testemunhas foram submetidas a exames médicos ou similares a bordo de UFOs; e outros em que foram até obrigadas a manter relações sexuais com seus ocupantes, para fins de pesquisa genética, acreditamos. No entanto, por serem de difícil avaliação e pesquisa, todos esses casos são enquadrados como de 5º grau. Dentro de um futuro bem breve serão criadas novas modalidades classificatórias para casos do gênero[2]. Assim, como pode se ver, os casos de zero e de 1º grau são aqueles em que o observador vê um UFO - de uma maneira em que não haja quaisquer dúvidas ou mesmo erros de observação - mas à grande distância, e são muito comuns esses contatos: milhares de pessoas já tiveram sua chance de testemunhar um avistamento de um UFO dessa forma. Muitas vezes, esse tipo de observação é feito por mais de uma pessoa, daí o relato ser ainda bem mais valorizado pelos ufólogos. Nas zonas rurais e cidades interioranas do Brasil, principalmente, são muito comuns os avistamentos de zero e 1º grau; porém, em muitos lugares, esses casos são tratados e colocados no plano folclórico ou do sobrenatural. Assim, mostraremos aqui alguns dos melhores casos do gênero que pesquisamos pessoalmente, sendo a maioria deles luzes noturnas. No entanto, são narrativas interessantes, principalmente para aqueles que se iniciam na Ufologia e que ficarão conhecendo muitas das maneiras e formas luminosas em que os UFOs se manifestam. Vamos aos casos, narrados em ordem cronológica e registrados até o ano de 1980.

■ São muitos os casos de "faróis" seguindo ou amedrontando pessoas. Numa noite de 1940, Antonio S. Silva e Antonio B. Santiago viram um farol avermelhado, iluminando a sua frente e voando à baixa altitude do solo, no local chamado Ponte de Pedra. Numa velocidade moderada, rumo a oeste, a luz desapareceu. Noutro caso, ocorrido lá pelos idos de 1958, Joaquim R. Souto e Palmério dos Santos viajavam de madrugada pela estrada que liga Passa Tempo a Morro do Ferro, quando também foram seguidos por um farol. Julgando ser um outro carro querendo ultrapassá-los, escostaram o caminhão para dar passagem, mas o farol desapareceu misteriosamente. Casos como estes são inúmeros.

■ Em 17 de junho de 1959, às 15:50 h, o Sr. Raimundo J. Silva estava em sua casa quando ouviu um barulho semelhante ao de uma carroça trafegando num calçamento. Saiu para o quintal e perguntou ao Sr. Gerson Aniversino, que alí trabalhava, se sabia o que provocava o barulho; Gerson não respondeu que não mas, olhando para cima, gritou: "é aquilo alí!" E ambos viram um UFO de forma discóide, com 8 metros de diâmetro, cor cinza e com um anél ao seu redor, girando. No entanto, o anél fazia uma movimentação semelhante à de um disco que tivesse o buraco do centro deslocado. Dezenas de pessoas na cidade também viram o engenho, que seguiu rumo ao norte com aquele barulho ensurdecedor, algo muito raro nos avistamentos de UFOs.

■ Em 1961, o Sr. Geraldo C. Barcelos estava no local chamado Galinha, na zona rural de Passa Tempo, quando viu um objeto oval, com 20 metros de diâmetro, de cor avermelhada e soltando um facho de luzes multicolores para

trás. Iluminava uma extensão de mais de 100 metros por onde voava, tendo um barulho semelhante a um chiado e desaparecendo em seguida. Outra bola avermelhada foi presenciada, mas em 1970, pelos Srs. Joaquim Faleiro e Geraldo M. Duarte, e também na zona rural. Ambos viram uma grande bola oval vermelha, com cerca de 80 cm de diâmetro e tendo três grandes canos ligados à ela, com extensão de quase um metro de comprimento cada. Todos expeliam uma estranha fumaça branca. Outro caso da bola vermelha aconteceu em 1971 com o motorista Sebastião J. Assis, quando voltava para Passa Tempo pela BR-381. Assis viu uma luz voando paralelamente ao seu caminhão; era de cor avermelhada, mas mudando para verde-azulada e clareando a frente do veículo. Estava a cerca de 20 metros de altura e tinha o tamanho de uma lua-cheia, desaparecendo em pouco tempo.

■ Em 17 de abril de 1972, às 05:00 h, o Sr. Nicanor C. Santos seguia pela zona rural para o local chamado Morro do Ferro quando, de repente, viu um UFO com 10 metros de diâmetro e em forma de dois pratos sobrepostos; tinha cor cinza e emitia um facho de luz em cone na direção do solo, de cor verde-azulada, clareando uma extensão de mais de 20 metros de diâmetro. Quando o dia amanheceu, Santos pôde ver melhor a forma do engenho, que nesse instante desligou sua luz e voou rapidamente.

■ No local chamado Arcadas, numa noite de 1972, os Srs. Alípio Andrade, Paulo Faleiro e sua esposa, junto de alguns garotos, tiveram um avistamento fantástico. Inicialmente, viram um clarão surgindo por detrás de uma serra próxima, que foi crescendo gradativamente; em seguida viram surgir um engenho do tamanho de dois ônibus, com a forma de um avião sem asas e com uma cauda semelhante à de uma baleia. O UFO tinha janelas de mais de um metro quadrado, de onde saia uma claridade arroxeada. Na parte da frente havia um grande holofote vermelho, na traseira um roxo e ainda dois outros por baixo, um de cada cor citada. A luminosidade emitida era fantástica e clareava todo o local por onde voava, à baixa altitude. Não se ouvia ruído algum e os observadores contemplaram extasiados aquela "aparição" por alguns minutos, tendo logo desaparecido atrás de serras.

■ Em 1974, Antonio J. Paula viu, no local chamado Malhador, um engenho de forma interessante. Paula estava deitado e notou que toda a sua casa se iluminara estranhamente; levantou-se, abriu a porta e viu um objeto pairando acima de sua residência. Tinha forma de um charuto com 5 metros de comprimento e cerca de 2 de altura, de cor amarelada e com dezenas de hastes de ponta azuladas e vermelhadas. O aparelho girava sobre seu próprio eixo tanto verticalmente como na horizontal. Paula ficou nervoso com o que viu e entrou na casa, mas pouco depois tudo ficou às escuras. Também em 1974 tivemos um outro avistamento peculiar. Numa noite, às 23:00 h, Geraldo Miranda e seu filho viram uma bola vermelha com 50 cm de diâmetro, seguida por outras três menores e da mesma cor. Da primeira, a maior, saíam "braços de chama" que a ligavam às menores, que teriam 15 cm de diâmetro. Miranda não soube calcular a altura que estavam e os objetos emitiam um ruído semelhante a um chiado, voando à velocidade moderada.

■ Outra descrição pouco comum de um UFO nos foi feita pelo Sr. Mário J. Moura, que numa noite de agosto de 1976 viu um objeto no local chamado Invejosa. Moura notou que o solo estava sendo iluminado por algo e, olhando para cima, viu um objeto pairando a uns 50 metros do solo; tinha cerca de 1,50 metro de diâmetro e 2 altura, na forma de dois pratos sobrepostos e com uma espécie de hélice na parte de cima, mas que não fazia ruído algum.

Moura gritou a seus companheiros, que iam um pouco à frente, e nesse momento o engenho ganhou altura. O interessante nesse avistamento é a descrição da hélice, muito rara em observações ufológicas.

■ Na maioria das vezes, quando UFOs fazem incursões noturnas em uma cidade interiorana, é comum em um ou mais bairros da cidade, ou nela toda, haver queda de energia elétrica. Pesquisadores sustentam que os UFOs sugam, de alguma forma ainda não compreeendida, a energia elétrica disponível em áreas urbanas; às vezes, aproximam-se de postes ou torres de alta tensão e aparentemente extraem energia, que acaba faltando nas residências e na iluminação pública. Isso é chamado de "black-out ufológico" e ocorre com certa freqüência, como um caso ocorrido no início de uma noite de 1976 em Passa Tempo. A Sra. Maria F. Silva estava fora de sua casa quando viu surgir, quase tocando a copa de um abacateiro, um UFO que iluminou profundamente o local; tinha forma de uma grande bacia, com cerca de 1,50 metro de diâmetro, e cor avemelhada. Ela gritou para seus familiares, quando o engenho desligou sua luz e desapareceu na escuridão. A luz elétrica, que faltou durante o período em que o UFO esteve no local, voltou tão logo este desapareceu.

■ Em 1978, tivemos em Passa Tempo uma grande onda de ocorrências que durou quase até o final do ano. Em 25 de agosto, pelas 13:35 h, quase toda a população da cidade viveu momentos de emoção com um avistamento impressionante e, dois dias depois, em 27 de agosto, o Sr. Jesus da Silva também teve uma excitante experiência. Silva voltava da Fazenda Casa Branca para a cidade quando um UFO em forma de dois pratos sobrepostos surgiu e emitiu um facho de luz intensa na direção do caminhão que dirigia, cegando-o momentaneamente. Com a cegueira, a marcha do veículo foi diminuida e Silva pode enxergar um pouco o objeto, recobrando a visão gradativamente. O UFO se dirigiu para o local chamado Cachoeirinha, quando apagou-se misteriosamente. Ainda neste ano, Sr. Luiz Quintino contou-nos que, durante o dia, viu um engenho semelhante à uma estrela pequena pairar acima de um prédio em construção. Também o Sr. Geraldo da Fonseca, em 31 de agosto, teve um avistamento, mas noturno. Fonseca estava acompanhado de sua irmã e mãe quando, às 23:00 h e com a cidade toda às escuras, viu uma bola avermelhada com 20 cm de diâmetro pairando sobre a rodovia MG-270, que passa em frente à construção referida no caso anterior. O UFO (talvez uma sonda) voou para próximo de um pasto e por várias vezes vinha até a rodovia, como que 'tentando entrar' no pátio da construção, uma fábrica. E esses dois avistamentos ainda têm relação com um terceiro, ocorrido momentos depois, em que um UFO chegou praticamente a pousar naquele pátio da fábrica. Mas, todos os envolvidos nas observações ficaram com medo e abandonaram o local, deixando o UFO ainda às margens da MG-270. Acreditamos que esses engenhos, quando se interessam por alguma coisa, principalmente algo que lhes chame a atenção do alto, fazem um levantamanto sistemático do local e da situação, até que possam pousar onde lhes interessa.

■ Cícero L. Amorim contou-nos que, também em agosto de 1978, viu uma bola de fogo pairando sobre árvores na zona rural. O objeto teria cerca de 50 cm de diâmetro e, de repente, desceu ao solo atrás de uma árvore, simultaneamente a um forte estouro. Em nossa região é comum se observar UFOs associados a estouros ou estrondos, assim com objetos em forma de uma bola de fogo. Mas não acreditamos que a bola seja todo o engenho, e sim apenas uma de suas partes iluminadas, de donde derivam as descrições de tamanhos pequenos - com exceção, naturalmente, de avistamentos de sondas. Num muni-

cípio vizinho, Piracema, temos outro caso de estrondo, ocorrido com o Sr. Geraldo A. Ribeiro. Contou-nos Ribeiro que andava pelo local chamado Costas quando viu um forte clarão, emitido por uma bola de fogo avermelhada. A bola apagou-se, ouvindo-se um forte estouro, e tudo ficou às escuras; mais à frente, viu um rapaz deitado no solo, desfalecido, e foi socorrê-lo, fazendo-o voltar a si em poucos minutos. O rapáz também presenciou o fenômeno e as experiências se confirmaram idênticas.

■ Maria de L. Santos também nos descreveu um interessante avistamento de UFO em setembro de 1978, no lugar chamado Ribeirão. Maria voltava para casa com uma amiga, quando ambas viram uma bola vermelha no espaço; tinha 10 cm de diâmetro, mais ou menos, e 'chiou' um pouco, soltando fagulhas e clareando o solo. De repente, surgiu uma nuvem de fumaça e a bola sumiu misteriosamente, dentro dela. O próximo acontecimento ocorreria em seguida, nos dias que se sucederam, na localidade de Morro do Ferro; lá, José Tiago viu uma estranha luz circundando seu trator. Assim, desligou-o e chamou por um companheiro, quando ambos viram um engenho semelhante à uma Kombi, com várias luzes no interior e exterior. O UFO voou para outra direção e desapareceu. Noutra ocasião, bem próximo desse local, mas já no Morro Vermelho, um dos tratoristas do caso anterior viu novamente uma luz vermelha pairando acima de sua máquina. Ao que parece, os UFOs são atraídos à noite por máquinas ou instalações que emitem luminosidade em locais desertos.

■ No dia 10 de setembro de 1978, no lugar chamado Paciência, um casal teve um contato bastante interessante com um engenho extraterrestre a apenas 10 metros de sua casa. Dª Maria levantou-se às 04:00 h para fazer café para seu marido e, ao abrir a porta, viu um objeto em forma retangular pairando no céu a 25 metros de distância: tinha cerca de 3 metros de comprimento por 1,50 de largura e cor amarelada. Projetava uma luz forte, voando à baixa altitude do solo e descendo sobre uma elevação. O engenho chegou bem próximo à uma cerca de arame farpado, a 10 metros de onde estava a testemunha, que com medo fechou a porta e chamou por seu marido. Ambos foram até a janela, mas nada mais puderam ver. Alguns dias depois, bem próximo ao local citado, o jovem Marcelino Amorim também viu um UFO de forma oval, com 1,50 metro de diâmetro, de cor amarelada e com uma cauda que terminava em haste vertical voltada para cima. A cauda parecia fazer um movimento de 'vai e vem', quando o objeto deslizava no céu, quase pousando em um pasto próximo. Aquilo iluminava todo o local, mas, com medo, Marcelino seguiu seu caminho e deixou-o alí.

■ Em 2 de novembro de 1978, às 19:00 h, Jesus Alves estava alimentando alguns bezerros no local chamado Jacaré quando, de repente, notou uma forte claridade no solo. Olhando para cima, viu um UFO de formato arredondado, com cerca de 25 metros de diâmetro e tendo na parte de baixo um holofote com luzes multicolores de lado. O engenho fazia um barulho semelhante a um zumbido e estava a mais ou menos 80 metros do solo, quando baixou em direção ao observador, iluminando o solo intensamente. Alves correu para uma área coberta próxima, enquanto os bezerros espantaram-se; mas, nesse momento, o UFO subiu até grande altitude e seguiu para oeste, onde desapareceu. Nesse mesmo dia, o comerciante Gaspar e seu filho viram o mesmo UFO, que chegou a afetar o sistema de iluminação de seu veículo, diminuindo a intensidade das luzes. E alguns dias depois, de madrugada, Luiz G. Borges viu um UFO em formato triangular e profundamente iluminado, com cerca de 3 metros de comprimento e uns 4 de altura. A observação se

deu no município de Piracema, no local chamado Morro Queimado.

■ No fim de 1978, ano em que - repetimos - tivemos uma grande onda de avistamentos, registramos ainda alguns contatos muito interessantes. Por exemplo, no dia 1º de dezembro, às 22:00 h, Palmério A. Faleiro teve um avistamento que apresentou muita relação com vários outros já descritos. Palmério foi até as margens da MG-270, rodovia que passa em frente à uma fabrica de laticínios, procurar seu irmão mas, vendo que seu caminhão não estava alí, notou apenas uma luz azulada no local; pensando tratar-se de alguém conhecido, resolveu entrar por uma passagem na cerca, para perguntar sobre seu irmão, quando um outro caminhão aproximou-se do local pela rodovia e fez aquela luz azulada apagar-se. Tão logo o caminhão passou, a luz voltou a reacender-se, o que despertou a curiosidade da testemunha e a fez chegar mais perto. De repente, viu um vulto escuro, do tamanho de um carro de passeio e bem no fundo da fábrica. Nesse instante, acendeu-se um farol amarelado que o cegou momentaneamente, iluminando profundamente o local. Com medo, Palmério correu do local para voltar mais tarde, mas nada encontrou. No entanto, numa serra próxima, viu um estranho clarão amarelado que logo desapareceu. Por duas vezes anteriores, no mês de agosto de 1978, um UFO esteve 'rondando' essa fábrica, até que fez seu pouso em dezembro. E segundo o exame que fizemos no local, o engenho havia pousado num espaço de mais ou menos 4 metros de largura. Com certeza, seus tripulantes estavam interessados em examinar algumas máquinas, motores etc.

■ Em janeiro de 1979 tivemos dois casos fantásticos em nossa região. O primeiro ocorreu no dia 9, às 04:00 h, com o Sra. Rosa L. Silva. Dª Rosa levantou-se cedo e viu pairando, às margens da cidade, uma bola oval de cor amarelada e emitindo uma luminosidade fabulosa, chegando a clarear cerca de 500 metros de diâmetro. A luz era tão forte que ela podia ver a vegetação do local chamado Morro Grande, e até com muita perfeição. Nisso, foi chamar seu marido para ver aquilo mas, quando este veio, nada mais puderam ver. E no dia 16, às 02:00 h, foi a vez do Sr. Josè S. Marcos e um colega verem um UFO. Ambos voltavam a pé para a cidade, pois seu carro havia quebrado, quando passaram no lugar chamado Sesmaria e foram sobrevoados por um objeto luminoso. Com receio, correram estrada afora e o UFO, em forma de um farol amarelado, os perseguiu até bem próximo da cidade, onde os deixou e subiu no céu, até desaparecer. Como podemos ver, esses avistamentos ocorridos de madrugada são bastante freqüentes ao redor das cidades, nos bairros e localidades mais afastados do centro.

■ A presença de UFOs sobre lagoas também é muito comum e, em 19 de setembro de 1979, o Sr. Geraldinho Andrade e um colega tiveram uma experiência ufológica próximos à uma. Ambos voltavam para casa, vindos do lucal chamado Bom Jardim e indo para o local Paciência, quando, de repente, viram um UFO sobrevoando a lagoa do Quilombo; o objeto tinha a forma de um holofote amarelado e voava à baixa altitude, sobre as águas, fazendo com que seus cavalos ficassem sobressaltados. Aquilo fazia um movimento de 'zigzag', tal qual um peixe n'água, mas à uma grande velocidade, quando seguiu para serras próximas.

■ Dª Carmélia F. Leão, no dia 4 de agosto de 1979, às 03:00 h, abriu a janela de sua casa e viu, sobrevoando a Serra dos Pereiras, um UFO em formato ovalado e de cor escura, com um anél avermelhado à sua volta, de onde saiam fagulhas coloridas. O objeto teria, segundo avaliou a testemunha, cerca de 1 metro de diâmetro mas, com medo, Dª Carmélia fechou a janela e

voltou a dormir. Entretanto, nessa mesma data, mas às 04:45 h, Antonio E. Rangel ia para seu sítio quando viu bola ovalada e vermelha, soltando fagulhas para os lados e voando na direção norte-sul, sem emitir ruído algum. Tinha cerca de 60 cm de diâmetro, visto à uma distância que não soube calcular, e era espetacular! Alguns dias depois, Maria Celeste e um acompanhante viram um UFO fusiforme, com 1,50 metro de comprimento e cauda em 'V'; era incandescente e tinha dois holofote na parte da frente. 3 outros UFOs sairam de dentro deste primeiro, todos de formato circular e cor vermelha; o primeiro objeto observado seguiu rumo ao norte, sendo que os outros partiram noutra direção. Não se ouviu ruído algum e eles voavam à velocidade moderada, mas à grande altitude do solo.

■ No ano de 1980, em 24 de fevereiro, diversos observadores no centro da cidade puderam ver um UFO - entre eles estava até o prefeito de Passa Tempo, Sr. José Paulo de Morais. Todos viram um UFO pairando à baixa altitude sobre o local chamado Morro Grande; tinha cor vermelha e era do tamanho de uma grande estrela. Nesse mesmo dia, às 04:45 h, Bento Gonçalves viu um UFO à baixa altitude, pairando no espaço sobre o mesmo local, mas sua forma era oval, embora também avermelhada. 15 minutos depois, às 05:00 h, o Sr. Ibraim A. Uba também veria algo. Ele ia para seu sítio quando viu dois UFOs sobre serras no lado oeste da cidade; estavam bem distantes, cerca de 50 metros, e tinham a forma de uma meia-lua, emitindo forte luminosidade amarelada que clareava as serras. Em pouco tempo desapareceram, já que o dia começava a clarear.

■ Em 28 e 29 de julho de 1980, tivemos a visita dos pesquisadores Sérgio Korenjak, Ignácio Caltabiano, Roberto Tribuzi e Celso do Prado, todos representantes do grupo espanhol CIOVE. Estes ufólogos estiveram em Passa Tempo para tentarem observar e fotografar UFOs, tendo sucesso no dia 28, quando Roberto conseguiu fazer uma boa fotografia de um objeto brilhante que apareceu sobre o local chamado Sesmaria; tinha a forma de um farol amarelado e voou de leste para oeste. No dia 29, os pesquisadores também tiveram sucesso, vendo um novo UFO no local chamado Primavera; desta vez, tinha forma de uma estrela azulada mas, visto com binóculos, apresentou a forma de dois pratos sobrepostos e com dois holofotes à frente. Infelizmente, nesse avistamento não conseguimos fotografá-lo. Já fizemos muitas vigílias junto a visitantes que vêm conhecer a região e os "nossos" UFOs, pesquisadores dos mais diversos locais. E quase sempre temos a sorte de observar algo - e as vezes até conseguimos fotografá-los. Numa ocasião, recebemos a visita de pesquisadores uruguaios, o Sr. Alberto Misley e sua esposa a jornalista Beatriz. Noutra ocasião, quem nos visitou foram os pesquisadores paulistas Dr. Ayrton Rodrigues, Cleusa Marina e o Sr. Odilon Correa Pires. Em todos estes casos tivemos sucesso em nossas vigílias e pudemos ver interessantes UFOs.

■ Por fim, no mês de agosto de 1980, tivemos também bons contatos em Passa Tempo. Um deles, ocorrido no dia 10, às 22:00 h, envolveu o Sr. Crispim C. Resende, sua esposa e filho, todos voltando para sua fazenda quando viram um grande farol amarelado. O objeto veio em sua direção e sumiu, por uns intantes, atrás de umas árvores; de repente, ao subirem um pouco o morro da fazenda, surgiu uma bola incandescente com cerca de um metro de diâmetro, voando ao lado da estrada e sem fazer ruído algum. O UFO chegou a iluminar o interior do carro em que estavam, mas seguiu em frente, deixando os observadores muito assustados. Nove dias depois, em 19 de agosto, às 23:00 h, as mesmas testemunhas viram um estranho clarão fora de

sua residência rural e, olhando pela janela, puderam ver um potente holofote próximo à uma árvore; aquilo iluminava intensamente o local, mas em pouco tempo diminuiu de intensidade, tornando-se avermelhado; nisso, puderam as testemunhas perceber sombras indefinidas movimentando-se perto dele, até que, minutos depois, aquela luz avermelhada e os vultos sumiram, voando na direção de uma pedreira próxima.

Enfim, poderíamos continuar narrando casos e mais casos - verdadeiramente centenas deles - em que UFOs foram não só observados, mas muitas vezes fotografados e provocaram sustos nas pessoas que os observaram. Por alguma razão, nossa região é, por assim dizer, pródiga em acontecimentos do gênero: luzes, holofotes, faróis, estrelas e uma infinidade de objetos luminosos, tanto de dia como de noite, têm sido sistematicamente observados nas redondezas. Se não fosse o trabalho de pesquisa das ocorrência que temos feito há muitos anos em nosso município e outros, e o respectivo esclarecimento da questão ufológica ao público, a maioria desses casos aqui narrados (e centenas de outros não publicados por questão de espaço) seriam motivos ou para o surgimento de novas lendas e crendíces, ou para reforçar as já existentes. De qualquer forma, nosso trabalho apenas está começando e temos ainda muito a fazer por aqui, para esclarecer definitivamente a questão ufológica e tentar descobrir as razões que levam os tripulantes dos UFOs a se interessarem tanto por Passa Tempo.

Referências bibliográficas:

01. Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores (CBPDV), sistemática classificatória apresentada ao público nas edições de suas revistas (**UFO, UFO Especial e UFO Documento**)

02. Equipe de Investigação de Campo do CBPDV, estudos em preparação para serem apresentados em 1992.

CAPÍTULO 8

Casos de contatos imediatos de 2º grau com UFOs

Os contatos de 2º grau, como vimos no capítulo anterior, são aqueles em que existem vestígios da passagem, do pouso ou apenas da presença do UFO, mesmo após este ter deixado o local. Tais vestígios poderão ser notados tanto no meio ambiente, como em animais ou mesmo nas testemunhas da ocorrência e, como já discutimos, vão desde simples amassamento de vegetação (quando pousam) até sentimentos de dor por parte das pessoas próximas ou no local onde o objeto esteve. Muitas vezes, os vestígios são tão evidentes, abundantes e duradouros que podem ser recolhidos para análises. Noutras ocasiões, quando tais efeitos se dão nas testemunhas, é possível, mesmo alguns dias depois, que as analisemos e as submetamos a exames médicos que possam determinar as anomalias em seus organismos. Mas, dentre toda a vasta gama de efeitos que os UFOs provocam, com certeza é o meio ambiente que mais os registra: sinais no solo e na vegetação, quebra de galhos ou queimaduras em árvores etc têm sido observados com freqüência em locais onde UFOs passaram ou pousaram, de forma que, em muitos dos casos, é necessário que o ufólogo proceda a um exame cuidadoso do local, dos objetos e vegetação envolvidos, assim como de testemunhas e animais próximos. Na região de Passa Tempo e municípios vizinhos, como se pode imaginar, temos muitos casos de contatos desse tipo, que nos mostram diversas particularidades dos UFOs.

A primeira vez que tivemos a oportunidade de pesquisar um contato de 2º grau com um UFO ocorreu em 3 de dezembro de 1978, o que nos deixou muito impressionados. Nessa data, fomos comunicados pelo Sr. Pedro E. Almeida, proprietário de uma grande fazenda, que um jovem que havia contratado para serviços esporádicos, Geraldo Francisco das Chagas, tinha tido um contato com um UFO. O caso foi muito interessante, mas também um pouco perigoso. Geraldo voltava para sua casa, após trabalhar na fazenda até as 22:30 h, quando viu uma luz no lugar já apresentado no capítulo anterior, o Sesmaria; "aquilo tinha cor vermelha e estava num pasto distante da estrada mas, de repente, levantou vôo em minha direção", descreveu-nos Geraldo, que ainda informou que o objeto passou a sobrevoá-lo. Nesse momento, aquilo já era um grande farol amarelado, emitindo intensa luminosidade e parecendo ter cerca de 50 cm de diâmetro; o observador não podia ver claramente o que o iluminava, já que a luz era muito forte, mas viu que o engenho fazia um movimento oscilante, pairando sobre ele, que foi obrigado até a deitar-se no solo, próximo a um barranco da estrada. O UFO estava à baixa altitude e, minutos depois, deixou o observador perplexo, ganhando altura e voando rumo ao lugar conhecido por 2 Cruzinhas, desaparecendo em seguida. Algum tempo depois, já refeito do susto, Geraldo foi para sua casa, que estava próxima, mas naquela noite não passou bem: sentia dores de cabeça, olhos lacrimejando constantemente e não podia suportar claridade alguma. No outro dia, ainda sentindo os efeitos do encontro com o UFO, comunicou ao seu patrão que não poderia trabalhar.

Ao entrevistá-lo, a pedido do patrão, através de sua fisionomia pudemos notar que tivera realmente uma experiência fantástica: seus olhos estavam vermelhos e lacrimejavam constantemente, e por três dias ainda sentiu dores na cabeça e no corpo. Casos como estes já registramos dezenas, desde que começamos a pesquisar os UFOs e sua atuação em nossa região - em espe-

cial a sua influência sobre o folclore, como descrevemos nos primeiros capítulos desta obra. Este aspecto da questão ufológica, por sinal, é ao mesmo tempo um dos mais graves e interessantes: se UFOs, vistos à certa distância ou perseguindo incautos peregrinos noturnos já são confundidos com monstros míticos ou fantasmas (isso quando não são taxados de demônios e outras coisas piores), quando se aproximam o suficiente para afetar o funcionamento orgânico de suas vítimas, como no caso acima, serão considerados verdadeiros diabos! O folclore brasileiro está repleto de "causos" originados por contatos de 2° grau com UFOs, que os populares ignorantes creditam à figuras horrendas que permeiam as crendices, lendas e mitos. Assim, a pesquisa ufológica passa obrigatoriamente por um exame da estrutura cultural e folclórica, a nível nacional, para ser completa. Nossa modesta contribuição, neste processo, é a apresentação de alguns interessantes casos que pesquisamos pessoalmente em Passa Tempo e noutras localidades de Minas Gerais. Vamos conhecê-los:

■ Em agosto de 1978, Benedito Elias estava no local chamado Palestina quando viu uma bola avermelhada com cerca de 10 cm de diâmetro e voando 'serra acima' à uma velocidade moderada. O objeto apagou-se e logo surgiu outro, muito maior e também avermelhado, clareando uma grande extensão de terra; mas o fenômeno não durou muito, desaparecendo em seguida. Entretanto, no mesmo local, temos registro de uma luz forte e brilhante que pousou numa roça de milho, fazendo com que o vegetal se deformasse, nascendo estranhamente amarelado. O local de pouso ficou marcado com um círculo de 1,50 metro de diâmetro, bem no centro do milharal. Poucos dias depois, em 2 de setembro, no município de Resende Costa, uma jovem e seus familiares presenciaram novamente as manobras de um UFO, também na zona rural da cidade. Viram um objeto em forma de duas bacias sobrepostas, de cor escura e com luzes amareladas, possuindo também dois faróis à frente. Aquilo emitia um chiado e tinha o tamanho de um fusca, segundo declararam.

■ No local conhecido como Tombadouro, no dia 9 de janeiro de 1979, às 02:00 h, o lavrador Dão viveu uma experiência interessante: ele acordou e viu que uma intensa luminosidade esverdeada infiltrava-se pelo telhado de sua residência. Preocupado com aquilo, resolveu abrir a porta, quando viu estarrecido, pairando acima da casa, um engenho luminoso de cor azulada. Nesse momento, sentiu-se 'puxado' para fora de casa e teve de agarrar-se firmemente ao batente da porta para não ser sugado pelo objeto. Meio sem forças, gritou alto para os vizinhos, quando se ouviu um estrondo e a intensa iluminação sobre a casa desapareceu misteriosa e instantaneamente, assim como também o efeito de sucção. Próximo dalí, o Sr. Antonio Vito e sua esposa também ouviram o estrondo e sentiram um forte cheiro de enxofre no ar; e, nesse mesmo dia, o UFO ainda foi visto às margens da cidade, originando diversos contatos de 1° grau.

■ Em certos contatos de 2° grau, é comum os UFOs provocarem efeitos curiosos também em aparelhos eletrodomesticos dentro de residências; em alguns casos, liqüidificadores e ventiladores passam a funcionar sozinhos; noutros, vitrolas, rádios e TVs apresentam estranhas perturbações e interferências etc. Em 10 de março de 1979, às 01:19 h, tivemos um caso do gênero, ocorrido com lavrador conhecido por Tinho e no local chamado Campo Grande. Tinho acordou e ligou seu rádio, indo também até janela para ver o céu, quando observou uma bola de fogo incandescente no espaço. Vista a mais de 3 km, aquilo pareceu ter um diâmetro de 1,50 metro mas, de repente, o rádio deixou de funcionar e o engenho passou a emitir forte lu-

minosidade, ao ponto de permitir que Tinho enxergasse o solo com muita nitidez. Nisso, acordou seus familiares e mostrou-lhes o UFO, que diminuia e aumentava de intensidade; em meio às oscilações, moveu-se lentamente para o lado e, após 20 minutos estacionado, voou na direção do local chamado Toca, já na forma típica de um farol de carro e soltando fagulhas vermelhas, até desaparecer, quando o rádio voltou a funcionar normalmente.

■ Em 30 de abril de 1979, o Sr. Geraldo Monteiro trabalhava de vigia num depósito de areia às margens do rio Pará, no lugar chamado Santo Antonio, quando teve um contato de 2º grau. Monteiro aproveitou seu turno para pescar um pouco e, por volta de 19:30 h, viu uma luz amarelada pairar acima de uma das dragas; no início, pensou tratar-se de outro pescador e aproximou-se um pouco, mas logo notou que a luz estava acima da draga e uma lâmpada instalada nela, que estava apagada, curiosamente ascendeu-se sozinha. O farol iluminava todo o local e teria uns 15 cm de diâmetro. Monteiro ficou com receio de aproximar-se ainda mais da draga, mas o UFO, talvez uma sonda, movimentou-se e voou para longe, desaparecendo em serras próximas. Estranhamente, a lâmpada da draga continuou acesa e teve de ser apagada por ele, que não encontrou explicação para o fato! Sabemos que é comum os UFOs acionarem sistemas elétricos, ligando-os ou desligando-os à distância, exatamente como ocorreu com a lâmpada da draga. Aliás, dias antes, nesse depósito de areia, alguns trabalhadores do local viram vultos no alto da serra de Santo Antonio, uma grande elevação próxima e de difícil aceso. Segundo eles, os vultos pareciam pessoas de pequena estatura.

■ No local conhecido por Paciência, o Sr. Alípio Gurgel de Morais, às 19:30 h, estava debaixo de um laranjal quando notou um forte clarão e sentiu um calor intenso. Curioso com aquilo, saiu debaixo das árvores e viu um engenho parecido com dois pratos sobrepostos e com uma espécie de divisão ao meio, onde percebeu que haviam sombras movimentando-se. O UFO pairava acima de uma lagoa, iluminando-a intensamente, e teria cerca de 10 a 12 metros de diâmetro por uns dois metros de altura. Dali, o objeto seguiu voando lentamente na direção de uma serra próxima, desaparecendo. O efeito sentido nesse contato, o calor emanado do engenho, é muito comum em contatos na zona rural de Passa Tempo e, dependendo da intensidade e da proximidade da testemunha, causa ou não alguma lesão. Às vezes, chega a bronzear a pele, provocando até descascamento; noutras vezes, provoca uma irritação ou coceira, geralmente deixando a pele avermelhada.

■ A Sra. Andrelinha Andrade, em 21 de setembro de 1979, uma noite escura e de muito vento, teve de sair de casa para ir à farmácia, no local chamado Buracão, quando, ao chegar à porteira da fazenda, viu uma luz avermelhada e a um metro do solo, a cerca de 50 metros de distância; aquilo não clareava o local, mas era como um ferro em brasa e, com medo, Dª. Andrelinha, que estava acompanhada de uma garotinha, afastou-se da 'trilha' em que estavam e que passaria mais próximo daquilo. Seguiram em frente, apesar do medo, já que sua casa estava a cerca de 120 metros; mas ao passarem a 15 metros do UFO, sentindo-se entorpecidas e sem poderem gritar ou correr, a testemunha e a garotinha observaram o que se passou, ouvindo um grande estrondo e um ruído semelhante ao de uma árvore caindo; ao chegaram em casa, contaram o fato ao marido e passaram a sentir-se mal. Durante a noite, sentiram-se tão pertubadas que não dormiram bem. É provável que o objeto tivesse pousado, pois encontramos algumas marcas no local do contato: eram 3 depressões que formavam um triângulo com 1,50 metro de lado, e havia muitos cogumelos brancos e grandes no lugar da aterrissagem.

■ No dia 9 de dezembro do mesmo ano, 07:00 h, um garoto chamou-nos em casa com um recado de seu pai: "papai mandou chamar o Sr. porque 'o disco' quase o pegou ontem a noite". O pai da criança era o Sr. Geraldo A. de Resende, conhecido pela alcunha de Canastra, a quem fomos visitar imediatamente. Ao vê-lo em sua residência, fiquei impressionado, pois senti que sua experiência tinha sido fabulosa: sua face estava transformada e levava a mão aos olhos constantemente, que lacrimejavam e estavam muito vermelhos. Tão logo nos viu entrar na casa, disparou: "o 'seu disco' quase me pegou". E, mais calmo depois, relatou o que se passara. No dia anterior, às 19:30 h, Geraldo voltava para a cidade quando foi surpreendido pelo UFO; a noite estava muito escura e ele vinha a pé, quando de repente foi iluminado por uma luz muito intensa, de cor amarelada. Olhou para cima, viu que aquilo voava à baixa altitude e correu estrada afora; após percorrer 500 metros, parou para tomar fôlego, já que a luz pareceia ter se apagado. Mas, olhando para trás novamente, foi de novo iluminado 'à queima roupa' por ela, porém percebeu, no momento em que a luz acendeu-se, que havia uma forma escura dentro de uma bola luminosa, ouvindo também um chiado. Nesse instante, correu novamente estrada afora, desta vez gritando por socorro, já que estava próximo de várias casas; nisso, os moradores da região, julgando que Canastra estivesse sendo atacado por um animal ou uma cobra, foram socorrê-lo. Quando se aproximaram do local, o UFO deixou de perseguí-lo e ganhou altura, voando noutra direção e deixando Canastra mais aliviado; mas, ofegante e aterrorizado, retornou à cidade por outro caminho e naquela noite não conseguiu dormir, tendo dores de cabeça, olhos irritados e muita indisposição.

■ Quando narramos um contato de 2º grau com efeitos graves na testemunha, infelizmente não temos como descrever completamente o terror que a mesma sente. É preciso ver a pessoa pessoalmente, conversar com ela e acompanhar seu estado físico para entender o que se passou - que é uma experiência que aqueles que já a tiveram jamais querem repetir. Num final de tarde de março de 1980, às 18:35 h, Lúcia Helena e dois irmãos voltavam para casa carregando lenha, no local chamado Agostinhos, quando começaram a sentir arrepios e um calor intenso envolvendo seus corpos. Instintivamente, olharam para cima e viram uma bola de fogo avermelhada de aproximadamente 1,50 metro de diâmetro e a uns 100 metros de altura. Aquilo voava silenciosamente e, num instante, aterrorizados, jogaram a lenha no chão e correram para sua casa, gritando; seus familiares, saindo de casa, puderam ver um clarão avermelhado sumindo atrás de um eucaliptal. O sentimento das crianças era de pavor e desespero mas, nesse mesmo dia, um pouco mais tarde, o mesmo UFO ainda seria noutro local, o Tombadouro.

■ Também pesquisamos vários contatos de 2º grau com efeitos eletromagnéticos sob motores de veículo. Em 23 de agosto de 1980 tivemos um interessante caso do gênero, ocorrido com o Sr. Gabriel Rodrigues, administrador da Fazenda Campo Grande. Gabriel contou-nos que viu, junto ao seu filho Alaim, um grande UFO durante um viagem à uma cidade vizinha. Ambos estavam no lugar conhecido como Ribeirão quando, às 21:00 h, a antiga Rural Willis em que estavam, até então rodando normalmente, 'apagou' por completo, primeiro o motor e depois os faróis. Tentaram dar novamente a partida no motor, mas nada conseguiram; de repente, viram duas luzes avermelhadas que piscavam alternadamente, ao lado da estrada. Quando aquilo se aproximou, notaram que era um objeto ovalado, parecendo ser como vidro opaco e com duas luzes de lado; estava pairando a cerca de 7 metros do solo e a uns quinze de distância do carro, mas começou a descer suavemente em di-

reção do solo. Os observadores, com receio, não desceram do veículo e apenas observaram de longe, já que o carro não pegava mesmo. Mas, no momento em que o engenho tocou o solo, o motorista conseguiu misteriosamente acionar o motor da Willis, assim como os faróis, permitindo-os seguirem em frente; mesmo assim, de 100 em 100 metros, o carro apresentava novo defeito... E dessa forma seguiram estrada afora, tendo ficado cerca de 40 minutos num mato próximo, conseguindo com muito esforço percorrer apenas 9 km em quase 3 horas. Examinaram o carro mais tarde, mas não encontraram nenhum defeito, exceto na bateria, que estava estranhamente descarregada e no fio do alternador, que tinha a capa plástica totalmente derretida.

■ Outro caso de 2º grau aconteceu com o Sr. Martins Amorim, no local chamado Bangués. Contou-nos o que um engenho não identificado sobrevoou seu carro, iluminando-o profusamente e fazendo-o sentir um forte calor no corpo. Com a incidência da intensa luz emanada pelo UFO, o Sr. Amorim também teve a impressão de que seu carro estava ficando mais leve, como se estivesse sendo levantado do solo por alguma força. O inusitado contato durou alguns minutos, pois logo o UFO desligou sua iluminação e tudo voltou ao normal. Mas durante o tempo em que esteve próximo, o objeto fez com que o carro se apagasse e ficasse parado, retornando a funcionar normalmente só após o objeto ter ido embora.

■ Um dos contatos de 2º que mais chamou a atenção dos pesquisadores e da comunidade de Passa Tempo, e que deu a impressão de que os UFOs às vezes são agressivos, se deu no dia 24 de fevereiro de 1981, no já bem citado local Sesmaria, uma espécie de "ninho de UFOs". Nesse episódio, às 23:00 h, o Sr. José Maria Pires voltava para casa quando, numa elevação a 700 m de sua residência, acendeu-se uma luz intensa à sua frente. Era um engenho ovalado que girava em seu próprio eixo, do tamanho de um carro de passeio e fazendo um barulho semelhante a um chiado. Ao ver aquilo, Pires sentiu um forte choque elétrico, dor nos olhos e levou a mão à nuca, pressentindo que o burro que montava iria se jogar para a frente, com medo. Nesse exato momento, perdeu os sentidos mas não caiu do animal e, ao voltar a si, algum tempo depois, viu que o burro estava batendo com a cabeça na porteira do curral de sua fazenda. Com dificuldade, desceu do animal e foi para dentro de casa, onde todos os seus familiares estavam dormindo. Era cerca de 03:00 h e ele sentia-se muito indisposto, ainda com os olhos ardendo e lacrimejando constantemente, sem poder olhar para claridade ou luz; mas se ficasse no escuro, tinha muito medo, ao ponto de não conseguir dormir naquela madrugada. Nos próximos dois dias Pires não passou bem e teve que usar óculos escuros

■ Alguns meses depois, em 25 de maio, às 04:30 h, o Sr. Antonio Resende ia para seu sítio, na zona rural de Passa Tempo, quando viu uma bola oval com 80 cm de diâmetro, de cor branco-azulada que seguia um vôo lento e parecia descer diagonalmente atrás de uma serra. Nesse momento, seu rádio à pilha, que estava ligado, que sofreu interferência de algum tipo, deixando de sintonizar a estação que ouvia. Após a passagem do UFO, o rádio passou a funcionar normalmente. Casos como este são muito comuns.

■ No dia 26 de julho do mesmo ano, às 19:45 h e após diversos contatos de 1º grau na região, o Sr. Joaquim Rodrigues Souto teve uma experiência de 2º grau. Estava pescando no lugar chamado Ponte de Pedra quando viu uma luz azulada surgir 'a pino' sobre o local; aquilo iluminou intensamente o solo e, de repente, ouviu-se um chiado e, a seguir, um estouro. Nesse mo-

mento, a luz azulada transformou-se numa grande bola vermelha e um facho cegante de luz foi projetado em sua direção, fazendo-o perder os sentidos. Ao voltar a si, alguns minutos depois, ainda tinha nas mãos sua lanterna e a vara de pescar. Acendeu a lanterna, mas não enxergou nada, logo percebendo que estava momentaneamente sem visão; assim, preocupado, foi 'tateando' até chegar à uma cerca de arame. Durante o trajeto, caiu algumas vezes, mas conseguiu chegar até seu carro, estacionado nas proximidades, retornando à cidade após recobrar a visão. Naquela noite não dormiu bem, pois seus olhos estavam irritados e vermelhos. Segundo calculou, Souto ficou de 5 a 10 minutos desmaiado e disse-nos também que sentiu calafrios no momento do contato.

■ Vários meses depois, em 6 de julho de 1982, às 19:30 h, no lugar Ponte Alta, os jovens Rodolfo B. de Souza e Antonio A. Souza estavam pescando com uma fogueira acesa próxima de um riacho quando, de repente, veio voando à baixa altitude e em sua direção um farol amarelado. Apagaram então a fogueira e, a 150 metros, viram um engenho ovalado e intensamente iluminado, com uma cauda cor de alumínio e com um farol amarelado à frente. Nesse momento, o UFO baixou três hastes de aterrissagem (pés de pouso) e desceu ao solo, fazendo os garotos correrem de medo para a casa de um deles, que ficava próxima. Mas o UFO veio atrás deles e, tão logo chegaram, deixou de perseguí-los, mudando de direção e desaparecendo atrás de serras próximas. No instante em que estavam correndo, sentiram um cheiro semelhante a lixo em decomposição (talvez ozônio) e ouviram um ruído semelhante a um chiado muito baixo. O UFO visto era semelhante ao do contato de Antonio Villas-Boas, um clássico da literatura ufológica ocorrido há vários anos.

■ Em novembro do mesmo ano, uma nova onda ufológica foi registrada na região, inclusive em municípios vizinhos a Passa Tempo. Começou no dia 13 e durou até o final do mês, período em que pudemos pesquisar vários contatos de 1° grau e pelo menos um de 2°, ocorrido justamente no dia 17. O Sr. Dário Arão estava no local conhecido como Contendas quando, por volta de 21:30 h, viu uma luz avermelhada numa elevação. De repente, um UFO de forma ovalada surgiu voando à baixa altitude do solo e com dois holofotes acesos à sua frente. Arão contou-nos que o objeto ainda tinha outras luzes dispostas em seu corpo, que teria o tamanho total de um carro de passeio; mas em sua parte inferior via-se algo como uma rede arredondada, com uma luz vermelha por baixo. Aquilo emitia um chiado e veio direto sobre o observador, que correu e escondeu-se debaixo de uns arbustos. Nisso, o UFO afastou-se dali e, após alguns minutos, o observador pôde refugiar-se na casa de um vizinho, quando ambos ainda puderam vê-lo numa serra distante. Naquela noite, Arão não passou bem e ficou com os olhos irritados, indisposição em todo o corpo e dor de cabeça. Meses antes, o mesmo observador teve um contato com um outro UFO (ou o mesmo?) em forma de luz amarelada, que o forçou a ficar quase uma hora escondido dentro de uma tubulação de esgoto d'água.

■ A mesma onda de novembro atingiu a vizinha cidade de Piedade dos Gerais, onde alguns contatos de 1° e 2° graus tiveram lugar. No dia 24, às 19:30 h, no local conhecido por Tombadouro, o Sr. Geraldo José de Resende, sua mulher e filha tiveram uma experiência ufológica. Ao sairem de casa, viram uma luz avermelhada na direção oeste, aproximando-se velozmente de onde estavam. De repente, aquilo desceu próximo ao solo e veio em sua direção, quando puderam ver que se tratava de um aparelho semelhante a um

helicóptero, porém sem hélices, intensamente iluminado e fazendo um barulho como o de uma máquina de costura. Seguiram as testemunhas estrada afora, correndo de medo, mas o UFO veio em sua direção e baixou três hastes de pouso. Nisso, chegando perto de sua casa, o UFO retornou e, à baixa altitude, quase tocou uma cerca de arame da propriedade, seguindo-os e fazendo-os correr novamente estrada afora, forçando-os a atirarem-se no meio de umas pedras e árvores próximas da cerca de arame. Nisso, Geraldo gritou por socorro e sua esposa e filha, que estavam mais adiante, ouvindo seus gritos, voltaram para acudí-lo, quando viram o UFO levantar vôo e ganhar altura, até sumir atrás de uma serra próxima. Socorreram Geraldo, que havia machucado o joelho com alguns arranhões, e voltaram para casa; mas o homem teve insônia naquele dia, assim como olhos irritados e dor de cabeça. Esta região é propícia a acontecimentos do gênero, talvez devido à existência de minério de ferro, cristal e outros minerais na região. De qualquer forma, fomos até o local verificar o fato, mas não encontramos vestígios do UFO.

■ Em janeiro de 1983, uma nova onda ufológica foi registrada em nossa região, quando tivemos muitos contatos de 1º grau. Mas, no município de Desterro de Entre Rios, a 20 km de Passa Tempo, exatamente no local conhecido por Contendas e às 03:00 h de uma determinada madrugada, foi registrado também um contato de 2º grau. O Sr. José Hilário saiu de sua casa para desligar um moínho quando, de repente, foi sobrevoado por um UFO à baixíssima altitude. O objeto tinha formato oval e dezenas de luzes em seu corpo que iluminavam o local intensamente, fazendo um ruído semelhante a chiado. O observador correu para sua casa e dalí pôde ver um engenho que tinha ceca de 3 metros de diâmetro e que logo desapareceu rumo ao sul. Mas não nos deu mais detalhes sobre a estrutura do UFO, já que o viu quase 'a pino' e emitindo uma luminosidade intensa; o interessante, no entanto, é que a luz do objeto irritou-lhe os olhos e lhe provocou uma forte dor de cabeça, sintomas tão comuns em ocorrências ufológicas.

■ Embora os efeitos que os UFOs causam em suas vítimas sejam basicamente os mesmos nos mais diversos tipos de contatos, as vezes temos a chance de pesquisar um ou outro novo contato, em que se desenvolvem efeitos relativamente incomuns. Um caso típico ocorreu no dia 1º de agosto de 1983, às 20:00 h, com os jovens Jair Domingos e Joel, que viveram uma experiência marcante; ambos voltavam para a cidade por um trecho sem asfalto da rodovia MG-270, já bem conhecida do leitor, quando, próximos à fazenda Urbanópolis, Jair viu um clarão ao lado do caminhão que dirigia. À princípio, julgou tratar-se de um carro, mas logo ouviu um ruído semelhante a um zumbido e sentiu algo em seu braço direito, que estava apoiado na porta do veículo; Jair narrou-nos que sentiu o braço ficar gelado, apesar do vidro estar fechado. De repente, notou que uma luz estranha pairava acima do caminhão, iluminando-o totalmente, assim como a estrada a frente, e pisou no acelerador; mesmo acelerando, algo impedia a marcha do veículo e, nesse momento, sentiu uma sensação interessante: seu corpo parecia estar crescendo e um entorpecimento o atingiu, impedindo-o até de acordar o colega Joel, que dormia ao lado. Mas, com um grande esforço, acordou o companheiro, que também viu a luminosidade emitida pelo UFO, que logo afastou-se do local. Pelo retrovisor, ambos viram apenas uma luz avermelhada que 'ficava para trás'. E assim, apavorados com a experiência, continuaram a viagem até a cidade, tendo o caminhão normalizado suas funções sem problemas. Pelo que deduzimos, o sintoma sentido por Jair originou-se de um efeito gravitacional causado pela proximidade do UFO, seguido de puro

eletromagnetísmo, que afetou a velocidade do veículo (o caminhão apenas não se desligou totalmente por ter seu funcionamento a diesel).

■ No dia 1º de abril de 1984, às 21:00 h, no lugar chamado Paciência, o Sr. Geraldinho Belizário também teve sua experiência ufológica; montando um burro, Belizário seguia para sua fazenda quando, de repente, viu ao longe uma luz avermelhada no espaço. Aquilo movimentou-se em sua direção e fez uma parada brusca, quando ele pôde então ver um corpo escuro e ovalado, com uma cauda que se afinava gradativamente e tendo um farol amarelado à frente; o engenho estava pairando no espaço à baixa altitude e em segundos transformou-se numa bola oval, também avermelhada e com 1,50 metro de diâmetro (ou mais), iluminando todo o local. O observador não enxergou mais nada a partir deste instante e o burro que montava entrou num mato próximo. Com receio, montador e montaria ficaram alguns minutos entre as árvores, observando à distância o fenômeno. Quando recuperou um pouco da visão, Belizário 'tocou' o animal para sua fazenda, que estava próxima. Mas naquela noite não passou bem: teve os olhos irritados, sentiu dor de cabeça e indisposição; no outro dia já estava bem melhor, mas somente no fim da tarde. Em quase todos os contatos que pesquisamos pessoalmente, a luz emitida pelo UFO afetou profundamente os olhos dos observadores e, segundo alguns destes, tal luz é semelhante à emitida pelos aparelhos de solda elétrica ou de oxigênio.

■ Em 6 de abril de 1986, às 22:00 h, o Sr. João Alves Rocha e sua esposa voltavam da vizinha cidade de Carmópolis de Minas para Passa Tempo; o Sr. Rocha é um ex-prefeito de nossa cidade e conhece bem a região e seus 'causos'. Vindo pela rodovia MG-270, já próximos da região do famosos Buracão, viram uma luz intensa e de cor vermelha sobre uma serra; de repente, aquilo ganhou altura e, já em forma de uma bola ovalada, veio na direção da rodovia. Naquele momento, o ex-prefeito sentiu que o carro diminuia sua velocidade, apesar de estar trafegando numa reta e sem que tirasse o pé do acelerador, forçando-o a trocar de marcha sucessivamente, até que o Opala em que estavam chegou 'a pedir' uma segunda marcha. Nisso, o UFO expeliu uma claridade intensa e logo apagou-se, após sobrevoar a rodovia, quando o carro voltou a trafegar normalmente. O fato, que deixou as testemunhas impressionadas, não é único: existem muitos outros em que o mesmo processo de redução da velocidade é notado, quase sempre forçando os motoristas a reduzirem de uma marcha para outra. Há ainda casos em que veículos, após passarem a trafegar em segunda ou primeira marchas, simplesmente 'apagam', sem que os esforços dos motoristas surtam efeitos.

■ No dia 28 de abril de 1986, às 23:10 h, os Srs. José Batista da Silva e Bento S. Poças seguiam por uma estrada próxima ao já citado Tombadouro quando, em determinado local, se separaram e seguiram por caminhos diferentes. De longe, Batista viu uma luz avermelhada no céu seguindo justamente em direção ao seu colega e iluminando-o intensamente, dentro de um circulo de luz amarelada de mais de 10 metros de diâmetro. Nisso, Batista correu rápido para sua casa e escondendo-se daquilo, mas o engenho veio também em sua direção e iluminou-o intensamente, como fez a Bento; nesse instante, pôde ver que se tratava de um objeto arrendondado, vermelho no centro e amarelado nas bordas. De seu centro saia um facho de luz em forma de cone, que segundo ele era muito intenso, ao ponto de fazê-lo sentir dor nos olhos e obrigando-o a fechá-los; mas, ao abrí-los, viu que o UFO teria mais ou menos 1,50 metro de diâmetro, visto à uma altura de quase 100 metros, e que fazia um ruído semelhante a um chiado. Sentiu calafrios

no corpo e os olhos ardendo, até que não pôde enxergar mais coisa alguma; assim, sem poder correr, cruzou as mãos no peito e abaixou a cabeça, perdendo a consciência. Nada mais viu ou sentiu por uns instantes, até que, recobrando a consciência, notou que estava em pé e ainda com as mãos no peito, meio atordoado, com os olhos ardendo e sentindo dor de cabeça. Naquele momento, sentiu-se no que descreveu ser "um vazio infinito", uma emoção inexplicável para ele; mas logo retornou ao caminho de sua casa, só então notando que seu relógio parara de funcionar às 23:15 h - cinco minutos após o início do episódio. No outro dia, ainda sentia os efeitos citados e seu relógio, apesar de estar com toda sua corda, não funcionava; pela tarde deste dia o relógio passou a movimentar-se alguns minutos, mas sempre parando - somente 24 horas depois do ocorrido o relógio voltou a funcionar normalmente. Este é um caso incomum e bastante interessante, especialmente pelos efeitos emocionais que se manifestaram no Sr. Batista, que é um homem viúvo e tem mais de 60 anos de idade; antes uma pessoa sempre triste e pacata, que não ia a festas ou passeios, após o incidente com o UFO mudou totalmente seu temperamento, passando a ver a vida de uma outra maneira - mesmo sem ter qualquer conhecimento do assunto, somente algumas informações superficiais passadas por nós.

CAPÍTULO 9

Casos de contatos imediatos de 3º grau (e superiores) com extraterrestres

Contatos de 3º grau, como vimos no capítulo 7, são aqueles em que há a observação de extraterrestres - os tripulantes dos UFOs - vinculada à presença de naves pousadas ou em vôo. Já os contatos de 4º grau são aqueles em que, além da observação de ETs, há também a troca de alguma forma de mensagem entre esses e as testemunhas, seja falada, gesticulada ou telepática. E por fim, os contatos de 5º grau - os mais fascinantes - são aqueles em que as testemunhas (vítimas ou privilegiados?) são levados para bordo das naves, voluntariamente ou à força. Temos que lembrar que essa classificação é a criada pelo Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores (CBPDV) e adotada em praticamente todo o Brasil; há várias outras sistemáticas classificatórias que definem os contatos dos tipos acima de muitas outras formas, mas não as usamos nesta obra.

Geralmente, quando um observador vê ou entra em comunicação com os seres que tripulam um UFO, normalmente tem a absoluta convicção de que está diante de criaturas ou seres representantes de civilizações muito mais avançadas que a terrestre, e com certeza muito mais inteligentes. Mas, em muitos casos, principalmente no passado, esses encontros diretos com alienígenas são erroneamente interpretados como aparições de entidades divinas, demoníacas ou - pelo menos - sobrenaturais; em muitas regiões de nosso planeta, o encontro de um humano com um ser de características físicas diferentes das nossas, ou mesmo vestido com trajes espaciais, com aparência diferente, ainda é confundido com algo que "o destino traça" para o protagonista, normalmente interpretado como "uma visão dos poderes de Deus ou do diabo", ou ainda de entidades sobrenaturais, míticas. No entanto, através de intensos estudos das lendas e crenças dos mais diversos pontos do globo, pudemos descobrir que a maioria é originada de ocorrências absolutamente ufológicas; hoje já se pode esboçar até um perfil de dezenas de tipos de seres que nos visitam, oriundos de outros mundos do Cosmos, e que aqui são confundidos com deuses, anjos, demonios e outras figuras folclóricas diferentes, criadas desde os mais remotos tempos para explicar o que nossos ancestrais não conseguiam entender.

Em nossa região e no município de Passa Tempo temos alguns casos de contatos entre humanos e alienígenas, a maioria deles considerados como sobrenaturais. No dia 3 de junho de 1986, por exemplo, tivemos um caso do gênero: o Sr. Paulo Pereira Campos, após assistir a um jogo de futebol pela TV, voltou para sua casa acompanhado por um garoto, um amigo e seus dois filhos quando, por volta das 21:00 h, todos viram uma luz estranha num pasto a 300 metros de distância de onde estavam. Nesse instante, seu amigo riscou um isqueiro para acender um cigarro quando, de repente, aquela luz veio na direção exata de onde estavam; era uma bola avermelhada, com uma cauda escura, onde se viam luzes amareladas. Como já estavam longe da Fazenda da Batéia, de onde vieram, e não podendo para lá regressar, puseram-se a correr estrada afora, em direção a suas casas; mas Campos estava carregando o garoto menor no colo e ficou para trás do pessoal e mais perto da luz. Quando o entrevistamos, ele nos contou que quanto mais corria daquela luz, mais devagar se movia; "parecia que aquela bola luminosa estava me travando ao chão", declarou-nos. Mesmo assim, conseguiram chegar a suas casas e, de lá, ver o clarão do UFO sobre uma moita de bambu.

Campos então deitou o garoto numa cama e foi até à porta da sala, quando viu um engenho pousado no topo de uma serra a cerca de 800 metros de distância: era uma bola avermelhada e dela sairam duas sombras ou vultos semelhantes a cachorros. Os vultos movimentavam-se a frente do engenho, que por ser iluminado permitia que o observador tivesse uma visão mais clara, embora apenas de sombras; segundo a testemunha, aqueles vultos teriam de 80 cm a 1 metro de altura. Nisso, tentou chamar sua esposa, mas ela não se levantou da cama; Campos ainda ficou observando aquilo ocorrer por vários minutos, até que o UFO subiu em vôo vertical, fazendo um barulho semelhante a chiado e iluminando o local num raio de 300 metros.

Dois dias depois estivemos no lugar do pouso para analisar o terreno, o que não foi fácil, pois o acesso era muito íngrime. Infelizmente, após verificarmos uma grande laje de pedra, onde presumivelmente o objeto fez seu pouso, não conseguimos encontrar vestígios de aterrissagem. No entanto, achamos algo interessante: duas pegadas próximas à laje, distantes entre si mais ou menos 1 metro e com menos de 10 cm de comprimento por cerca de 7 cm de largura na parte maior, cada. As marcas eram de um calçado sem salto e não tinham qualquer desenho ou marca, parecendo pés de crianças de 6 anos. Exceto isso, nada mais pudemos encontrar; mas ficamos impressionados com as pegadas, e por 3 razões: primeiro, comumente os calçados têm marcas em suas solas; aqueles não tinham. Segundo, aquele é um lugar de difícil acesso, principalmente para crianças, o que exclui serem as marcas de sapatos de crianças das redondezas. E terceiro, as pegadas estavam recentes. Embora tenhamos estes indícios, não podemos dizer que eram pegadas dos supostos seres semelhantes a cachorros que Campos observou. Na casuística ufológica, no entanto, encontramos centenas de relatos que registram descrições de seres pequenos, com cabeças desproporcionais em relação ao corpo e de muitas outras formas, algumas vezes até semelhantes a animais. De qualquer forma, temos alguns interessantes casos de 3º grau, ocorridos em Passa Tempo, a narrar:

■ Contou-nos um morador da zona rural do local chamado Ribeirão, que não quis se identificar, que há anos atrás, numa noite, ele e um colega viram estranhos seres de 1 metro de altura caminhando em fila, um atrás do outro e por uma trilha, até desapareceram atrás de um mato. Por estar escuro, não puderam observar maiores detalhes sobre a maneira como os seres estavam vestidos; no entanto, pelo comportamento ao andar e pela descrição da estatura dos seres, concluimos que os mesmos pertencem à conhecida classe dos extraterrestres de pequena estatura, chamados do Tipo Alfa[1], que fazem contatos com observadores espalhados por praticamente todo o globo. Existem milhares de casos semelhantes, e muitos deles dão conta de ETs caminhando em fila. Apesar de termos poucos subsidios para confirmar nossas conclusões, nesse caso em particular as evidências são claras. Mas há casos em que nada pudemos apurar, como o de um morador da região que afirmou-nos ter tido um contato com um ser que lhe apareceu voando e emitindo sons semelhantes à risadas; a criatura teria passado bem sobre sua cabeça; sobrevoando-o!

■ O jovem Geraldo Cândido e seu sobrinho, há tempos atrás, por volta de 23:00 h de uma determinada noite, seguiam por uma 'trilha' que passava dentro de um mato no lugar chamado Sesmaria, já citado várias vezes como um local de grande incidência ufológica. De repente, se encontraram face-a-face com um ser esquisito e de apenas 1 metro de estatura, mas que "parecia ter olhos de fogo", segundo declarou Cândido. Diante da criatura,

em um segundo foram iluminados por uma luz intensa emitida provavelmente por ela, pois vinha de sua direção; nisso, perderam os sentidos e só acordaram na manhã seguinte, quando o sol já raiava. Ficaram inconscientes por várias horas, o que os impediu de prestarem maiores informações sobre o contato - e também porque tudo aconteceu muito repentinamente. Como exemplo de interpretação ligando o fato ao campo do folclore, na época em que o fato ocorreu as testemunhas julgaram que tinham encontrado o demônio pela frente, especialmente porque, nesse mesmo local, temos grande quantidade de contatos de 1º e 2º graus com naves, o que o deixa bem conhecido como um lugar "mal-assombrado".

■ Noutra ocasião, por volta da década de 70, um garoto residente no lugar chamado Calafate teve uma experiência com um alienígena. Naquela época, as casas daquele bairro eram muito poucas e esparsas, com pouca vizinhança. O jovem viu entrar em sua casa, num fim de tarde e quase já anoitecendo, um homem alto, com roupa estranha e tendo os lábios carnudos e vermelhos; "seus olhos" - lembra o rapaz - "eram grandes e estranhos, e seus cabelos encarapinhados e vermelhos". O ser não disse coisa alguma e simplesmente atravessou toda a casa, saindo pela porta da cozinha e embrenhando-se num milharal próximo. O observador nos contou que aquele homem jamais poderia ser da Terra, pois era completamente diferente de tudo que já vira. Casos como esse não são muito comuns, mas também não são poucos: existem centenas de ocorrências em que 'pessoas estranhas' aparecem do nada e, trajando-se e caminhando esquisitamente - além de terem aspecto peculiar -, desaparecem também sem deixar rastros; há também casos em que se aproximam de residências, como esse, ou de colégios e fábricas. Em determinadas ocasiões, falam alguma coisa aos seus interlocutores, mas ou em língua desconhecida ou com forte sotaque; em casos mais extremos, pedem ou dão alguma coisa aos observadores. O curiosos é que não se observa uma nave ou qualquer outro veículo (UFO) nas redondezas da ocorrência.

■ Os senhores Geraldo e Luiz Teixeira voltavam de um baile no local conhecido como Aguadinha, há vários anos atrás, quando um deles, que vinha à frente, viu um ser de 80 cm a 1 metro de altura parado próximo a um barranco. Ele vestia um conjunto do tipo safari, de cor amarelada, e trazia na cabeça uma espécie de boné de bico; tinha o tipo físico atarracado, "troncudo', como se fala no interior, e seus braços era pequenos. O ser gesticulou com as mãos e murmurou alguma coisa para um dos senhores, que não conseguiu compreendê-lo e, apavorado, seguiu em frente. Seu irmão, que vinha mais atrás, viu o mesmo ser quando aproximou-se do barranco; também nesta ocasião o ser gesticulou e falou-lhe algo, que este observador também não compreendeu e, com medo, imediatamente correu e alcançou seu irmão. Ambos estavam apavorados e seguiram em frente, com toda a pressa, sem trocar uma palavra entre si; só quando chegaram dialogaram sobre o assunto, porém interpretando o fato como sobrenatural. Este é um caso semelhante ao anterior, porém com duas testemunhas e com tentativa de comunicação por parte da entidade, um tipo de caso pouco comum.

■ Outro tipo de ocorrência ligada a ETs, que é um tanto incomum mas que tem sido bem registrado no interior, é o dos pequeninos seres que são vistos em quase todo o mundo, inclusive subindo e descendo em árvores, porteiras etc - comumente interpretados como seres sobrenaturais. Certa vez, uma professora de uma escola rural de Passa Tempo, que sempre nos auxilia em nossa pesquisa ufológica, a Sra. Eni Gouveia, contando à sua classe alguns fatos ouvidos no povoado em que leciona, ouviu de uma garotinha uma

história sobre o avistamento de um ser à porta da cozinha de sua residência. Comunicados pela professora, fomos até o lugar - o conhecido Tombadouro - para investigar o caso. A menina, de 8 anos, a princípio mostrava-se esquiva em nos relatar o fato, mas logo começou a narrar o ocorrido, dizendo-nos que certa noite abriu a porta da cozinha de sua casa e viu, do outro lado de uma cerca de arame farpado, um ser estranho. A criatura vestia uma roupa negra com largas mangas, trazendo na cabeça um boné ou chapéu com uma pena; o suposto chapéu teria mais ou menos a forma daqueles usados no século passado, segundo descreveu a menina. O ser fez um movimento com os braços para cima e para baixo e, nesse instante, ela ouviu um ruído como se a roupa dele fosse de plástico ou de material semelhante, mas nunca de tecido comum. Apavorada com a visão, fechou a porta imediatamente e gritou por sua mãe que, minutos depois, verificando o quintal, nada pode ver. O fato se deu em 1985, aproximadamente às 21:00 h; dias antes, moradores do local viram uma bola de fogo rondando serras próximas. Pedimos a garota para fazer um desenho do ser, especialmente da roupa e do chapéu, já que não viu seu rosto ou outras partes do corpo; assim, fizemos uma busca em nosso arquivo e encontramos uma outra descrição de um ser bem semelhante, visto na França dos anos 50, inclusive vestido mais ou menos da mesma maneira descrita pela garota. É claro que o chapéu poderia ser um capacete e a pena até uma antena, mas a garotinha reside na zona rural e não tem conhecimento de assuntos deste tipo, de ficção científica ou de outros - e nem assiste a filmes, lê revistas ou tem qualquer outro contato com coisas do gênero. Sua narrativa foi sincera e sem fantasias!

■ Em julho de 1971, às 03:00 h, o jovem Valdir Gouveia voltava para sítio de seu pai, na estrada entre Passa Tempo a Morro do Ferro, quando teve uma experiência ufológica. Estava chovendo muito no local mas ele, portando um guarda-chuva, não se preocupava; de repente, viu um forte clarão do lado da estrada e, ao olhar para o mesmo, sentiu seus olhos arderem. Quando fixou sua visão no clarão, viu um engenho do tamanho de um carro de passeio, ovalado e com uma cúpula transparente; dentro do veículo, sentado, viu uma figura semelhante a um ser humano com as mãos no queixo. O ser tinha os cotovelos apoiados sobre as pernas e olhava fixamente para a chuva, que caia torrencialmente; apavorado com o que via e com a intensa luminosidade emitida pelo engenho, Valdir seguiu em frente ainda vendo, de longe, a forte luz emanada pelo UFO. O medo do desconhecido não lhe permitiu colher maiores detalhes sobre o que se passou, mas aparelho que descreveu seria uma nave discóide de um tipo pouco observado em nossa região.

■ No mês de agosto de 1987 aconteceu um fato com um morador de nossa região, José Maurício Resende, mas só tomamos conhecimento do mesmo em outubro, o que prejudicou nossa pesquisa. O caso aconteceu na Fazenda Santa Rosa, onde o jovem que teve a experiência trabalhava; ao entrevistá-lo, relatou que num início de noite, por volta de 18:20 h, foi a um pasto próximo verificar uns animais de raça que ali pastavam e uma égua prestes a dar cria. De repente, viu bem à sua frente um ser de 1,20 metro de altura, vestindo uma roupa preta semelhante a couro ou napa brilhante, fechada no pescoço, nos punhos e pés; calçava sapatos pretos sem saltos e tinha os olhos vermelhos, sombracelhas, nariz e um boca bem fina - todos os órgãos também vermelhos. Tinha também os cabelos encarapinhados e de cor preta, como seu rosto e mãos; o ser fitava-o e levantava a mão como se fizesse um gesto chamando-o, além de pronunciar palavras que ele não entendeu. Mas o observador ficou aparentemente preso ao solo, sem poder se mover, gritar ou correr; e ali ficaram, frente-a-frente, por quase 10 mi-

nutos, enquanto o ser pronunciava as mesmas palavras desconhecidas numa "fala fina". De repente, pareceu que o estranho ser deu salto, desaparecendo de sua visão, mas o observador ainda ficou alí cerca de 5 minutos, sem poder se movimentar; mas, recobrando os movimentos, correu apavorado para sua residência. Lá chegando, arrebentou a porta da cozinha com um empurrão e, sem poder falar, foi socorrido pela esposa e um irmão, que ouviram sua narrativa quando pôde conversar. Naquela noite não conseguiu dormir, tendo os olhos irritados e uma forte indisposição em todo o corpo - para ele, aquele ser era o demônio, daí o seu temor! Em nossos arquivos encontramos narrativas de contatos semelhantes ao exposto, em nosso país e no exterior: seres de cor negra, cabelos escarapinhados, olhos vermelhos, baixa estatura e traje semelhante ao citado já foram vistos em diveros lugares do globo.

Referências bibliográficas:

01. Tipologia dos Humanóides Extraterrestres, de Jáder U. Pereira, Coleção Biblioteca **UFO** nº 01, obra editada pelo Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores (CBPDV), 1991. Tipo Alfa: descrição dos tipos físicos de seres extraterrestres.

CAPÍTULO 10

Os contatos ufológicos com sondas teleguiadas ou programadas

No campo da pesquisa dos UFOs, além das naves tripuladas temos também as sondas teleguiadas ou programadas, ambas de origem extraterrestre e de atuação em nosso planeta - mas sem carregar tripulação. São engenhos sofisticados, construidos com tecnologias que fogem à nossa compreensão científica atual. No entanto, as sondas fazem parte de um campo ainda muito pouco explorado pela Ufologia, como pode ser verificado nas centenas de obras já publicadas sobre o assunto, que quase nada contêm sobre matéria tão interessante. Estas sondas, tão presentes nos mais diversos locais do globo e sendo observadas com imensa regularidade, acreditamos, devem ser engenhos controlados por alguma espécie de computadores fabulosos, embora pequenos (as sondas têm no máximo 1 metro de diâmetro); devem ser dotados de equipamentos de gravação de imagens e de sons, além de sensores especiais para pesquisas de minerais, vegetais etc; e devem ter desígneos - objetivos - que transcendem a nossa imaginação. O contatos com sondas são milhares e correspondem à uma boa parcela de todos os casos ufológicos de graus simples (zero, 1º e 2º graus) já registrados na casuística ufológica - pelo menos no Brasil, acreditamos que mais de 30% das observações de UFOs são observações de sondas, e não de naves tripuladas.

Igualmente, tais contatos datam de muito tempo, são muito antigos e até bem pouco tempo nunca foram incluídos em obras sérias sobre UFOs, tendo em vista que as narrativas dos contactados por elas são quase sempre fantásticas! Por sua regularidade em determinados locais, por suas atividades principalmente noturnas e por suas características de alta velocidade e instantaneidade de movimentos, acreditamos que as sondas sejam responsáveis também por mais de um-terços das lendas e mitos do folclore brasileiro, principalmente os ligadas à água e aos minerais. Já pesquisamos pessoalmente centenas de ocorrências de sondas, algumas que nos lembram ficção científica, mas todas reais; e, com o passar dos anos, começamos a dar peso e valor maiores aos casos de sondas dentro casuística ufológica. O problema para pesquisá-las, no entanto, reside no fato de que são equipamentos muitas vezes minúsculos, indo de centímetros a quase nunca mais de um metro de diâmetro; suas formas também são as mais variadas possíveis, indo desde sondas quadradas, fusiformes e esféricas até retangulares, discóidais e muitas outras. Em certos casos, algumas dessas sondas se comportam como se não tivessem um corpo físico, muitas vezes atravessando paredes, montanhas, estruturas de aviões etc. Noutros casos, são vistas entrando na terra ou saindo dela, ou ainda de rios e lagoas; esses fantásticos engenhos estão espalhados por todo o planeta, e acreditamos que têm a finalidade de coletar dados de todos os tipos para alimentar de informações os seres extraterrestres que nos visitam e suas civilizações, completamente interessadas na Terra.

Como era de se esperar, os avistamentos de sondas deram origem a muitas histórias sobrenaturais, lendas e mitos de nosso folclore. A **Mãe do Ouro**, considerada como uma pedra luminosa ou um diamante encantado, é um exemplo disso. E esta lenda é mais complexa: dizem os habitantes dos locais onde ela aparece que quem a pegar (a **Mãe do Ouro**) ficará rico, mesmo sendo algo difícil e perigoso. Essas sondas costumam perseguir carros, cavaleiros, penetrar em residências, pousar sobre lombo de animais, sobrevoar portei-

ras, pousar sobre ninhos de cupins etc. Mas sua observação não está restrita ao interior brasileiro: durante a Segunda Guerra Mundial, tanto os pilotos americanos e seus aliados, quanto os do lado da Alemanha nazista, tiveram encontros com essas bolas luminosas em seus aviões. Na região de Passa Tempo e municípios vizinhos esses contatos com sondas vêm acontecendo há mais de um século, e já pudemos colher centenas de relatos de pessoas idôneas, que jamais pensaram que o que viram pudesse ter relação com UFOs - assim como nós, no início de nossas atividades. Algumas das mais interessantes ocorrências narraremos a seguir:

■ Um antigo morador da localidade de Arcadas nos narrou um fato muito interessante. Contou-nos o senhor que, lá pelos anos 40, duas meninas viram uma bola esférica voando lentamente e à baixa altitude do solo, quando resolveram correr atrás dela e conseguiram pegá-la. Por ser muito bonita e atraente, guardaram a bola numa sacola que carregavam, para poder brincar com aquilo depois. Mas, passados alguns minutos, muito curiosas, abriram a sacola para verificar direito do que se tratava quando aquilo escapou, voando rapidamente para bem longe e desaparecendo em seguida. Relatos interessantes como esse são contados por pessoas de todas as idades, que presenciaram o fato ou souberam da ocorrência através de terceiros - todos ligados a pequenos artefatos luminosos que voam sozinhos. E esse caso, em particular, ocorreu há mais de 40 anos!

■ O jovem Rossini Machado Morais contou-nos que certa noite ele e outros colegas estavam próximos de um barranco quando viram surgir uma bola vermelha como ferro em brasa, que desceu no local. Tinha cerca de 25 cm de diâmetro e iluminava todo o local quando, de repente, apagou-se misteriosamente no fundo de um pequeno vale. Nada mais puderam ver, mas o caso tem paralelo com muitos outros que pesquisamos. Particularmente, um deles nos chamou a atenção: um jovem da região que estava caçando numa determinada tarde, já quase noite, viu sair de um buraco uma bola luminosa de cor azulada, que levantou vôo para o espaço. Acreditamos que esses engenhos ficam implantados em locais de difícil acesso, para se acionarem ao cair da noite, cumprindo um programa de pesquisas.

■ Em 1949, um morador do lugar conhecido por Paciência, na zona rural, disse-nos que achou uma bola com 10 cm de diâmetro, de cor escura e com diversas saliências, que estava num monte de cascalho. Ele deu aquilo ao seu pai, que tentou abrí-la mas, sem nada conseguir, resolveu quebrá-la; pegou uma marreta pesada e bateu fortemente nela, que se abriu finalmente em duas partes iguais. De seu interior saiu algo voando e emitindo um forte chiado, desaparecendo em seguida. Os outros pedaços foram posteriormente jogados fora, já que se pareciam com pedras comuns. Esse fato deu origem a histórias sobre pedras luminosas, preciosas e diamantes que, se fossem pegos por alguém, fugiriam tão logo se tentasse abrir sua "casca" de proteção, muitas vezes causando 'males' aos curiosos...

■ O Sr. Francisco Cordeiro, no ano de 1947, às 21:00 h, ia para sua casa no local Aguada, quando viu um clarão surgindo no espaço; era uma bola azulada com 30 cm de diâmetro, tendo dois feixes de luz amarelada, um de cada lado, que emitia um barulho semelhante a um chiado. Aquilo caiu à sua frente e ele, mais que depressa, pulou sobre ela, julgando ser a tão falada **Mãe do Ouro**; mas a bola saltou com extrema agilidade e fugiu de suas mãos, que repetiu a tentativa por mais duas vezes. Na última tenta-

tiva de Francisco, a bola levantou vôo e à uma altura de 1 metro seguiu atravessando um vale, voando à velocidade moderada. Contou-nos a testemunha, ainda, que apesar de estar intensamente iluminada, ao tocá-la não sentiu calor ou qualquer outro efeito. Mas, após levantar vôo, em poucos minutos já não se via mais a sonda, que desapareceu ao longe. Francisco disse "que poderia pegar aquela coisa se tivesse cuspido nas mãos", já que essa, segundo a lenda, é a fórmula mágica para pegar a **Mãe do Ouro** aqui na região!

■ Num fim de tarde de 1959, o Sr. Mauro Rangel viu uma bola avermelhada e de 30 cm de diâmetro voando do meio de umas pedras no leito de um rio para a direção de uma serra próxima. O Sr. José Sebastião Santos também a viu, fazendo trajetória exatamente idêntica, mas em 1930; era uma esfera azulada que saiu do meio de umas pedras do leito do ribeirão e seguiu na direção da serra. E o Sr. Valdivino Morais contou-nos que certa vez viu algo semelhante a isso, mas com uma espécie de periscópio, subir rio acima, fazendo um ruído de chiado; segundo ele, o engenho seria muito pequeno, já que o rio era raso. Esses avistamentos de sondas em leitos de rios são muito comuns, talvez até porque fiquem alí implantadas durante o dia, ou então pesquisando ou coletando algo que lhes interessa, levantando vôo pela noite, quando cai a iluminação ambiente. Muitas vezes são chamadas de **Mãe-d'Água** por isso.

■ A fuga das sondas quando alguém se aproxima para tentar pegá-las também é algo muito comum. Em 1948, os Srs. Ari e Juarez Souza estavam pescando no lugar chamado de Peão quando viram, no fundo do riacho, uma pequena esfera de cor amarelada. A água era muito limpa e permitia uma visão perfeita do objeto, que tentaram agarrar; mas ao aproximarem sua mãos, aquilo fugia. Após muitas tentativas, simplesmente desistiram do intento, mesmo porque viram que nada conseguiriam e porque a água tornara-se turva. Noutro caso contado de 'boca em boca', uma pequenina bola foi encontrada na zona rural de Passa Tempo e colocada dentro de uma caixinha; mas, ao verificar seu conteúdo dias depois, o proprietário da caixa notou que a bola desaparecera misteriosamente, mesmo a caixa tendo sido cuidadosamente fechada.

■ Em 1933, Sebastião José Gonçalves e um colega estavam nadando num riacho no lugar conhecido por Ouro Fino quando, de repente, viram uma bola luminosa sair de uma serra e voar na direção do lugar onde estavam. Logo, aquilo estranhamente formou um redemoinho no ar, lançando água e areia para cima, como se estivesse tentando cavando o leito do riacho. Mas, num instante toda aquela movimentação cessou e eles, curiosos, foram ao local verificar o que se passara, já que o rio era bem raso. No entanto, nada puderam encontrar alí, o que indicava que aquilo penetrou na areia. A história do Sr. Gonçalves é típica: estas sondas ou fazem buracos em diversos tipos de material ou tentam entrar nos que já existem. Uma senhora residente no Rio dos Bois, por exemplo, contou-nos que certa vez uma pequenina bola luminosa penetrou no buraco da fechadura de sua casa, voou por toda a residência e misteriosamente apagou-se, desaparecendo. Igualmente, em 1958, Djalma Andrade e outros estavam num baile no local Ribeirão quando, de repente, surgiu uma bola esférica com cerca de 8 cm de diâmetro, entrando porta adentro. Ela iluminou todo o lugar, deixando o pessoal apavorado, e ficou pairando perto de uma parede para depoís sair pela mesma porta, indo rumo à uma serra próxima, onde desapareceu.

■ Antonio A. Resende contou-nos que, em 1970, também viu no Rio dos Bois um objeto semelhante a uma pequena garrafa, que tinha algo como uma fita presa ao gargalo, soltando faíscas avermelhadas pelo bico. Aquilo iluminou o chão a sua volta e aproximou-se dele, voando em seguida para longe e à uma altura de 2 metros, emitindo um chiado. Também nesse ano, Francisco de Paula Santos passava próximo ao curral de uma fazenda no lugar Tombadouro, quando viu uma luz esférica com 8 cm de diâmetro voando à baixa altitude; aquilo passou perto dele e atravessou uma porteira entre duas de suas tábuas, seguindo vôo rumo à uma serra. A luz era muito intensa e parecia que a esfera emitia raios, mas a claridade não se espalhava.

■ Em 1976, Geraldo M. Duarte estava no lugar conhecido por Estiva quando viu uma bola esférica de 30 cm de diâmetro, multicolor, emitindo um chiado e voando horizontalmente à uma altura de uns 4 metros do solo. Voava a velocidade moderada e sem se desviar de sua rota, chegando até a bater num galho de árvore; dalí seguiu para o lugar chamado Toca. Neste ano, ainda, João B. Carvalho estava pescando na lagoa do Recreio quando viu uma bola vermelha com 25 cm de diâmetro, voando à baixa altitude da água e com velocidade moderada. A bola iluminava todo o local e, de repente, mergulhou na lagoa, desaparecendo.

■ José, Antonio e Raimundo, 3 jovens da região, vinham pela estrada próxima do Sesmaria quando surgiu à sua frente uma bola avermelhada que pairava a um metro do solo e que, minutos depois, tornou-se amarelada. Aquilo emitia um chiado parecido com um motor de carro em marcha lenta, tinha cerca de 15 cm de diâmetro e piscou mudando sua luminosidade para vermelho e, logo em seguida, para verde. Como a luz incomodava os olhos, não puderam mantê-los abertos, mas, de repente, notaram que aquilo apagou-se e nada mais viram. Nesse lugar, o Sesmaria, essas sondas sempre se fizeram presentes - e há mais de século! Contou-nos um morador do local, já bem idoso, que há mais de 90 anos se fala numa luz misteriosa que desce num barranco daquele lugar. Há dois anos atrás, algumas pessoas que alí trabalhavam viram, durante o dia, uma esfera aluminizada aterrissar no local; como era um pouco distante, demoraram para lá chegar, afim de examinar o solo, e nada mais puderam ver.

■ Sebastião M. Pereira, em 1976, às 19:00 h, estava fora de sua casa e viu passar a 2 metros de altura, 'a pino' sobre ele, uma bola de 50 cm de diâmetro; sentiu um estranho calor e correu, mas a sonda seguiu vôo em direção ao norte, iluminando todo o local por onde passava com uma luz amarelada. Também num entardecer, mas em 1954, Zamiro José Duarte estava no quintal de sua casa, na zona rural, quando viu uma esfera com 50 cm de diâmetro e de cor amarelada voar para dentro de sua casa, pela porta da cozinha. Ela iluminava profundamente todo o local e alguns minutos depois saiu por uma janela aberta na sala de estar, seguindo num vôo silencioso para uma serra próxima, onde desapareceu. Acreditamos que, em alguns casos, quando uma sonda se manifesta, há próximo do local uma nave tripulada, que pode estar teleguiando-a ou comandando-a, como já tivemos a oportunidade de registrar. A nave tripulada (um UFO) pode ficar distante e enviar sondas para realizarem algum tipo de pesquisa ou levantamento em residências, fábricas, colégios, minas etc, quer nas zonas rurais ou urbanas. É uma especulação, mas válida. E é claro que, se tal fato se confirmar, os tripulantes da nave devem receber de alguma forma as imagens e sons transmitidos pela sonda. Mas ainda só podemos fazer suposições, já que o assunto é muito complexo.

■ Sebastião Galdino contou-nos que, em 1976, estava em sua residência rural, deitado, quando todo o quarto se iluminou e ele viu uma bola esférica e amarelada pairando acima de sua cama; aquilo teria uns 20 cm de diâmetro e, apavorado, cobriu-se todo, inclusive a cabeça, com um cobertor. De repente, tudo ficou escuro no cômodo e o objeto havia desaparecido; mas, antes daquilo iluminar-se, ele havia ouvido um ruído semelhante a um estalido. Como se sabe, as residências rurais normalmente não possuem forro, o que facilita a penetração de algum engenho pequeno, justamente entre o telhado e a parede; um observador apavorado, vendo uma sonda iluminada tão próxima, pode não ter condições de dar com precisão a descrição de suas características e dimensões, mas com certeza não se esquecerá daquilo jamais. O contato acima se deu no lugar chamado Ribeirão e o observador ficou tão impressionado com o fato que, no outro dia, resolveu mudar de residência!

■ O Sr. José Resende Ferreira teve um contato interessante com uma sonda. Por volta de 1949, Ferreira seguia para sua casa, na zona rural, quando viu algo brilhar intensamente no espaço e cair bem à sua frente, iluminando todo o local profundamente. Mas, ao atingir o solo, aquele engenho diminuiu a intensidade de sua luz e ficou alí, no chão, emitindo uma claridade avermelhada. Nisso, Ferreira desceu de seu cavalo e foi olhar mais de perto o que era aquilo; apesar do medo do engenho estar quente, aproximou sua mão para sentí-lo, mas não havia mesmo calor. No entanto, quando quis tocar a luz, a mesma fugiu à sua aproximação, e por mais que tentasse, não conseguia encostar suas mãos no misterioso objeto, que tinha a forma de um lápis com duas pontas afinadas, cerca de dois centímetros de comprimento e era da cor de um ferro em brasa. Depois de muito tentar, desistiu de pegá-lo e seguiu para sua casa. Em 1957, um fato idêntico se deu com o jovem Geraldo Antonio, que residia em Passa Tempo e viu uma pequenina esfera azulada no solo; ao aproximar-se, notou que aquilo tinha o tamanho de uma bola de vidro ('bola de gude'). Tentou várias vezes pegá-la, mas aquilo fugia à aproximação de suas màos e, após muitas tentativas, levantou vôo e desapareceu.

■ No ano de 1970, a Sra. Edite Ferreira estava 'catando' café no local conhecido por Chaminé quando, numa das vezes que encheu a peneira no solo, viu algo semelhante à uma esfera, de cor parda e cerca de 5 cm de diâmetro. Tomou aquilo em suas mãos e, sacudindo-a, notou que havia algo dentro; curiosa, chamou seu irmão e ambos tentaram quebrar o objeto com o auxílio de um cascalho. Ao baterem na esfera, aquilo abriu-se automaticamente em duas partes e inflamou-se, fazendo Edite jogá-la longe de onde estavam e correr acompanhada do irmão. Ainda com medo, foram chamar o encarregado do serviço, e quando voltaram ao local, nada encontraram: tudo havia se evaporado misteriosamente.

■ Contou-nos um morador da zona rural do município de Piracema, que certa noite viu uma esfera luminosa encravada num barranco da estrada, que teria mais ou menos 10 cm de diâmetro e ficava emitindo uma luminosidade fantástica. Com medo, deixou o local sem colher maiores detalhes. Em 1978, Valdete Andrade viu, à porta de sua residência, no lugar conhecido como Véu, uma bola esférica com a cor de um ferro em brasa e com 5 cm de diâmetro. Gritou para chamar seu marido e fechou a porta, mas depois, abrindo-a, nada mais viram.

■ O já citado Jornal Cinco de Março, de Goiânia (GO), publicou uma repor-

tagem em 1978 sobre uma suposta sonda que havia sido encontrada por uma senhora residente no município de Arraias. Nesse local, numa noite, foi vista uma luminosidade impressionante e, no dia seguinte, Dª Almezina Soares, uma lavadeira de 62 anos de idade, foi ao riacho Córrego Rico lavar roupas quando tropeçou num objeto esférico; parecia uma daquelas balas de canhões antigos, com dois furos rasos e pesando 7,3 k. Dª Almezina lavou a roupa e foi embora, deixando o objeto por alí; mas, pensando na noite anterior, resolveu voltar ao riacho e recolhê-lo, levando-o para sua casa e atraindo muitos curiosos que queriam vê-lo. Colocado sobre uma mesa, a mesma tremia incessantemente, e deixada em baixo da cama, às vezes aparecia na cozinha no outro dia. Impressionada, queria até jogar o objeto fora, mas entregou-o à redação do jornal que, posteriormente, levou a bola a um órgão do governo - este realizou vários exames na mesma e até hoje não os divulgou.

■ No dia 7 de março de 1984, às 06:20 h, o Sr. Geraldo Eduardo estava no bairro Campo Grande, em Passa Tempo, quando viu uma bola luminosa liberando uma cauda avermelhada em sua passagem. Aquilo voava silenciosamente e se dirigiu ao local citado, o Peão. Nesse mesmo dia, alguns minutos depois, o garoto Luiz G. Moura foi recolher as vacas para levá-las ao retiro de coleta de leite quando, chegando à uma cascalheira, viu um estranho engenho no solo, uma esfera de 15 cm de diâmetro e emitindo forte luminosidade amarelada. Desceu do cavalo e resolveu pegar aquilo mas, ao aproximar-se à distância de 1 metro, a esfera começou a emitir estalidos e a oscilar; de repente, levantou vôo, deixando uma cauda avermelhada de onde caiam fagulhas. Dalí, aquilo seguiu para um mato próximo, onde fez novo pouso, desaparecendo da visão do observador. O garoto, apavorado com o que viu, montou seu cavalo e foi relatar o fato a seus familiares. Para ele, que desconhecia o Fenômeno UFO, aquela esfera brilhante era a **Mãe do Ouro**. Quando o entrevistamos, o garoto narrou com suas simples palavras o ocorrido, inclusive dizendo que o ruído do UFO era semelhante "ao cair de um punhado de milho, grão por grão, ao solo". O lugar Peão é de muita incidência ufológica, possuindo serras altas e uma grande mata verde; mas a sonda ainda não ficou por lá e, alguns minutos após, o Sr. Ibraim A. Uba estava em seu sítio e viu a mesma bola luminosa surgir no espaço e descer diagonalmente na direção de uma plantação de capim napié. Não pôde ver o lugar exato, já que algumas árvores atrapalhavam a visão mas, mesmo assim, o fenômeno o intrigou bastante.

Palavras finais

E assim mostramos nossa pesquisa ufológica, que desenvolvemos sem fantasias e com muita objetividade há mais de 25 anos na região de Passa Tempo e munícipios vizinhos, no estado de Minas Gerais. Esperamos, também, termos satisfeito os leitores que buscavam, nessa obra, conhecer as ligações entre os UFOs e o folclore brasileiro - ligação essa que pode ser constatada nas mais diversas regiões rurais de nosso país, desde que se faça uma pesquisa séria dos costumes e crendices de cada povo, em cada local, especialmente trabalhando com mente aberta e investigando até os lugares ditos "mal-assombrados".

Esperamos sinceramente que nosso trabalho seja de utilidade para todos aqueles estudiosos, pesquisadores ou meros interessados que, como nós, ousaram um dia buscar a verdade, toda a verdade, sobre esses misteriosos engenhos que nos visitam há milênios e amedrontam os povos do mundo. Engenhos de fabricação extraterrestre, projetados e construidos por civilizações de seres avançados e distantes no Cosmos. Oras, se não existissem seres inteligentes no Cosmos, não haveria necessidade de existirem as galáxias... Mas, mesmo com muita pesquisa e coleta de dados, mesmo com muito esforço e imparcialidade, mesmo com muita objetividade e persistência em nosso trabalho, o assunto é tão complexo que é importante refletir e ver que estamos muito longe ainda da verdade, de uma verdade final ou absoluta - mas já estamos bem mais perto dela do que quando iniciamos!

O autor

Antonio Pedro da Silva Faleiro é um mineiro de Passa Tempo, nascido a 24 de abril de 1941, casado, tem dois filhos e dedica-se ao estudos dos UFOs desde 1957. Em 1970, foi investigador deste fenômeno para a Aeronáutica Brasileira, compondo o quadro do Sistema de Investigação de Objetos Aéreos Não Identificados (SIOANI), órgão criado pela FAB em 1969. Em julho de 79, classificou-se em 2º lugar no I Encontro Nacional de Teses Ufológicas, promovido pela organização ARCA, do Rio de Janeiro. Já participou como conferencista em inúmeros eventos ufológicos, entre eles:

I Encontro Niteroiense de Ufologia, Niterói (RJ)
III Simpósio de Ufologia Mística, Petrópolis (RJ)
IV Simpósio de Ufologia Mística, Belo Horizonte (MG)
I Congresso Ufológico da APEX, São Paulo (SP)
I Seminário Aberto de Ufologia, Rio de Janeiro (RJ)
III Encontro Nacional de Teses Ufológicas, São Paulo (SP)
II Seminário Mineiro de Ufologia, Belo Horizonte (MG)
I Encontro Ufológico do Grupo ELO, Rio de Janeiro (RJ)
II Congresso Internacional de Ufologia, Brasília (DF), etc

Faleiro já escreveu três obras sobre o assunto, entre elas o livro Meus Contatos com OVNIs, onde relata suas experiências pessoais com o fenômeno. Atualmente, edita o boletim Cosmonig, que é distribuido gratuitamente a grupos de pesquisas do país e do exterior. É consultor da **Revista UFO** e representante estadual do Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores (CBPDV) em Minas Gerais. Construiu o primeiro observatório ufológico

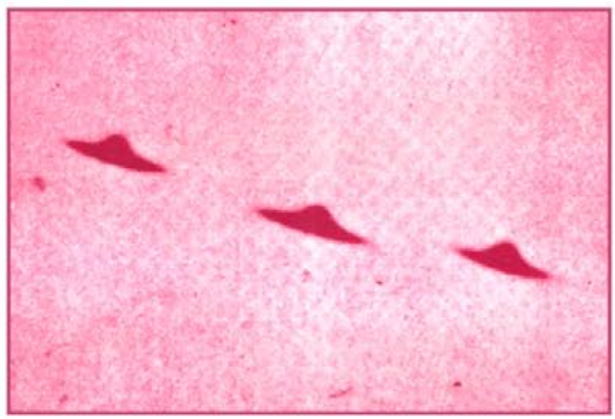
do país, na região de Passa Tempo, e colabora constantemente com artigos para revistas especializadas em Ufologia em vários paises do mundo, além do Brasil. Seu endereço para correspondências é: Rua Francisco Teodoro 36, 35537 Passa Tempo (MG).

O que você precisa saber sobre os UFOs

O fenômeno dos discos voadores é tão antigo quanto nossa história sobre o planeta Terra. Desde os tempos mais remotos, existem registros de observações de naves extraterrestres e contatos com séus tripulantes. Porém, foi a partir da década de 40 que o Fenômeno UFO, como é conhecida a presença extraterrestre em nosso planeta, passou a manifestar-se mais intensamente. As observações destas naves têm sido registradas em praticamente todos os países do mundo, com uma distribuição geográfica uniforme. Igualmente, os contatos diretos com seus tripulantes, chamados de "ufonautas", têm ocorrido com bastante regularidade. Hoje, estima-se que haja algo perto de 3 milhões de observações de discos voadores, registradas oficialmente pelas forças armadas de mais de 120 países. Desse total, algo perto de 90 mil são contatos com naves pousadas no solo e com os seres que as tripulam.

A matéria é tão extensa que já se pesquisa esse assunto cientificamente há 4 décadas, a nível civil e militar, através da novíssima disciplina denominada Ufologia, que já reúne milhares de pessoas em todo o mundo. No Brasil, por exemplo, existem pelo menos 300 organizações civís dedicadas ao assunto, totalizando cerca de 10 mil pesquisadores. Estas entidades organizam congressos e eventos onde o público tem acesso às informações. Entre essas organizações está o Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores (CPDV), a maior entidade brasileira de Ufologia e responsável pela **Revista UFO**, que por sua vez é a única publicação do gênero existente em nosso país. Os arquivos do CBPDV contém cerca de 10 mil relatórios de observações ufológicas e contatos ocorridos no Brasil e exterior.

Como são os contatos imediatos



O CBPDV classificou os contatos com UFOs e seus tripulantes em 6 categorias, baseado no nível de interação entre o fenômeno UFO e o observador.

- **Contato Imediato de Zero Grau (CI-0)**: este tipo de contato é a simples observação do UFO à grande distância, durante a noite, quando é brilhante, ou durante o dia, quando apresenta superfície metálica.
- **Contato Imediato de Primeiro Grau (CI-1)**: neste tipo de contato a observação é realizada à distância menor, tanto de dia quanto a noite, quando se pode definir detalhes do UFO, tais como janelas, pontos de luz, anexos, etc.
- **Contato Imediato do Segundo Grau (CI-2)**: este contato se dá quando o UFO pousa no solo ou sobrevoa algum local, geralmente deixando sinais de sua passagem (vegetação queimada, fragmentos de metais, etc), provocando também perturbações em pessoas e animais.
- **Contato Imediato de Terceiro Grau (CI-3)**: este tipo de contato se dá quando há a observação de tripulantes do UFO, dentro ou fora dele, sem, no entanto, comunicação com o observador.
- **Contato Imediato de Quarto Grau (CI-4)**: já neste contato ha a observação de tripulantes do UFO e se manifesta algum tipo de comunicação entre estes e seus observadores, seja falada, gesticulada ou telepática.
- **Contato Imediato de Quinto Grau (CI-5)**: este é o contato mais profundo entre o humanos e os extraterrestres, quando há o ingresso do observador no UFO, voluntariamente ou não. Quando esse ingresso se processar à força, está caracterizado um seqüestro, conhecido na Ufologia por "abdução".

O Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores (CBPDV) é uma organização científica, sem finalidades lucrativas ou políticas, essencialmente aberta à participação de interessados. Para obter maiores informações sobre o Fenômeno UFO ou filiar-se ao CBPDV, escreva para:

CBPDV

Caixa Postal 2182
79021 Campo Grande (MS)
Fone (067) 384-3921.